

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL  
FLAVIA LUCE MAISONNAVE**

**DE IMAGENS A SONHOS,  
UMA MICRO-INTERVENÇÃO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL  
ESTÉTICA ONÍRICA NO ASYLO DE POBRES, RIO GRANDE, RS**

**RIO GRANDE - RS  
2010**

**FLAVIA LUCE MAISONNAVE**

**DE IMAGENS A SONHOS,  
UMA MICRO-INTERVENÇÃO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL  
ESTÉTICA ONÍRICA NO ASYLO DE POBRES, RIO GRANDE, RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental, na linha de pesquisa: Educação Ambiental Não-formal.

Orientador: Professor Doutor Victor Hugo  
Guimarães Rodrigues

**RIO GRANDE  
2010**

M231i    Maisonnave, Flavia Luce.  
De imagens a sonhos, uma micro-intervenção de educação ambiental  
estética onírica no Asylo de Pobres, Rio Grande, RS / Flavia Luce  
Maisonnave ; orientação do Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues. –  
Rio Grande : FURG, 2010.  
164 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande –  
Mestrado em Educação Ambiental.

1. Educação ambiental. 2. Educação estética onírica. 3. Velhice  
4. Devaneio poético. 5. Asylo de Pobres. I. Rodrigues, Victor Hugo  
Guimarães. II. Título.

CDU 504:37

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Dr. Victor Hugo Guimaraes Rodrigues  
(FURG)

---

Dr<sup>a</sup> Ivalina Porto  
(FURG)

---

Dr. Valdo Hermes de Lima Barcelos  
(UFSM)

## AGRADECIMENTOS

À minha família, pai, mãe e Laura, por entenderem e apoiarem a viagem que me propus realizar e não medir esforços para sua concretização. E principalmente pelos momentos que mesmo não entendendo os caminhos que eu percorria, seguravam a minha mão e seguiam comigo.

Ao meu namorado Luis Vinícius e sua família, que estiveram sempre do meu lado, mesmo quando eu estava a quilômetros de distância.

Aos colegas de mestrado, em especial aos parceiros desta jornada Lucilaine, Claudinho, Aninha, Fernanda, Diana, Michele, Leonir, Cláudia, Dani e Aline.

As velhos, funcionários, voluntários e profissionais do Asylo de Pobres de Rio Grande, por abrirem as portas da casa para a realização desta pesquisa.

Aos professores sem os quais eu não teria chegado até o fim desta dissertação. São eles Susana Inês Molon, Maria do Carmo Galiuzzi, Pablo René Estévez, Cleusa Peralta Castell e Carlos Alexandre Baungarten. Eles foram os grandes educadores ambientais que levei como exemplo a ser seguido e que auxiliaram no caminho da construção do conhecimento e da compreensão das relações humanas e do meio ambiente.

Aos professores Ivalina Porto e Valdo Barcelos por comporem as bancas de qualificação e defesa da dissertação, auxiliando com especiais contribuições para a realização da mesma.

Ao meu orientador Victor Hugo Guimarães Rodrigues, mestre espiritual e amigo e à sua esposa Eliane.

Aos queridos seu Guilherme e Carla Rosi pela amizade e hospedagem.

Ao secretário do PPGEA, Gilmar Conceição, por seu carinho e o chimarrão amigo.

À funcionária da portaria Angélica, Tia Clarinha e gurias da limpeza, pelo companheirismo nos momentos que eu precisava de um ombro amigo na distância de casa.

## RESUMO

Acreditando-se no valor do idoso e do quanto precisamos resignificar nosso olhar sobre esta fase da vida, pela qual todos iremos passar que realizou-se esta micro-intervenção de Educação Ambiental Estética Onírica no Asylo de Pobres em Rio Grande, RS. Esta pesquisa se justifica pela crescente associação da Educação Estética à Educação Ambiental, procurando estudar as singularidades existenciais entre os sujeitos que residem e trabalham no Asylo de Pobres, potencializando os processos de criação onírica em grupo. Particularmente se justifica pela busca da autora em seguir seu caminho, sua “trilha pessoal” e se descobrir um sujeito sonhador no Mestrado em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), durante os anos de 2008 à 2010. O problema deste estudo girou em torno de como os diferentes sujeitos, inseridos ou não na rotina de um asilo, se relacionam e produzem seus devaneios individuais e coletivos, possibilitando a criação de imagens sonhadoras. O objetivo geral foi investigar as relações e possibilidades de Educação Ambiental no Asylo de Pobres de Rio Grande, através da Educação Estética Onírica, utilizando-se para tal a metodologia de Oficinas de Criação de Sonhadores (OFCS). As OFCS são espaços para a criação de idéias, produção de sonhos e imagens dinâmicas, pensamentos e sensações pelos sujeitos participantes da pesquisa. Tais espaços podem ser construídos de diversas formas, como em passeios na Praia do Cassino, piquenique em praças, cinema com pipoca no asilo e festas com temas infantis. A análise deste estudo foi realizada através da Análise Textual Discursiva (ATD) e resultou em três categorias, sendo elas: percepções da vida no asilo, o olhar da cultura sobre o velho e o despertar do devaneio poético. Estudar a instituição Asylo de Pobres, com um enfoque educacional, ambiental, estético onírico foi um sonho possível de se pesquisar.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental, Educação Estética Onírica, Velhice, Devaneio Poético e Asylo de Pobres.

## ABSTRACT

Believing in the value of the elderly and how much we need to reframe our view of this phase of life, whereby we will spend all that took place this micro-intervention dreamlike aesthetic Environmental Education in the Asylum of the Poor in Rio Grande, RS. This research is justified by the increasing association of Aesthetic Education to Environmental Education, seeking to explore the existential uniqueness among individuals who live and work in the Asylum of the poor, enhancing the creative processes in dream group. Particularly if justified by the author's quest to follow his path, his "track personnel" and discover a dreamy guy in the Masters in Environmental Education, Federal University of Rio Grande (FURG) during the years 2008 to 2010. The problem of this study revolved around how the different subjects, or not included in the routine of a nursing home, relate and make their individual and collective dreams, enabling the creation of dreamy images. The overall objective was to investigate the relationships and possibilities for Environmental Education in Poor Asylum of the Rio Grande, through the Education dreamlike aesthetic, using the methodology for such workshops Creating Dreamers (OFCs). The OFCs are spaces for the creation of ideas, dreams and production of dynamic images, thoughts and feelings by participating subjects. Such spaces can be constructed in various ways, such as walking at Cassino Beach, picnic parks, movies with popcorn on asylum and parties with children's themes. The analysis of this study was accomplished through the Discourse Textual Analysis (DTA) and resulted in three categories, namely: perceptions of life in the asylum, the look on the old culture and the awakening of poetic reverie. Studying the institution Asylum of the Poor, with an educational focus, environmental, aesthetic dream was a dream of researching possible.

**Keywords:** Environmental Education, Dreamlike Aesthetic Education, Old Age, Poetic reverie, Asylum of the Poor.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 E 2- Foto do colo que Vó Dalcy me dava, em Torres (RS), no ano de 1980 e em Porto Alegre (RS), em 2001.....	47
Figura 3 e 4 - Aniversário da Vó Dalcy no primeiro residencial em que viveu.....	49
Figura 5 e 6 - Jogo da velha e palavras-cruzadas jogados por mim e Vó Dalcy.....	51
Figura 7, 8, 9, 10 e 11 - Momentos em que nos divertíamos em família ao cuidar da Vó Dalcy.....	52
Figura 12 - Assistente Social e a pesquisadora Flavia no micro-ônibus da FURG, com os idosos, voluntários e acompanhantes à caminho da Praia do Cassino.....	136
Figura 13 - Praia do Cassino, os argonautas na velhice rumo ao Atlântico Sul, entre eles Victor Hugo e Dona Suely.....	137
Figura 14 - Piquenique na praça Didio Duhá.....	138
Figura 15 - Salão de refeições do asilo, preparado para a Ceia de Natal com Festa de Criança.....	139
Figura 16 - Chegada do Papai Noel na festa.....	140
Figura 17 - Imagem escolhida por Neca.....	142
Figura 18 - Imagem escolhida por Jenifer.....	142
Figura 19 - Imagem escolhida por Lya.....	143
Figura 20 - Sala de estar, com o material de áudio-visual instalado e projetando o vídeo.....	145
Figura 21 - A pipoca passando pelos idosos, enquanto assistiam o filme.....	146



## SUMÁRIO

1 PALAVRAS INICIAIS: PREPARANDO A VIAGEM.....	11
1.2 APRENDIZ DE ESPANTO IMAGINÁRIO: NÃO HÁ CAMINHOS DEFINIDOS, A DESCOBERTA DA PESQUISA.....	19
1.2.1 A solidão como encontro, o tema de estudo.....	21
1.2.2 Justificativa e objetivos.....	25
1.2.3 Metodologia da pesquisa qualitativa.....	27
1.2.3.1 A produção de informações.....	29
1.2.3.1.1 A cultura da velhice nas sociedades primitivas.....	37
1.2.3.2 Oficinas de Criação de Sonhadores.....	40
1.2.3.3 A “artesanaria” na Análise Textual Discursiva.....	41
2.O CONVITE À VIAGEM IMAGINÁRIA: APRENDIZ DE SONHADORA.....	44
2.1 Viagens em família, acompanhando minha avó nos residenciais.....	48
2.2 Aprendizagens na Educação Ambiental, combustíveis para a viagem.....	53
2.2.1 Estudos sobre Educação Estética: DIVERSIDADES.....	54
2.2.1.1 A Educação Estética na perspectiva sócio-histórica: sensibilidade, criatividade e vontades.....	55
2.2.1.2 Educação Estética: o olhar para o Belo.....	57
2.2.1.3 Educação Estética Onírica.....	58
2.2.2 Uma carta sonhada: Um Mundo onde a idade não tem limites.....	68
2.2.3 Estudos sobre a Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano.....	73
2.2.4 Um estudo da história humana através da Arte e da Ecologia.....	78
2.3 As inúmeras idades vividas e sonhadas .....	85
2.3.1 A idade voltada à infância.....	90
3.FILOSOFIA DO ESPANTO IMAGINÁRIO APLICADA: O CAMINHO ESCOLHIDO PARA FAZER AS RELAÇÕES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM A VELHICE.....	94
3.1 Informações e testemunhos colhidos nas entrevistas.....	98
3.1.1 Percepções da vida no asilo.....	100
3.1.2 O olhar da cultura sobre o velho.....	115
3.1.3 O despertar do devaneio poético.....	126
3.2 Experiências Oníricas junto aos Sonhadores do Asylo de Pobres: Micro-Intervenções de Educação Ambiental Estética Onírica através das Oficinas de Criação de Sonhadores.....	133
3.2.1 OFCS 1: Visita à Praia do Cassino e piquenique na Praça Didio Duhá.....	135
3.2.2 OFCS 2: Ceia de Natal e Festa de Aniversário de criança no refeitório do asilo.....	138
3.2.3 OFCS 3: Imagens da velhice.....	141

3.2.4 OFCS 4: Sessão de Cinema Comédia .....	144
4.PALAVRAS FINAIS: PREPARANDO A PRÓXIMA VIAGEM.....	147
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	155
ANEXOS	

## 1. PALAVRAS INICIAIS: PREPARANDO A VIAGEM

O asilo sonha! Este é o fio condutor, a tese central que orienta a construção deste texto. Este é também o meu espanto imaginário. Através dele fui construindo a pesquisa que hora se apresenta, ao mesmo tempo que vou me constituindo como educadora ambiental, educadora estética onírica e sonhadora.

As imagens e os sonhos<sup>1</sup>, normalmente clichês e senso comum do que é um asilo, trazem a morte dos sonhos e as imagens associadas, de sofrimento, paralisia de emoções e a estagnação, à velhice, como uma verdade consolidada. Tais imagens tem sido constituídas desde o século IV, e ainda são fortalecidas pela cultura ocidental em que vivemos, onde um asilo é, e acaba por assumir o papel de ser, um lugar insalubre, onde abriga os velhos pobres e indigentes, que não tem mais serventia para a sociedade.

Quando convivi com a mãe de meu pai, Adalcy Lucena Maisonnave, nos locais em que ela morou, estes, foram casas particulares, com moradores de classe média, chamadas “residenciais de terceira idade” e “casas de repouso”. Já na pesquisa que realizei no “Asylo de Pobres”, na cidade de Rio Grande, nos anos de 2008 a 2010, me deparei com pessoas de classe baixa no primeiro andar do prédio, chamado asilo e classe média no segundo andar, chamado pensionato. Os locais e nomes mudaram, porém, a velhice, como final do ciclo vital humano, é uma fase esquecida, abandonada e independente da classe social do indivíduo, o velho é tratado da mesma forma, um ser que não é valorizado por nossa cultura. Indo na contramão desta visão tentei realizar neste trabalho, a busca junto às demais vozes que acreditam em uma nova cultura, onde a velhice tenha seus espaços valorizados. Encontrei estas vozes nos autores aqui referenciados e nos participantes da pesquisa.

Nesse sentido, Simone de Beauvoir (1990, p. 13) no livro “A Velhice”, mostra que a palavra velho tem um sentido negativo, “a sociedade impõe à imensa maioria dos velhos um nível de vida tão miserável que a expressão ‘*velho e pobre*’ constitui quase um pleonasma”. O próprio nome do asilo escolhido para esta pesquisa, “Asylo de

---

<sup>1</sup> Os termos imagens e sonhos que utilizo neste trabalho são originários de Gaston Bachelard. Para este autor “a imagem só pode ser estudada pela imagem, sonhando-se as imagens tal como elas se acumulam no devaneio. É um contra-senso pretender estudar objetivamente a imaginação, porque só recebemos verdadeiramente a imagem quando a admiramos” (1988, p. 52), enquanto que o termo sonho é descrito como um devaneio, onde “o devaneio é uma atividade onírica na qual subsiste uma clareza de consciência” (1988, p. 144).

Pobres”, nos remete ao conceito de um lugar que acolhe velhos indigentes, que não servem mais para nada, onde o tempo parece ter parado e eles foram abandonados. Pelo contrário, um asilo está fervilhando de vida, com pessoas cheias de histórias para contar, vontade de continuar a aprender e coisas a ensinar.

Com o aumento do número de idosos, novos espaços para abrigar esta etapa vital foram surgindo. Assim, além dos grandes asilos, casas de repouso e residenciais para a terceira idade foram sendo adaptados em antigas residências, para acolher estas pessoas. Acompanhei a vó Daley, como eu a chamava, durante oito anos de morada em casas para idosos de classe média e tive a oportunidade de aprender com as pessoas que convivem diariamente nestes ambientes. Junto a ela, participei do carinho na hora do atendimento, das festas de aniversário, dos momentos de alegrias e tristezas, aprendi receitas, jogos e artesanato com as conversas na sala de estar, observei o isolamento e a saudade de casa vividos pelos idosos. Esta diversidade de experiências de vidas, que a velhice proporciona às pessoas, me faz ir atrás do ambiente de um asilo, para encontrar com os velhos novamente e estudá-los, aprendendo também com eles a viajar pelo imaginário.

Estes momentos fazem parte de minha trajetória de vida e me levaram a estudar a Educação Ambiental, na linha de pesquisa Educação Ambiental Não-formal e conhecer a teoria de meu orientador, professor Dr. Victor Hugo Guimaraes Rodrigues, chamada “Filosofia do Espanto Imaginário”, defendida na tese intitulada “*Por uma Filosofia do Espanto Imaginário - Uma tentativa de reconstrução, através das imagens poéticas, da formação do filósofo-sonhador numa perspectiva bachelardiana.*”. Assim, através da Educação Ambiental, estudando as diferentes formas de relações do homem consigo mesmo, com os outros e com o ambiente, pude aprofundar os conhecimentos na área do sensível, desenvolvendo meus sentidos e aflorando meus sentimentos para uma nova forma de ver o mundo, mais colorido, diversificado e vivo.

Mesmo um ano antes de minha entrada no mestrado, quando nos comunicávamos por e-mail na internet, Victor Hugo me indicou o livro “Assim falou Zaratustra”, do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (2005) e livros do filósofo francês Gaston Bachelard, principalmente “A Poética do Devaneio”. Pela minha formação, havia aprendido a reconhecer o mundo de outra forma e as leituras indicadas iniciaram com muitas dificuldades, sem entender o que lia, mas tentando encontrar o rumo indicado. Acredito que isso se deve ao fato de que venho de uma formação na área das

Ciências Duras, a Biologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e preciso aprender a reconhecer os fenômenos de outras maneiras que não a racional e quantitativa.

No decorrer do mestrado fui orientada por Victor Hugo a iniciar um processo de desconstrução de mim mesma a fim de buscar a sensibilização. Nessa direção de tentar entender o que seria Educação Estética Onírica, comecei por buscar a diferenciá-la da Arteterapia<sup>2</sup>, estudada em um curso na Inglaterra, como atividades artísticas práticas de terapia, bem como da Arte Educação<sup>3</sup>, através de livros que buscava na biblioteca da FURG, como aprendizado da percepção da Arte através dos sentidos. Também cursei, como ouvinte, a disciplina *Fundamentos e Oficinas de Arte-Educação I*, da professora Cleusa Peralta Castell, no II Semestre de 2008, no curso de graduação em Artes Visuais da FURG.

Além disso, comecei a ler as dissertações dos orientandos de Victor Hugo, iniciando pela de Janaína Amorim Noguez, intitulada “*A Libertação da Alma Sonhadora: Experiências de Educação Ambiental vivenciadas com detentas da Penitenciária Estadual.*” (2006) e pela de Caroline Terra de Oliveira com o título “*Pescadores de Sonhos e Esperanças: experiências em Educação Ambiental com trabalhadores da Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel – Rio Grande/RS.*” (2008). Assisti às defesas das também orientandas Alice Fogaça Monteiro, denominada “*As Histórias que os Pescadores não contaram: construindo sonhos e narrativas através das vivências do grupo de artesãos da Barra.*” (2008) e de Mara Agripina Ferreira com a dissertação “*Toll, Imagens e Sonhos: o despertar de uma Pelotas Onírica.*” (2009). Assim, com o auxílio dos professores das bancas assistidas, pude assimilar com mais propriedade às orientações de Victor Hugo.

Visando a minha formação em Educação Estética Onírica, descobri ao longo do curso de mestrado que precisava olhar para dentro de mim, e encontrar meu sonho escondido, para entender que “o que possuímos está-nos sempre escondido, e de todos

---

<sup>2</sup> Urrutigaray (2003, p. 24) diz que “a finalidade da Arteterapia consiste em possibilitar a emergência de uma imagem imaginada transposta em imagem criada, a partir da utilização de materiais plásticos, que cedem sua flexibilidade e maleabilidade, a quem os utiliza, para expressar seus conteúdos íntimos”.

<sup>3</sup> Para a autora Buoro (2002, p. 236), o ensino da arte “é ação pedagógica consistente que extravasa as molduras da sala de aula para instalar-se como essência na vida do sujeito, seja ele o educador, seja aluno ou qualquer outro indivíduo captado por essa órbita, levando-o a romper as teias do automatismo e da massificação e a instaurar uma nova ordem de percepção, e, portanto, de significação, em suas relações com a realidade”.

os tesouros são o seu próprio que todos desenterram em último lugar” (NIETZSCHE, 2005, p. 174).

Nessa direção, me despertei como uma aprendiz de espanto imaginário e como tal, descobri que a cada passo dado uma nova surpresa nos espera, seja na curva da estrada, no topo da montanha ou no vale da paisagem. Assim, retomarei a temática da pesquisa muitas vezes ao longo desta dissertação, pois estarei seguindo o capítulo do *Eterno Retorno*, do livro *Assim Falou Zarathustra*, de Nietzsche. Nele, aprendi que retornamos ao ponto onde iniciamos nossos caminhos, mas os caminhos já não são idênticos, por mais que sejam os mesmos. Quando eu retomo a temática é para aprofundá-la, aplicando este capítulo lido, à escrita da dissertação.

Originalmente, sem caminhos definidos a seguir eu precisava devanear na solidão para encontrá-los e foi com muitas caminhadas na Praia do Cassino, na cidade de Rio Grande, que eles foram surgindo em meus devaneios felizes. Escolhido o caminho, foi hora de me encontrar como sujeito sonhador, me tornando uma leitora de poetas e trazendo o devaneio para minha vida: “a leitura dos poetas é essencialmente devaneio” (BACHELARD, 2008, p. 36).

Este despertar como sujeito sonhador me auxiliou na descoberta do tema de pesquisa, por dois motivos: primeiro, porque cada vez que eu passava em frente ao imponente prédio do “Asylo de Pobres”, minha imaginação me levava aos momentos que vivi com a Vó Dalcy e aos encantos que a imagem deste prédio antigo me trazia, provocando em mim um maravilhamento inigualável; segundo, cada vez que esse momento se repetia, já que para ir à rodoviária e ao centro da cidade era roteiro obrigatório passar pelo asilo, mesmo sem plena consciência, um espanto imaginário estava tomando forma em meus sentimentos, de tal maneira que foi se tornando irresistível conhecer o interior do prédio e seus habitantes.

É estranho perceber isso, enquanto escrevo, justamente porque me vem à memória um projeto anterior, que me atraía a fazer o mestrado. Qual seja, trilhas urbanas com idosos, na Avenida Rio Grande, na Praia do Cassino, investigando nelas as percepções, aprendizados, falas e relações estabelecidas dos participantes entre si e com o meio. A princípio, eu iria tentar formar um grupo de idosos, encontrando-os na feira-livre, nas ruas, na praia, nas praças e os convidaria para formar o grupo de sujeitos da pesquisa. Acabei por perceber que se realizasse a pesquisa em um asilo, os sujeitos participantes se aproximariam mais da minha história de vida.

Faço assim, um convite ao leitor, que me acompanhe nesta viagem imaginária, recordando comigo momentos junto à minha família, à companhia de minha avó, falecida no ano de 2004 e às surpresas vivenciadas no curso de Mestrado em Educação Ambiental, no Asylo de Pobres e nas disciplinas cursadas.

Através das disciplinas que estudei, fui construindo um novo modo de ver o mundo, junto ao olhar da Educação Ambiental. Foi assim que na *Metodologia de Pesquisa em Educação*, ministrada pelo professor Carlos Roberto da Silva Machado, estudamos a pesquisa qualitativa em educação, abordando os conceitos desta e analisando os principais enfoques crítico-participativos da visão histórico-estrutural, entendidos enquanto dialética da realidade social. Esta disciplina, dentro das perspectivas qualitativas com base na fenomenologia e no marxismo, buscou ainda centrar atenção na investigação qualitativa de cunho estrutural-funcionalista, enfocando o método etnográfico.

A disciplina de *Abordagem Sócio-Histórica e Educação Ambiental*, com a professora Susana Inês Molon, trouxe à minha construção de conhecimentos, um enfoque sócio-histórico das tendências contemporâneas, dentro da teoria de Vygotsky. Já em *Currículo, Cultura, Formação Docente e Educação Ambiental*, ministrada em parceria pelas professoras Débora Pereira Laurino e Paula Regina Costa Ribeiro, estudamos através das articulações destes conceitos, a identidade, trajetórias de vida, formação inicial e continuada dos professores, discutindo as práticas educativas de Educação Ambiental expressas nos currículos escolares.

Na disciplina *Ensino de Ciências e Educação Ambiental* a professora Maria do Carmo Galiazzi abordou a perspectiva CTS (ciência-tecnologia-sociedade) na sua vinculação com a Educação Ambiental. Estudamos o processo ensino-aprendizagem da ciência como o encontro entre o professor/aluno/saber, dentro de uma perspectiva construtivista, bem como o conhecimento das ideias prévias dos alunos e seu significado para o processo de ensino-aprendizagem. Na mesma linha de estudo, em *Ciência e Tecnologia*, a professora Sheyla Costa Rodrigues apresentou a crise da ciência, em um diálogo entre as ciências para compreender as intersecções entre tecnologia e cognição, ciberespaço como espaço educativo e tecnologia como ferramenta didática.

A *Filosofia da Educação Ambiental* nos levou a conhecer o “Ecomunitarismo”, teoria do professor uruguaio Sírío Lopes Velasco que me possibilitou escrever uma carta sonhada, em que apresento um mundo utópico, onde a idade não tem limites

Foi a disciplina *Fundamentos de Ecologia de Sistemas*, ministrada pela professora Margareth Copertino, que nos trouxe a visão ambiental necessária para a formação do educador ambiental, visto que precisamos conhecer o ambiente em que vivemos para ter a possibilidade de preservá-lo.

A metodologia aprendida na *Análise Qualitativa de Informações Discursivas*, ministrada em conjunto pela professora Maria do Carmo Galiazzi e o professor Roque Moraes foi fundamental para a aprendizagem da Análise Textual Discursiva realizada a partir das entrevistas feitas no asilo, incluídas nesta dissertação.

Em *Ecologia Onírica: Educação Ambiental e Ético-Estética*, o professor Victor Hugo Guimaraes Rodrigues apresentou a discussão filosófica deste conceito, sua importância e possibilidades da ecologia onírica, como ponto de convergência da educação ética, educação estética e educação ambiental. Investigações das experiências imaginárias utópicas concretas dos sujeitos sonhadores e análise dos subsídios para o autoconhecimento e o comprometimento dos pesquisadores nos espaços formais e informais de educação, visando a formação de seres integrais e a criação e invenção de um mundo novo foram atividades estudadas ao longo desta disciplina.

A disciplina *Arte e Ecologia*, ministrada pelo professor Carlos Alexandre Baumgarten, foi fundamental como esclarecedora de como ler o mundo de formas diversas. Estudamos assim as manifestações artísticas e a questão ambiental na história da arte ocidental, dos gregos à modernidade, bem como a focalização da natureza através de diferentes formas simbólicas de representação: a linguagem cinematográfica, a linguagem teatral e a linguagem literária.

Na *Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano* fui introduzida à psicologia de desenvolvimento e às concepções de desenvolvimento humano pelas professoras Ivalina Porto e Maria Ângela Mattar Yunes. Estudamos a interdependência/interação entre seres humanos e seus ambientes, bem como as estruturas interpessoais, os papéis e as instituições como contextos de desenvolvimento. As possibilidades de pesquisa e a implementação de políticas públicas em Educação Ambiental a partir do modelo ecológico foram amplamente estudadas.



No Tópico Especial (TE) *Utopias Concretizáveis Interculturais, um estudo sobre a praxis ambiental*, com a professora Cleusa Helena Guaita Peralta Castell, estudamos um recorte sobre a educação ambiental em Rio Grande. Tal estudo se deu desde a ótica preservacionista-conservacionista da década de 1990 até o enfoque socioambiental da agroecologia. Bem como a categoria utopia concreta pelo viés dos programas de Educação Ambiental interdisciplinares artes-ciências do ambiente.

No TE *Sociologia da infância e interfaces com cultura, subjetividade e poder*, com a professora Ana Cristina Coll Delgado, estudamos a Infância e Educação Ambiental, no encontro entre a sociologia e a infância na modernidade. Buscaram-se relações entre infância e cultura considerando relações de classe, gênero, etnias e relações entre gerações, relações de poder, empoderamentos e processos de subjetivação nas pesquisas sobre e com crianças.

Já no TE *Educação Estético Ambiental*, com o professor cubano Pablo René Estevez Rodriguez, estudamos a formação da personalidade na abordagem complexa. Isto se deu dentro do conceito de Educação Estética, na formação integral da personalidade e em experiências da escola cubana.

Ressalvo o TE *“As Três Ecologias” de Félix Guatarri*, ministrado pelo professor argentino Alfredo Guillermo Martin Gentini, realizado em dois semestres do ano de 2008, onde estudamos este livro no contexto do Movimento Institucionalista. Aprendemos a autogestão pedagógica, com leituras intensivas e compreensão das mudanças paradigmáticas na ciência, na filosofia e nas artes. A meu ver este conteúdo foi de fundamental importância para a realização do I Encontro de Diálogos pela Educação Ambiental (IEDEA), na medida que criava para o nosso grupo de estudantes, possibilidades de desenvolvimento e divulgação do evento.

Ao longo dos semestres desenvolvi ensaios sobre a Educação Estética nas seguintes disciplinas: *Abordagem Sócio-Histórica e Educação Ambiental*, *Ecologia Onírica: Educação Ambiental e Ético-Estética* e *Educação Estético Ambiental*; segundo a visão de três professores, respectivamente sendo eles: Susana Inês Molon, Victor Hugo Guimaraes Rodrigues e Pablo René Estevez, os quais trago nesta pesquisa, junto à outros, como aporte para o desenvolvimento da mesma.

Nesta diversidade de disciplinas do mestrado em Educação Ambiental me conheci em muitas idades, vividas e sonhadas, devaneando entre elas e descobrindo como o voltar à infância, nos leva a ser crianças e viver no mundo dos sonhos reais.

Especificamente, através da Filosofia do Espanto Imaginário segui pelo caminho da Educação Ambiental descobrindo as relações desta com a velhice, nos contatos e laços que fui criando com as pessoas que habitam o Asylo de Pobres. Realizei, sempre com o auxílio da Assistente Social da casa, sondagens entre os idosos para um levantamento do que eles se interessavam em realizar, bem como questionamentos sobre seus sonhos e desejos, fazendo uma pré-produção para as oficinas que eram parte da pesquisa.

Assim, com o apoio de meu orientador, realizamos quatro “Oficinas de Criação de Sonhadores” (OFCS), que contaram com a participação dos idosos moradores, voluntários, funcionários, profissionais da casa e de familiares. Os funcionários que participaram desta pesquisa são pessoas contratadas em turno integral pelo asilo e exercem funções de secretaria, limpeza, refeições e contabilidade. Os profissionais liberais que contribuíram neste estudo são contratados por algumas horas da semana para atendimentos específicos de nutrição, fisioterapia e assistência social, bem como médicos e de enfermagem, sendo que este último ocorre 24 horas no asilo. Os voluntários que participaram nesta pesquisa são pessoas da comunidade, como aposentados, donas-de-casa e estudantes de psicologia da Universidade Anhanguera.

As OFCS foram experiências oníricas, que despertaram nos participantes momentos intensos de confraternização, aprendizados, altruísmo, alegria e felicidade compartilhados em grupo. Elas foram criadas a partir do desejo dos idosos em ver o mar novamente, em comer guloseimas como faziam nos anos anteriores à velhice, nas imagens de um livro voltado à esta idade da vida e da animação em ver um filme comendo pipoca.

Foi assim que um caminho feliz para os sonhadores de um asilo foi descoberto, nas viagens imaginárias encontradas no Asylo de Pobres e na descoberta de que o asilo sonha, assim como as palavras. Assim, a pesquisa qualitativa que aqui desenvolvo é apresentada nos capítulos que se seguem:

No capítulo 1 “Aprendiz de Espanto Imaginário: não há caminhos definidos, a descoberta da pesquisa” apresento como descobri o tema de estudo, a justificativa e objetivos, a metodologia da pesquisa qualitativa, na qual destaco a produção de informações, as oficinas de Criação de Sonhadores e a “artesanaria” da análise textual discursiva.

No capítulo 2 “O convite à viagem imaginária: aprendiz de sonhadora” trago as viagens em família, junto à companhia de minha avó; as aprendizagens na Educação Ambiental, incluindo nesta os estudos sobre Educação Estética, sob três perspectivas (Sócio-histórica, O olhar para o Belo e a Educação Estética Onírica voltada para a velhice), como também uma carta sonhada, em um mundo onde a idade não tem limite, estudos sobre a abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano; e um estudo da história de vida do homem, através da Arte e Ecologia. Ao fim deste capítulo de viagem imaginária, apresento as inúmeras idades vividas e sonhadas, incluindo nesta, a idade voltada à infância.

No capítulo 3 intitulado “Filosofia do Espanto Imaginário Aplicada: o caminho escolhido para fazer as relações da Educação Ambiental com a velhice” destaco as informações e testemunhos colhidos nas entrevistas, descrevendo-os nas categorias Percepções da vida no asilo, O olhar da cultura sobre o velho e O despertar do Devaneio Poético, bem como as “Experiências Oníricas junto aos sonhadores do Asylo de Pobres: micro-intervenções de Educação Ambiental Estética Onírica, as OFCS”, onde apresento as “Oficinas de Criação de Sonhadores”, que foram possíveis de serem realizadas com os moradores do asilo, voluntários, funcionários, profissionais e familiares, a partir dos seus desejos e sonhos investigados.

Finalmente, nas Palavras Finais, preparando a próxima viagem, apresento “Um caminho feliz para os sonhadores em um asilo” retomando as viagens imaginárias, agora direcionadas para o Asylo de Pobres, onde compartilho a descoberta de que um asilo sonha, bem como tento me preparar para uma próxima viagem.

## **1.2 APRENDIZ DE ESPANTO IMAGINÁRIO: NÃO HÁ CAMINHOS DEFINIDOS, A DESCOBERTA DA PESQUISA**

Quantas vezes me preocupei com o tempo que passava e com a chegada em um lugar conhecido, exclamando para o Victor Hugo: “O tempo urge, preciso qualificar, o que fazer?”, sem perceber a beleza da trajetória que estava a percorrer! Li, de repente: “Como num espanto imaginário inicial, damo-nos conta de que entraremos numa viagem solitária e que nosso caminhar será sozinho através de uma estrada que deverá

ser construída por nós” (RODRIGUES, 1999, p.72). Compreendi a partir daí, que meu orientador não poderia me ensinar a experiência imaginária como algo óbvio. Eu precisaria criá-la, enquanto minha viagem acontecia.

Aqui, utiliza-se o termo viagem a partir da conceituação adaptada de Rodrigues (1999, p.87) como “percorrer uma pluralidade de caminhos e aprender modos de caminhar, pelos quais encontra-se uma verdade íntima, onde aproximação da verdade própria é um experimentar-se do sonhador na sua relação com o mundo”. Seguindo os passos do profeta Zaratustra, “na verdade, também eu aprendi a esperar, mas a esperar a mim mesmo. E sobretudo aprendi a estar de pé, a andar, a correr, a saltar, a trepar, a dançar” (NIETZSCHE, 2005, p. 177). Precisei assim, tornar-me consciente da dimensão onírica de meu ser, iniciando por reaprender a sonhar. Neste sentido, Rodrigues escreve que “redescobrimo-nos na imaginação vivida por nosso ser imaginante, pacientemente vai sendo revelada a dimensão onírica como primeira e originária do nosso ser” (1999, p.76).

No intuito de me descobrir como sonhadora foi necessário aceitar que é preciso perder tempo para reaprender a sonhar, porque “ao abandonar as horas dos relógios para fazer uma viagem imaginária, o ser humano pode desejar perder tempo como ganho e um acréscimo de vida onírica, como uma ampliação de ser, do seu ser sonhador” (RODRIGUES, 1999, p.81). Foi assim que aprendendo a ser uma pesquisadora onírica pude também, a partir do livro “Escrever é preciso”, de Mário Osório Marques, indicado pela professora Maria do Carmo Galiazzi “entender o ato de escrever como impulso vital por onde se libertam as forças do espírito e chegar a fazê-lo expressivo de minha singularidade criativa” (MARQUES, 2000, p. 18). Para Marques (2000, p. 114) “na pesquisa, como em toda obra de arte, a segurança se produz na incerteza dos caminhos. Aqui também muito tempo se perde e muitas angústias se acumulam à procura de um método adequado e seguro.”

O discurso pedagógico dominante, dividido entre a arrogância dos cientistas e a boa consciência dos moralistas, está nos parecendo impronunciável. As palavras comuns começam a nos parecer sem qualquer sabor ou a nos soar irremediavelmente falsas e vazias. E, cada vez mais, temos a sensação de que temos de apreender de novo a pensar e escrever, ainda que para isso tenhamos de nos separar da segurança dos saberes, dos métodos e das linguagens que já possuímos (e que nos possuem). (LARROSA, 1999, p. 7).

Marques (2000, p. 115) escreve que “os métodos se multiplicam sem outra razão que a de controlar-se o pesquisador, premunir-se contra a aventura de caminhar com as próprias pernas, de experimentar as próprias forças, de inventar seus próprios rumos”. Não somos ensinados a seguir nossos próprios rumos e quando Victor Hugo me orientou desta forma, custei para entender, cheguei a ficar nervosa com a falta de respostas sobre a metodologia a ser utilizada.

Seguindo os aprendizados “comecei então a perceber a inutilidade de tanto sofrimento. Por que não dispensar tanta preparação, enfrentando de cara a folha em branco, começando a escrever escrevendo, segundo a sabedoria do aprender fazer fazendo?” (MARQUES, 2000, p. 19). Victor Hugo sempre me falava: “escreve...escreve isso...escreve tudo” e foi em um de seus poemas que me vi estampada:

Para me reconstruir  
Precisei destruir-me inteiro  
Até não poder mais ver-me no espelho  
Até detestar completamente  
A esperança estampada em minha cara.  
(RODRIGUES, 1992, p. 30)

Foi assim que abaixo de lágrimas foram escritas as partes da história de minha avó, mas estas não são lágrimas tristes, são de emoção feliz, de alguém que cresceu, aprendeu e valorizou a velhice. Se minha natureza é ser chorona, aprendi a conviver e compartilhar com ela minha escrita. Uma mistura de alegria por estar lembrando as imagens que vivi com a Vó Dalcy e por estar terminando esta etapa de vida, foram os ingredientes escolhidos para compor estes escritos.

### **1.2.1 A solidão como encontro: o tema de estudo**

Ao longo de minha juventude, por muitas vezes fiquei sentada nos bancos de madeira da chácara onde moro. Lendo ou simplesmente contemplando a calmaria da água, conversando com meus familiares, olhando os morros e os biguás voando em bandos, sem saber que para Bachelard (2008, p. 31) “toda pessoa deveria então falar de suas estradas, de suas encruzilhadas, de seus bancos”.

“O sonhador de mundo não olha o mundo como um objeto, precisa apenas do olhar penetrante. É o sujeito que contempla” (BACHELARD, 1988, p. 177). Nesses momentos de contemplação, algumas vezes, procurava reconstruir meu caminho para tentar responder à perguntas comuns, mas cheias de significados, como: onde estou? De onde vim? Para onde quero ir? Neste sentido, Rodrigues (1999, p. 101) escreve que:

a solidão cósmica não dá ao homem a imediatez das respostas para essas perguntas espantosas e desconfortantes. Por ironia dos tempos modernos, tais respostas também não podem ser encontradas entre os homens, apesar de todos os esforços da humanidade para aplacar essa angústia fundamental do homem diante de si mesmo, dos outros homens e do mundo.

Em meio a uma paisagem tranqüila, onde tudo parece estar ao longe e ser muito grande sinto o quanto sou pequena e me pergunto o que pode realmente mudar dentro de mim. “Parece então que o mundo contemplado percorre uma escala de clareza quando a consciência de ver é consciência de ver grande e consciência de ver belo. A beleza trabalha ativamente o sensível” (BACHELARD, 1988, p. 177). Num desses devaneios, escolhi lembrar minha infância e ir atrás de meus sonhos, sem saber até que ponto seria levada a estudar “os sonhos”, a conhecer o trabalho dos filósofos Nietzsche, Bachelard e Rodrigues e passar a acreditar que sim, o pouco que faço serve para mudar a mim mesma.

A realização deste sonho foi difícil, mas a partir do momento em que se fez possível, precisei tomar novas decisões, criar novos sonhos, para que estimulassem meu caminho. Foi o momento de iniciar a “desconstrução” de ideais, até então acreditados e vividos. Ocasão de perceber que sim, a Educação Ambiental idealizada é muito bonita, mas que não é melhor do que outras teorias e filosofias. Ainda que muitas vezes o que idealizamos, existe de outra forma, nem melhor ou nem pior, mas diferente e é preciso compreender o limite das coisas que são impostas, aprendendo com o novo e crescendo como pessoa, procurando agir no momento mais propício.

Assim, Rodrigues (1992, p. 07) escreve como faz ao iniciar um caminho: “caminho de muitos rastros, de quem encontrou mas não viu. Fico andando em círculos no começo do caminho. Faço de minhas pegadas matéria-prima, que uso para tecer meu ninho”. Assim, em busca de minha solidão, me encontrei como um sujeito sonhador.

Para Bachelard (1988, p. 24) é na “solidão, sem possibilidades de recorrer a sondagens psicológicas, que devemos procurar os nossos documentos. E acrescenta: Eles vêm dos livros, toda nossa vida é leitura”.

Quando era pequena, sempre gostava de “brincar de professora” e lia muitos livros juvenis, mas não sabia o quanto isso seria importante em minha vida de adulta. Ao me perguntarem “o que vais ser quando crescer?” não relutava em exclamar: “aeromoça, bailarina ou até bibliotecária!”. Na escolha da Faculdade para o vestibular, mesmo com mil dúvidas, me candidatei para Biologia. Eu não me via fazendo licenciatura, mas na época em que passei na PUC, em 1997, só havia essa opção do curso, o que me fez aceitar e abraçar a oportunidade. Aos poucos, fui me integrando ao curso, através dos estágios e projetos.

Após me formar em 2001, trabalhei durante os anos de 2002 e 2003 em um escritório de assessoria ambiental, onde aprendi muitas técnicas e conhecimentos de campo na área da Zoologia. No entanto, aprendi também, que trabalhar com urbanização, não era o que eu gostava de fazer. Mais ou menos na mesma época em que me dei por conta disso, fui chamada pelo Município de Sapucaia do Sul para lecionar em quatro escolas. Juntei a isso, a vontade de sair de casa e me mudei para essa cidade, onde pude realmente começar a me conhecer, porque além de morar sozinha, o contato com os alunos, me exigia muito. Isto fez com que eu aprendesse um pouco mais de quem eu era. Nesse período, de dois anos, fui professora de Ciências e de Educação Ambiental, na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, nos mais diversos projetos que as escolas participavam.

Nos anos de 2006 e 2007 morei na cidade de Londres, na Inglaterra, época de muitas descobertas e surgimento de dúvidas intrigantes. Em uma das casas que lá morei, pude cuidar do jardim na porta da frente. Escolhi sementes de girassol e flores do campo. Elas cresceram e embelezaram nossa calçada, me fazendo lembrar de minha casa natal. Bachelard diz que (2008, p. 34) “mais que um centro de moradia, a casa natal é um centro de sonhos”. Estando lá, pude vivenciar o modelo capitalista de vida, observar o que é o consumo desenfreado e visitar museus da monarquia, com tesouros de todas as partes do planeta. As experiências vividas neste ambiente me abriram novos caminhos, como diz Marques (2000, p. 33) “não há caminhos, precisamos abri-los”, foi

assim que decidi voltar ao Brasil, para abrir os caminhos necessários à minha chegada no mestrado e ir em busca do tema de estudo.

Nesse processo as lembranças dos últimos anos vividos com minha avó ficaram ressoando em meu *anima*, conceito aprendido nas leituras de Bachelard e que reflete os sonhos da alma, não me deixando aquietar. Depois dos momentos inesquecíveis de conselhos e brincadeiras que passei com Vó Dalcy e vivenciei no dia-a-dia de uma instituição para idosos, não poderia mais viver e fingir que esta realidade não existe. Para Marques (2000, p. 57):

Se devemos reconhecer que sem teoria não há pesquisa, devemos, por outra parte, conceber o papel da teoria no escrever não como algo a ser confirmado ou negado, mas como provocação de um horizonte mais vasto, como o descortinar de novo campo para os exercícios do imaginário, um incendiar da imaginação levando à aventura de novas hipóteses e novos caminhos.

A oportunidade que tive de dar o retorno a esse mundo que conheci, foi esta pesquisa no mestrado em Educação Ambiental. Mesmo tendo chego ao mestrado com o intuito de trabalhar em trilhas urbanas, que era o que vinha estudando. A vivência que tive com os idososurgia em minha alma. Eu gostava muito de desvendar trilhas, mas eu precisava desvendar aquele mundo que conheci com minha avó, ou seja, queria compreender a velhice em um residencial, chamado muitas vezes de asilo. Por esses motivos mudei o objeto da minha pesquisa. Escolhi o que gostaria de estudar, mesmo sabendo que enfrentaria angústias profundas ao deixar aflorar a saudade que sinto por minha avó:

Quero não ter mais angústias  
Quero simplesmente fugir  
Mas...que seria de mim  
Sem as angústias  
Sem as fugas.  
Viver é sofrer  
Prefiro sofrer das coisas que gosto  
(RODRIGUES, 1992, p. 22)

Para Bachelard (2008, p. 14) “a imagem está aí, a palavra fala, a palavra do poeta lhe fala.” Neste sentido, Marques (2000, p. 18) escreve que as origens de uma pesquisa são “uma busca de originalidade não tanto temática; muito mais na trilha à margem dos caminhos mais freqüentados”. Para este autor (2000, p. 92) “o tema não será verdadeiro, não será encarnação determinada e prática do desejo, se não estiver



ancorado na estrutura subjetiva corporal do desejante. Não pode o tema ser imposição alheia. Deve-se ele tornar paixão, desejo trabalhado”. Sendo assim, o tema deste estudo é:

- Como os diferentes sujeitos, habitantes de um asilo, se relacionam e produzem seus devaneios individuais e coletivos, possibilitando a criação de imagens sonhadoras?

### **1.2.2 Justificativa e objetivos**

A reflexão sobre a fase em que o idoso se encontra, de recolhimento e fechamento, ao mesmo tempo que é quando possui toda uma experiência de vida que deve ser respeitada e admirada, inclusive por eles, é um dos pontos a justificar esta pesquisa. Em nossa sociedade contemporânea, o velho é considerado descartável e o saber dos idosos é percebido como sem valor. Num sentido contrário a este que pretendo realizar este trabalho, na busca junto às demais pessoas que acreditam em uma nova cultura onde a velhice tenha seus espaços valorizados.

Foi proposta assim, a realização desta pesquisa no “Asylo de Pobres”, na cidade de Rio Grande, estado do Rio Grande do Sul, no Brasil. Lugar que instiga o maravilhamento e espanto pela grandiosidade do prédio, além de ser um local onde os idosos normalmente ficam longe de suas famílias e acabam por diminuir seus devaneios e sonhos, criando menos imagens dinâmicas.

A curiosidade por descobrir o que se passava por detrás do majestoso portão de entrada, cada vez que descia na parada do ônibus e observava as pessoas lá dentro, foi um dos elementos que me levou a desenvolver esta pesquisa. Mesmo não tendo trabalhado até o momento com idosos, as visitas constantes durante quase dez anos à minha avó, que morou em residenciais de terceira idade, me fizeram encarar este desafio. Um sonho possível? É o que este projeto vai procurar responder.

A Instituição Asylo de Pobres foi fundada em 27 de dezembro de 1885, pelos senhores Comendador Antonio da Costa Corrêa Leite, Arnaldo José Pereira e Carlos

Guilherme Rheigantz. Localiza-se na Rua 24 de maio, nº 571, no Bairro Centro. Segundo Baumgarten (2008, p.01) o Asylo de Pobres:

É uma instituição mista (filantrópica e sem fins lucrativos), situada no centro da cidade de Rio Grande, RS. Conta com um contingente de cerca de 50 asilados e mais de 30 idosos na modalidade de pensionistas. Os idosos asilados moram no térreo, dividem os quartos entre si (são quatro a cinco idosos por quarto, com banheiros coletivos para todos, localizados ao final dos corredores) e pagam com grande parte dos dividendos advindos de suas aposentadorias. Os pensionistas ocupam o primeiro andar, usam um quarto amplo, com banheiro, decorados com seus próprios móveis e pagam um pouco mais.

Esta pesquisa se justifica também pela crescente associação da Educação Estética Onírica à Educação Ambiental, procurando estudar as singularidades existenciais entre os sujeitos, potencializando os processos de criação de sonhos despertos. Particularmente se justifica pela minha busca em seguir meu caminho, minha “trilha pessoal” o que me trouxe até este mestrado. Acredito no valor do idoso e do quanto a sociedade moderna precisa resignificar seu olhar sobre esta fase da vida, pela qual todos iremos passar.

Duas monografias realizadas na FURG, e encontradas na Biblioteca da universidade, antecedem esta pesquisa no Asylo de Pobres. Uma realizada pelas pós-graduandas em Educação Brasileira, Porciuncula & Teixeira (2005), intitulada “*Asilo de Pobres: uma interferência interdisciplinar*”, orientada pela professora Ivalina Porto, também professora do PPGEA e outra realizada por Rebota (1998), na disciplina de Estatística Descritiva, intitulada “*Motivos que levaram os idosos a residir no Asilo de Pobres de Rio Grande*”, orientada pelo professor Luiz Augusto P. Lemos, do Departamento de Matemática.

Segundo Santos (2008, p. 01) “o envelhecimento populacional representa hoje uma realidade para o Brasil, em mais de 180 milhões de habitantes, cerca de 9% da população total tem 60 anos ou mais, ou seja, existem em torno de quase 17 milhões de idosos no Brasil”. A expectativa de vida da população brasileira aumentou e o desrespeito ao idoso ainda existe. A faixa etária de idosos vem conquistando um espaço cada vez maior na sociedade atual, e sua busca pela qualidade de vida também.

Nesta expectativa algumas perguntas surgem ao iniciar esta pesquisa: Como inserir o grupo trabalhado na Educação Ambiental? Como o idoso se percebe? Quais seus sonhos? Quais suas expectativas para o futuro? Dentro deste contexto busco

estudar, com base na Educação Ambiental, uma instituição de auxílio aos idosos, levando em conta a relação estabelecida entre estes, com os funcionários, voluntários e familiares dos mesmos.

### **Objetivo Geral:**

Investigar as relações e possibilidades de Educação Ambiental no Asylo de Pobres de Rio Grande, através da Educação Estética Onírica e do estudo das singularidades existenciais entre os sujeitos das relações em um asilo, bem como potencializar os processos de criação estética onírica.

### **Objetivos específicos:**

- Proporcionar através de “Oficinas de Criação de Sonhadores”, espaços para a criação de idéias, produção de sonhos, pensamentos e sensações pelos sujeitos participantes da pesquisa;
- Estudar a instituição Asylo de Pobres, com um enfoque educacional, ambiental, estético onírico;
- Contribuir na formação estética onírica dos sujeitos participantes da pesquisa, incluindo a pesquisadora;

### **1.2.3 Metodologia da pesquisa qualitativa**

Na Educação Ambiental a metodologia mais utilizada é a Pesquisa Qualitativa, que servirá como base para este estudo. Segundo Minayo (1994, p. 25) a Pesquisa Qualitativa

compreende uma relação intrínseca de oposição e complementaridade entre o mundo natural e social, entre o pensamento e a base material. Advoga também a necessidade de se trabalhar com a complexidade, com a especificidade e com as diferenciações que os problemas e/ou ‘objetos sociais’ apresentam.

Triviños (1987, p. 128), autor que trabalha com Pesquisa Qualitativa, descreve a partir de Bogdan cinco características essenciais para o desenvolvimento da mesma, apresentadas aqui resumidamente:

- ter o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave: o ambiente natural é observado numa perspectiva que o vincula a realidades sociais maiores e o pesquisador é importante à medida que não esquece esta visão ampla e complexa do real social;
- ser descritiva: a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto, por isso, não é vazia, mas coerente, lógica e consistente;
- os pesquisadores estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto: importante na individualização como atividade científica da pesquisa qualitativa, estudando o processo dos fenômenos;
- os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente: na fundamentação fenomenológica, primeiro se coletam os dados, estes servem para elaborar um conjunto de conceitos, princípios, significados que se elevam simultaneamente;
- o significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa: o enfoque fenomenológico considerou que os significados que os sujeitos davam aos fenômenos dependiam essencialmente dos pressupostos culturais próprios do meio que alimentavam sua existência.

Dentro desta abordagem, a Pesquisa-ação foi o método que mais se adequou para desenvolvermos este estudo. Este se realizou sem enquadramentos pré-estabelecidos, ou seja, a metodologia foi construída ao longo da pesquisa. Para Thiollent (2002, p. 25) a pesquisa-ação trata-se “de uma estratégia de pesquisa agregando vários métodos ou técnicas de pesquisa social, com os quais se estabelece uma estrutura coletiva, participativa e ativa ao nível da captação de informação”. Segundo a autora Sato, na Educação Ambiental:

a pesquisa-ação é uma tarefa conjunta de compreensão e decisões democráticas baseada na práxis comprometida com a espiral auto-reflexiva. Implica em desenvolvimento profissional, assumindo

transformações educativas dependentes do compromisso dos sujeitos envolvidos. Implica ampla autonomia e interação dos sujeitos e não se limita à ação pontual. Visa a (re)construção do conhecimento na ação (2001, p. 27).

Assim, neste estudo a participação dos idosos, voluntários do asilo, funcionários, familiares e profissionais da casa ocorreu desde o início do projeto. Quando da minha inserção no dia-a-dia do asilo, fui conhecendo as pessoas que vivem e trabalham neste ambiente e estabelecendo as primeiras trocas, as primeiras aprendizagens.

### **1.2.3.1 A produção de informações**

Muitas dúvidas sobre como uma Bióloga se “viraria” no mundo da filosofia me vinham na mente ao iniciar o mestrado, uma delas era como eu iria estudar a História da Filosofia e os temas filosóficos, para poder entender a língua dos filósofos. Para Beauvoir (1990, p. 487) “um filósofo é aquele para quem o homem está em discussão no seu ser, é aquele que se interroga sobre a condição humana tomada em sua totalidade. Mas ele próprio é um homem, todo o homem: o que tem a dizer é ele mesmo, em sua universalidade”. Que ingenuidade a minha! Eu demoraria no mínimo quatro anos para iniciar a aprender, foi quando me permiti ser orientada pelo Doutor em Filosofia e deixar que ele aplicasse sua filosofia em minha pesquisa.

Esta mudança de comportamento não foi nem um pouco fácil. Vou explicar por quê: em minha cabeça, eu tinha procurado fazer o mestrado para me intelectualizar, porque sentia falta de base teórica para dar continuidade às atividades que desenvolvia como professora de Educação Ambiental. Isso era tudo o que o Victor Hugo não queria. Foram muitas idas e vindas nas páginas de “Assim Falou Zaratustra”, de Nietzsche (2005) para que eu pudesse iniciar a aprendizagem do profeta. No capítulo “A árvore da montanha”, li uma passagem que me fez compreender o medo que eu estava passando, quando Zaratustra disse à um rapaz que o evitava:

Se eu quisesse sacudir esta árvore com as minhas mãos, não seria capaz. Mas o vento, que não vemos, açoita-a e dobra-a como lhe apraz. As mãos invisíveis são hábeis entre todas em nos dobrar e açoitar à sua vontade. [...] Que lhe leva a ter medo? O que sucede à árvore, sucede ao homem. Quanto mais aspira a subir para as alturas e

para a luz, mais suas raízes aspiram a mergulhar na terra, nas trevas, nas profundezas - no mal. (2005, p. 38)

Assim, em suas orientações, Victor Hugo sempre me falava que eu precisava me sensibilizar através dos meus sonhos. E para isso, não mediu esforços, anos a fio, me indicando leituras que despertassem minha alma e que fizessem o espanto poético aflorar, para que minha escrita fosse um ato feliz. Os livros dos filósofos já citados anteriormente, os textos de Machado de Assis e um livro sobre o tema da morte na filosofia budista da escritora Longaker (*Esperança diante da morte: preparando espiritualmente a partida*, 1998), acompanhados de outros autores e de muitos momentos recebendo Johrei, me fizeram iniciar um caminho do auto-conhecimento, da gratidão, do altruísmo e da compaixão.

Foi então que em abril de 2008, iniciei o contato com o Asylo de Pobres de Rio Grande. Em uma visita informal fui orientada pelo procurador da instituição a conversar com a Assistente Social do asilo, Neca (nome fictício). Fui muito bem recebida por ela, e em nossa conversa percebemos que tínhamos projetos em comum e poderíamos formar uma grande parceria. Levei no dia 20 de maio, de 2008, uma Carta de Apresentação (ANEXO I), assinada pelo meu orientador, formalizando o projeto. Em outra ocasião, Neca me apresentou aos moradores e funcionários, me levando por todos os corredores e quartos do asilo.

Por sugestão do Victor Hugo, entrevistei no mês de Novembro de 2008, em conversas informais com a professora Ivalina Porto e a Edite (nome fictício), uma visitante no asilo, que fez uma ação voluntária junto à Igreja Messiânica. Edite me foi muito atenciosa e contou que a maioria do grupo que foi fazer a visita eram os idosos da Igreja e que eles observaram que não gostariam de morar em um asilo. Ela descreve como se sentiu ao realizar a visita:

A gente se sente feliz, porque a gente tá levando felicidade pra eles, mas ao mesmo tempo [...] tu não tens que sentir pena, tais me entendendo? A gente fica chateada de ver eles ali. Sendo que muitos ainda raciocinam. Não estão doentes, que poderiam querer apanhar um solzinho né. Sai um pouco, do que ficar 24h dentro de um asilo.

Aprendi muito com a professora Ivalina Porto, em uma conversa rápida, mas rica em experiências e teorias que ela me relatou. Ivalina me explicou que no NUTI

(Núcleo Universitário da Terceira Idade), os pesquisadores tem o objetivo de reverter a noção de que o idoso não tem mais papéis a cumprir na sociedade, em suas palavras:

o idoso, ele vê o mundo, muito levado na forma como o mundo o vê. E isso é um dos problemas, que nós estamos querendo reverter, com esses trabalhos voltados para a questão do envelhecimento... Ainda existe um preconceito em relação ao idoso. Um preconceito forte, muitas pessoas não conseguem enxergar essa etapa vital, como algo importante, produtivo, mesmo não se dando conta que eles chegarão lá. Até porque a expectativa de vida é enorme atualmente. Todo mundo quer envelhecer, mas olham para o seu futuro, entre aspas, como algo assim, que não tem mais papéis a cumprir. Então esse idoso, ele tem um preconceito, um auto-preconceito, muito forte. Ele se auto-descrimina. Ele também se vê, como alguém que não tem mais papéis a cumprir, que não tem mais nenhuma função.

As estudantes Porciuncula & Teixeira (2005, p. 65) que fizeram sua especialização em História Brasileira no Asylo de Pobres, orientadas pela professora Ivalina, escrevem: “o Asylo de Pobres, assim como outras instituições para idosos, a escola, a família, são agentes socializadores. Como espaço físico que proporciona o convívio social, deve também viabilizar a conscientização da importância dos indivíduos como um todo.” Posto isto, as autoras Porciuncula & Teixeira (2005, p. 66) sugerem:

Intervir juntos aos idosos, ajudando-os a manter objetivos de vida, a terem tranquilidade e esperança para continuar vivendo é um dos papéis de cada cidadão consciente contribuindo para minimizar a problemática que a terceira idade enfrenta nessa fase de mudanças. Educar interdisciplinarmente é uma das necessidades urgentes para reformular a visão limitada da sociedade perante o idoso. [...] Por isso há necessidade de motivar o Asylo de Pobres da Cidade do Rio Grande, através de ações interdisciplinares e também proporcionar uma maior reflexão dos jovens e seus conceitos sobre o envelhecimento. Através desta prática talvez seja possível rever qual a necessidade de manter o idoso no asilo e não junto ao convívio familiar.

Simone de Beauvoir (1990, p. 08) em seu livro “*A Velhice*”, escreve da dificuldade de aceitação pelas pessoas, por sua escolha do tema de estudo: “Quando eu digo que trabalho num ensaio sobre a velhice, quase sempre as pessoas exclamam: ‘Que idéia! Mas você não é velha! Que tema triste’. Aí está justamente por que escrevo este livro: para quebrar a conspiração do silêncio.” Esta autora foi mais uma brilhante indicação de meu orientador. Tentei seguir os passos dela ao escrever esta dissertação,

para me somar aos outros tantos autores que admiram e valorizam o velho, percebendo o quanto temos a aprender com eles. Nas palavras de Witzak:

A Velhice” de Simone de Beauvoir (1990) é uma das grandes obras escritas sobre o envelhecimento na nossa sociedade contemporânea, trazendo a possibilidade de pensar-se a velhice por uma abordagem diferente: a da produção do homem no mundo e o tempo. Incluso em um mundo de produções e consumos dos mais variados, os sujeitos se produzem e se consomem diariamente, rotineiramente. Signos os mais diversos nos são apresentados a cada segundo, vinculando idéias e atitudes, que são tomados e incorporados como expressão da verdade. Porém, sempre fugazes ao tempo, na medida em que são desatualizados na mesma velocidade e com o mesmo empenho, por novos consumos, novas produções. Produção que se expressa nas ciências, nas artes, na política, no trabalho e na propaganda, produzindo sujeitos normatizados, assujeitados e vinculados ao seu tempo. É a conclusão que chega Beauvoir, que todos fazemos História, mas poucos são os nomeados, e mais ainda: que os velhos prendem-se a sua história individual, criando um tempo interior, fazendo do passado o verdadeiro significante de suas vidas. (2001, p. 42)

Posto isto, trago a metodologia de entrevista semi-estruturada como um dos métodos utilizados para o resgate das lembranças, sonhos e visões de mundo dos participantes da pesquisa. O contato que obtive nas visitas informais ao asilo, me possibilitaram conhecer as pessoas com as quais eu tinha mais sintonia e as observações do dia-a-dia na instituição foram fundamentais para a elaboração das questões a serem investigadas.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente as produção de informações transcritas. Os participantes das mesmas assinaram ao Termo de Consentimento Livre Esclarecido (ANEXO II), bem como o responsável pelos idosos que não foram capazes de assinar. Treze entrevistas se realizaram, sendo seis idosos moradores do asilo, duas funcionárias, dois profissionais contratados apenas dois turnos por semana e três voluntários. A escolha dos entrevistados ocorreu ao longo das visitas no ano de 2008, na medida em que os laços entre eu, como pesquisadora e as pessoas que encontrava com freqüência no asilo foram se criando. Assim, iniciei em maio de 2009 as entrevistas, finalizando-as em outubro do mesmo ano.

Ressalto que nesta pesquisa, são utilizados os termos “instituição”, “asilo” e em raros momento “casa” como sinônimos, bem como “idoso”, “velho” e “velhice”. Neste contexto, o olhar sobre a velhice descrito por Lafin (2004, p. 111) mostra que



a partir da década de 80, quando o *boom* da terceira idade acontece no Brasil, diferentes grupos de convivência passam a existir no País. Essa modalidade de ação com idosos começa a dar frutos relevantes na vida dos mesmos, quando o idoso passa a ser visto de outra maneira na comunidade: a velhice não é mais percebida como doença contagiosa, mas como um processo natural do ciclo vital.

Posto isto, Moragas (1997, p 17) apresenta três concepções de velhice dentro da variedade de seus conceitos, resumidamente são elas: a Velhice Cronológica (velhice histórica real do organismo, medida pelo transcurso do tempo), a Velhice Funcional (corresponde ao emprego do termo “velho” como sinônimo de “incapaz” ou “limitado”) e Velhice ou Etapa Vital (onde a velhice constitui um período semelhante ao das outras etapas vitais, como pode ser a infância e adolescência). Nesta pesquisa utilizamos a última concepção, a fim de estudar o velho como uma pessoa com potencialidades únicas e distintas, sendo elas a serenidade, experiência, maturidade com perspectivas de vida a serem sonhadas. Para Herédia, Cortelleti e Casara (2004, p. 74) “a velhice é marcada pela sabedoria, pela ressignificação de valores, pela consciência da finitude, pela esperança, mas também pelas perdas (biológicas, sociais e psicológicas).”

Segundo Tomiko Born (2005, p. 403) “quando se fala em instituições para idosos, o termo que logo nos ocorre é asilo, com as imagens correspondentes de um lugar sombrio, malcheiroso, onde idosos, em estado de semitorpor, esperam, não se sabe bem o quê”. Não partimos aqui deste clichê, mas vamos na contra-mão desta visão equivocada. Iremos adentrar no “Asylo de Pobres”, nome dado na criação da instituição estudada e que condiz com a idéia de velho que se vazia na sua época de fundação (1885), aprendendo os sonhos das pessoas que lá habitam. Neste sentido:

familiares esquecem o potencial inteligente que o idoso possui, ignorando que este aspecto pode ajudar na manutenção e na ampliação da memória. E, nesta ordem instituída, o idoso vai se fazendo velho e deixando se fazer um idoso velho, assumindo uma velhice precoce por abdicar do direito de ser respeitado e valorizado, de ser produtivo e percebido como interessante (SOUZA, MASSAIA & MARQUES, 2003, p. 116).

Percebo em minha família, o quanto os devaneios dos mais velhos, sobre a época de sua juventude e sobre nossos antepassados enriquecem e colorem meu imaginário sobre eles. Este processo fortalece os laços entre nossos membros e me possibilitarão passá-los a diante para meus descendentes.

Neste sentido, a leitura do livro *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*, de Ecléa Bosi (1994) foi um grande apoio para minha sensibilização e compreensão do que é ser velho. Pude aprender de que maneira fazer a descrição das imagens dos idosos, despertando minha atenção para determinadas imagens e não outras. Escrevo assim, nesta dissertação, do quanto admiro e respeito os velhos, por toda sua experiência de vida e exemplo que nos dão.

Desta forma, na apresentação do livro citado à cima, Marilena Chauí escreve seu discurso para a banca de defesa de livre-docência de Bosi, esclarecendo questionamentos sobre como os velhos chegaram ao ponto em que estão. Chauí diz: “destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros” e complementa:

todavia, a memória não é oprimida apenas porque lhe foram roubados suportes materiais, nem só porque o velho foi reduzido à monotonia da repetição, mas também porque uma outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos (p. 19).

A partir da apresentação do livro e ao longo das histórias narradas pelos idosos, muitas vezes me peguei em lágrimas. Com esta leitura, revivi momentos já passados por mim no *Asylo de Pobres*, na realidade cruel e escondida do velho, e narrados com tanta clareza por Bosi. Momentos muito singelos e profundos, fatos duros da nossa sociedade, enfim, vida e memória de velhos.

A autora nos deixa transparecer o cotidiano duro do corpo físico de um velho: “quando a memória amadurece e se extravasa lúcida, é através de um corpo alquebrado: dedos trêmulos, espinha torta, coração acelerado, dentes falhos, urina solta, a cegueira, a ânsia, a surdez, as cicatrizes, a íris apagada, as lágrimas incoercíveis.”(BOSI, 1994, p. 39). A este respeito, Beauvoir (1990, p. 114) escreve:

Essa enumeração desolada das deficiências da velhice será encontrada em todas as épocas, e é importante sublinhar a permanência desse tema. Se o sentido e o valor dados à velhice variam com as sociedades, nem por isso ela deixa de permanecer um fato que transcende a História, suscitando um certo número de reações idênticas.

Mas não foram só de tristeza minhas lágrimas, foram de pura emoção, de alegria, ao poder fazer parte destas histórias, a medida que as lia e trazia para minha vida, minha pesquisa, um olhar mais diverso e por isso, mais ambiental. Como quando D. Alice agradece pela entrevista para a autora Bosi, em uma pergunta de espanto: “Quem diria que um dia eu ia abrir o livro de minha vida e contar tudo? E agradeço por isso: é bom a gente lembrar. Deus te abençoe” (BOSI, 1994, p. 123). Com Sr. Amadeu, outro idoso entrevistado por Bosi, escutamos a voz da experiência:

Os velhos de hoje foram os moços de ontem. Devem procurar ainda fazer alguma coisa na vida. Se um velho fosse doente, abandonado, deve-se recolher num lar onde pudesse passar os últimos anos com fartura, boa companhia quando sozinho. Se tem família, embora tenha feito algum deslize na mocidade, acho que devia ser perdoado e tratado muito bem (BOSI, 1994, p. 153).

Sr. Ariosto, morador de um asilo em São Paulo, e também entrevistado por Bosi, fala à ela: “Veja, hoje a minha voz está mais forte que ontem, já não me canso a todo instante. Parece que estou rejuvenescendo enquanto recordo” (BOSI, 1994, p. 158). Sr. Ariosto, em sua simplicidade com as palavras, fala de sua experiência de vida e do tempo que passa: “Sábado, domingo, leio jornal que o barbeiro traz; fico conversando com os outros velhinhos e assim vai passando o tempo. Mas eu não gosto de passar esse tempo” (BOSI, 1994, p. 176). Ele explica por que afirma não gostar de passar esse tempo, e como a vida no asilo poderia ser mais lembrada, não só em dia de festa:

Acho que deviam ouvir as necessidades dos velhos, tratar com mais carinho as pessoas de idade. Ninguém gosta de velho. Não maltratem os seus pais, porque se você perder esses velhos perdeu tudo... Quando fazem festa no asilo tem sanduíche de pão e queijo, bolo, é quando a gente passa bem. Vêm algumas meninas, convidadas do asilo, e agradam a gente: “Vovô, o que é que o senhor precisa? Come mais um pouquinho!”. E beijam a gente. Tem duas meninas que quando se despedem abraçam um por um: “Vovô, eu gosto do senhor!” Mas é só dia de festa. No dia-a-dia, deviam ter mais tolerância conosco (BOSI, 1994, p. 176).

Como se respondendo à pergunta que eu fazia nas entrevistas no Asylo de Pobres, Sr. Ariosto fala de um sonho: “Se eu pudesse pedir alguma coisa, pediria que não maltratassem os velhos, pediria que tenham mais compaixão das pessoas” (BOSI, 1994, p. 176).

Outro entrevistado por Bosi, o Sr. Abel, conta de uma passagem em sua infância, onde comprou todo um estoque de leite-condensado com validade vencida e que comeu tudo: “o tempo passou e o leite cozeu. Mas o tempo não passa, o tempo é estático, o tempo é, nós é que estamos passando pelo tempo, nós nos desgastamos no tempo, deu pra compreender?”(BOSI, 1994, p. 183). Procurei compreender este questionamento e respondê-lo em minha pesquisa, dia após dia.

Assim, Sr. Abel segue em suas reflexões: “eu quero a tradição, porque quem não tem passado, não tem presente” (BOSI, 1994, p. 216) e lembra que “na velhice temos o que ensinar, mas escrevi num poema: *A mão trêmula é incapaz de ensinar o aprendido.*” (BOSI, 1994, p. 217). Desta forma, Sr. Abel mostra da vontade que há no velho de ensinar, mas da dificuldade física que é encontrada nesta etapa vital.

Outro entrevistado por Bosi, Sr. Antônio, de 73 anos, descreve como leva sua vida: “jogo com prazer com as pessoas de idade, que me dão um certo equilíbrio. Sábado e domingo, fico jogando baralho com os amigos.” (BOSI, 1994, p. 259) e segue em seus pensamentos: “quero amar o que está aí perto, sou assim terra-a-terra, um homem, como se diz, ao rés-do-chão.” (BOSI, 1994, p. 261)

Dona Jovina, uma professora muito culta, fala em sua entrevista sobre o valor que dá ao dinheiro: “quanto mais vivo, mais horror tenho ao dinheiro. Quando leio hoje no jornal sobre a exploração na América Latina, na Nicarágua, volto aos meus vinte anos. O mundo fica omissos” (BOSI, 1994, p. 286).

Ela segue suas reflexões, lembrando dos anarquistas no Brasil: “onde estão todos eles? Foram esmigalhados pela sociedade de consumo. E a gente se omitindo, faço parte dessa omissão. Xingar, chorar não adianta. Os que lutam por um mundo melhor são postos de lado, não conseguem nada” (BOSI, 1994, p. 291). Dona Jovina termina sua entrevista com palavras fortes de desabafo e esperança:

Sou muito da Terra, a Terra é que é meu mundo. Nessa Terra queria que todos se entendessem. Se não houvesse egoísmo, ambição, a gente poderia ser feliz. E a Terra é bonita. Que Terra meus bisnetos verão? Toda poluída, um monstro de cimento armado. Verão um pôr-do-sol, uma flor? Vivo muito o presente, o futuro, só agora fiquei voltada para o passado. A vida é o presente. [...] Essas coisas em minha vida vieram acontecendo ao encontro do que já existia em mim. Eu já tinha tudo isso *dentro de mim*. Fui sempre uma revoltada. Nunca pensei, em minha juventude, chegar aos sessenta anos, achava que chegar aos setenta era uma traição. Estou com oitenta anos... Como temos sido espezninhados nesses quinze anos! Trabalho agora em auxílio dos refugiados. Na luta pela anistia aos presos políticos, mas não acredito

que haverá anistia. Vivo ainda esperando algo de bom. Uma incursão no passado é dura. O passado está sempre em meu coração, não posso tirá-lo daí. [...] A vida é uma luta, estou sempre lutando. Pensei que ia ter uma velhice espiritualmente mais feliz e a gente continua dando murros em ponta de faca. Sempre remei contra a corrente. Parece que não chega nunca a vez dos bons (BOSI, 1994, p. 295).

Sua irmã mais nova, Dona Brites, se faz perguntas, ao mesmo tempo que recorda: “Com que sonha uma criança? Volto agora com 74 anos a sonhar de olhos abertos” (BOSI, 1994, p. 298) e descreve os devaneios que lhe surgem no momento da entrevista:

Na grama do jardim, empurrávamos tatuzinhos com uma varinha para brincar de boiada. A gente tinha imaginação. Apostava quem catava mais caracol, eu penso que isso eram os grandes que inventavam para a gente limpar o canteiro. Quando a gente achava uma joaninha vermelha com pinta preta, como a gente fazia festa! Os besouros vinham do mato próximo bater no lampião de gás. As joaninhas desapareceram, penso que é por falta de mato. Nunca mais vi uma joaninha. Quando eu era criança entre a Lapa e Santa Cecília havia mata (BOSI, 1994, p. 309).

Dona Brites conclui que “tenho remexido muito meus sentimentos para contar o que contei. Me virei muito pra trás. Minha infância foi brincada, pulada, cantada” (BOSI, 1994, p. 360). Já Dona Risoleta ao devanear, recorda da época de sua infância onde tudo era plantado: “naquela época a terra tinha estações: de repolho, de couve-flor, de alface, de tomate; agora não, agora dá o ano inteirinho. [...] Fora do tempo não tinha nada. Laranja agora tem o ano inteiro, naquele tempo tinha em maio, junho, julho até agosto” (BOSI, 1994, p. 368).

Assim, na leitura que realizei do livro *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos* de Ecléa Bosi, compreendi que ele conta as histórias das pessoas, de suas famílias, amigos, trabalhos, colegas, enfim dos laços que precisamos ter, para construir nossa identidade, manter nossas referências vivas. Das relações com os outros, onde nos enxergamos na diferença. Do como nos conhecemos no diferente, no outro, nas histórias individuais e coletivas de um mesmo tempo, o agora. Me espelho portanto neste estudo para trazer aqui histórias de alguns idosos, que criam suas viagens imaginárias no asilo estudado.

### 1.2.3.1.1 A cultura da velhice nas sociedades primitivas

Este item apresenta um resumo da vida na velhice, dentro de algumas sociedades primitivas, sendo assim, as autoras Herédia, Cortelletti & Casara (2004, p. 15) escrevem que “o envelhecimento não se dá de forma homogênea para todos os povos e tampouco para os indivíduos.”

Sobre o tema da velhice nas sociedades primitivas, Simone de Beauvoir (1990, p.64) desenvolve um longo estudo, apresentando o autor Simmons e sua obra de síntese, publicada em 1945 (*The Role of the Aged in Primitive Society*), onde o autor “indica que, em 39 tribos estudadas sob este ponto de vista, a negligência e o abandono dos velhos eram comuns em 18, não somente entre nômades, mas também nas sociedades sedentárias.” Neste sentido, a autora escreve que:

Muitas sociedades respeitam as pessoas idosas enquanto estão lúcidas e robustas, mas livram-se delas quando se tornam decrepitas e senis. É o que ocorre entre os hotentotes, que levam uma vida seminômade, na África. [...] O filho oferecia um festim á aldeia, que fazia suas despedidas ao velho; içava-se este último sobre um boi e uma escolta o conduzia a uma cabana afastada, onde era abandonado com um pouco de comida (BEAUVOIR, 1990, p. 66).

Este comportamento e diversos outros são descritos por Beauvoir (1990, p. 68) ao longo do livro a fim de se aprofundar neste estudo, assim ela escreve que “os etnólogos tendem a afirmar que os velhos se resignam facilmente com a morte que lhes é infligida: é o costume, seus filhos não podem agir de outra maneira, talvez eles mesmos tenham matado, outrora, seus pais”. Em certos rincões do Japão, e até uma época recente, as aldeias eram tão pobres que para sobreviver, as pessoas eram obrigadas a sacrificar os velhos. Eles eram transportados para as montanhas chamadas “montanhas da morte”, sendo ali abandonados. Suas lendas contavam que se nevava na montanha nesta hora, a passagem seria tranqüila.

A autora conta que nas ilhas Aleútas vivem os aleútes, mongóis robustos, e “apesar da precariedade de sua condição, o destino dos velhos é feliz. A razão disso é, sem dúvida, o valor que se dá à sua experiência e sobretudo o amor recíproco que une filhos e pais” (BEAUVOIR, 1990, p. 75). Em outro ponto Beauvoir (1990, p. 77) diz que “quando a vida econômica requer um saber mais rico, quando é menos árdua a luta contra a natureza, permitindo certo distanciamento desta, a magia e a religião florescem;

o papel do velho torna-se, então, mais complexo: ele pode ser detentor de grandes poderes”. Ela escreve assim que:

Técnica, magia, religião constituem o essencial da cultura nas sociedades primitivas. Estes três domínios estão intimamente ligados, aparentando-se a magia ao mesmo tempo com a técnica e a religião [...] entre os zandes, do Sudão, encontra-se um esquema análogo, mas ali a magia predomina e é, antes de tudo, no medo que o homem idoso funda seu domínio (BEAUVOIR, 1990, p. 80).

Beauvoir (1990, p. 91) descreve em seu livro que “os velhos representam um papel menor entre os povos que são suficientemente avançados por não acreditarem na magia e por não darem muita importância à tradição oral”. Ela conta que é assim entre os lepchas que vivem no Himalaia. Eles sabem ler e praticam o lamaísmo, trabalham nas plantações de chá; cultivam o milho, arroz; criam gado e caçam. No entanto, nessa sociedade, o único trunfo dos velhos é o amor de seus filhos; eles não tem nenhum valor por si mesmos. Assim,

Vê-se que, no que toca à condição dos velhos nas sociedades primitivas, é preciso abster-se de simplificar. Não é verdade que em toda parte se faça o velho “cair de maduro”, também não é justo alimentar uma imagem idílica do destino dos idosos. [...] Salta aos olhos que o velho tem mais condições de subsistir nas sociedades ricas do que nas pobres, nas sedentárias mais do que nas nômades. No que diz respeito às sedentárias, coloca-se apenas um problema de sustento; no que se refere aos nômades, além deste problema, há ainda outro, mais difícil, o do transporte. Mesmo que gozem de certa abastança, esta não é conseguida senão graças à interessantes deslocamentos: se os idosos não conseguem seguir, são abandonados. Na sociedades agrícolas, a mesma relativa abundância seria suficiente para alimentá-los. Entretanto, a situação econômica não é, absolutamente, determinante: em geral, trata-se de uma opção que a sociedade faz, e que pode ser influenciada por diferentes circunstâncias: o fato é que, apesar da rudez de sua existência, os chukchees do interior urbanizam-se para levar os velhos com eles, quando se deslocam. Em compensação, sociedades agrícolas que não contam entre as mais miseráveis deixam, com indiferença, seus velhos morrerem de fome (BEAUVOIR, 1990, p. 98).

Neste sentido, Beauvoir escreve (1990, p. 101) que “pode-se concluir que a opção mais habitual das sociedades, agrícolas ou nômades, cujos recursos são insuficientes, é a de sacrificar os velhos”. No entanto, quando uma sociedade goza de certa margem de segurança, a autora diz que pode-se, *a priori*, concluir que seus velhos são do interesse dos adultos para preparar seu próprio futuro. Onde a cultura

desenvolve-se e, graças à ela, as pessoas idosas podem adquirir uma grande influência. A magia constitui, então, um sistema de pensamento que se aproxima de uma ciência.

Sendo assim, o culto aos antepassados aparece como algo muito importante nas culturas primitivas, como escreve Beauvoir (1990, p. 105): “na criança, repousam as esperanças do futuro; o velho, ancorado ao passado, é detentor do saber; precisa formar seus herdeiros, que assegurarão sua sobrevivência graças à memória deles, através do culto dos antepassados”.

Para a autora, a diversidade no trato das culturas primitivas acaba por trazer finais extremamente cruéis aos seus velhos, bem como fortificar os laços da família até o fim de suas vidas:

as soluções práticas adotadas pelos primitivos com relação aos problemas que os velhos lhes colocam são muito diversas: pode-se matá-los, deixar que morram, conceder-lhes um mínimo vital, assegurar-lhes um fim confortável, ou mesmo honrá-los e cumulá-los de atenção (BEAUVOIR, 1990, p. 108).

O pequeno estudo sobre a velhice nas sociedades primitivas apresentado à cima, nos auxilia a quebrar um famoso clichê sobre os velhos: o de que são valorizados pelas sociedades primitivas e não na cultura contemporânea. Como podemos ver, a valorização da velhice é um processo muito diverso, dependente de fatores específicos dentro de cada cultura.

### **1.2.3.2 Oficinas de Criação de Sonhadores (OFCS)**

Rodrigues escreve que (1999, p.80) “o cotidiano compreende um processo sistemático e inconsciente de esquecimento do homem como ser sonhador, enquanto imprime um ritmo que desgasta a vontade de sonhar, banaliza a novidade e adormece os sonhos”. Assim, procurando despertar os sujeitos sonhadores que há em cada um de nós, o autor desenvolve as “Oficinas de Criação de Sonhadores” (OFCS), no Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação Estética Onírica (NUPEEO), da Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Este é um espaço público aberto à comunidade, de estudo, pesquisa e intervenção estética no âmbito da filosofia



experimental acerca das temáticas da educação estética, constituída pelo onirismo ativo do sonho desperto criador.

Estas oficinas são realizadas nos mais variados espaços e ambientes e com grupos de pessoas de diferentes formações, como enfermeiras, bancários, encarcerados e nesta pesquisa junto à um asilo. Sendo assim, Victor Hugo me orientou que realizasse as atividades práticas no asilo, a fim de me sensibilizar e perceber as reações dos participantes. Desta forma, as OFCS de cunho estético-onírico no asilo, serviram de inspiração para devaneios e sonhos realizáveis dos sujeitos sonhadores na instituição.

Durante as atividades em uma OFCS, com fundamentação na Educação Estética, os participantes deixam-se levar pelo momento, esquecendo por alguns instantes de racionalizar a vida, as preocupações e culpas e despertar coletivamente para a alegria de viver. Como no exemplo da primeira OFCS, onde realizamos uma visita na Praia do Cassino, no dia 20 de Novembro de 2008, e os participantes molharam os pés na água do mar, cataram conchinhas na beira da praia e fizeram um piquenique na praça Didio Duhá, para finalizar o passeio.

Na segunda OFCS, no dia 10 de Dezembro de 2008, conseguimos realizar uma Ceia de Natal, com aniversário de criança para adultos, somando esforços de muitos voluntários, profissionais e funcionários do asilo.

A terceira OFCS foi pensada pelo Victor Hugo a partir da leitura do livro “*A Idade de Ouro: envelhecendo com sabedoria*”, da autora Artman (2002), e foi realizada no dia 17 de Novembro de 2009, trazendo lindas figuras, com frases de estímulo, onde os participantes escolhiam a que mais lhe representava.

Na quarta OFCS realizamos no dia 21 de Janeiro de 2010 uma sessão de cinema no asilo, com filmes dos “Três Patetas”, muita pipoca e memoráveis risadas.

Poderia-se dizer que estes modelos de oficinas procuram “revelar as tentativas de individualização que animam o homem desperto, o homem que as idéias acordam, o homem que a imaginação convida à sutileza” (BACHELARD, 1998, p. 144).

### **1.2.3.3 A “artesanía” na Análise Textual Discursiva**

Os dados colhidos nas entrevistas tiveram sua origem nas entrevistas semi-estruturadas, registros das observações, relatos e depoimentos escritos feitos pelos participantes e nos relatos das oficinas. Este material foi analisado por meio da Análise Textual Discursiva (ATD), estudada em MORAES & GALIAZZI (2007, p. 112) podendo ser entendida “como um processo de desconstrução, seguida de reconstrução, de um conjunto de materiais lingüísticos e discursivos, produzindo-se a partir disso, novos entendimentos sobre os fenômenos e discursos investigados.”

O ato de transformar as informações do material estudado em um material de análise, teve um foco quase artesanal durante as práticas em classificar as unidades e categorias estudadas, a partir das entrevistas. Isto ocorre devido à dedicação despendida na metodologia de ATD ao transformar as informações em documentos escritos. “Independente de sua origem, estes materiais serão transformados em documentos escritos, para então serem submetidos à análise. O conjunto de textos submetidos à análise costuma ser denominado o *corpus*.” (MORAES, 2007, p. 87).

Moraes e Galiazzi (2007, p. 165) escrevem que “aqueles que se envolvem em uma pesquisa de natureza qualitativa e dentro da Análise Textual Discursiva logo compreendem que, ainda que tenham optado por um caminho metodológico, este não está dado, mas precisa ser construído”.

Após a fase de transcrição dos documentos, realizou-se a “unitarização”, “esse processo permite identificar e destacar aspectos importantes que despontam nos textos analisados e que serão submetidos à categorização na continuidade da análise.” (MORAES, 2007, p. 90). Para Moraes (2007, p. 91), “a categorização é um processo de classificação das unidades de análise produzidas a partir do *corpus*”. Para o autor “a primeira etapa na produção do *metatexto* é a descrição do objeto de estudo”, para ele “descrever é apresentar diferentes tipos de elementos que emergem dos textos analisados e representados nas diferentes categorias construídas” (2007, p. 98).

Porém, a descrição não constitui toda a pesquisa, pois exige interpretação como afirma Moraes (2007, p.99): “toda pesquisa deve ir além de uma simples descrição, chegando até a interpretação [...] interpretar é teorizar sobre o objeto da pesquisa”. Além da descrição e da interpretação cabe ao autor do texto, encontrar formas de validação do mesmo, dando-lhe caráter de cientificidade: “a validade de um *metatexto* pode ser construída a partir da inserção no texto de *falas e citações* de fragmentos dos textos analisados, o que denominamos de interlocuções empíricas [...] tanto as

interlocuções empíricas quanto as teóricas são formas de validação dos produtos das análises” (MORAES, 2007, p.100).

Por outro lado, o que o autor de um texto acadêmico, tem como certo, é que ele precisa estabelecer um ponto de partida e ir construindo um fio condutor, dentro do processo artesanal que é a escrita.

Mesmo após realizadas as ações da pesquisa, a construção textual é apresentada de forma recorrente para aquele que está a escrever como uma atividade sem fim, que exige paciência, dedicação, persistência, prática e que controlem o desespero e o pavor de que o texto nunca acabe, pois “mesmo sem conhecer o ponto de chegada, o processo é um modo de intervir no discurso, assumindo-se o pesquisador como sujeito histórico capaz de participar na reconstrução de discursos existentes” (MORAES, 2007, p.113).

A “artesanaria” da escrita, uma das tantas formas que a professora Maria do Carmo utilizou em aula para nos ensinar a ATD, aprofunda o diálogo do autor consigo mesmo e com todas as vivências, leituras e experiências vividas coletivamente, na transmutação da oralidade em texto escrito.

## 2. O CONVITE À VIAGEM IMAGINÁRIA: APRENDIZ DE SONHADORA

Fui convidada a uma viagem imaginária para me formar um sujeito sonhador, através da Filosofia do Espanto Imaginário, a partir da leitura da Tese de Doutorado de meu orientador. E a aceitei, a fim de despertar um sonho profundo, o sonho mais profundo. Através dos estudos de Nietzsche, Rodrigues escreve que “ao tomar consciência da profundidade do sonho, o homem vai compreendendo o quanto profundo é o mundo, assim como também o são o sofrimento e o prazer em suas complementaridades recíprocas” (1999, p. 67). Foi neste ponto que parei de chorar ao escrever e comecei a sorrir! Finalmente!

Aprendi nesta filosofia, baseada na trajetória de Gaston Bachelard “que ler também é percorrer os caminhos de um convite para fazermos uma viagem imaginária” (RODRIGUES, 1999, p. 68). O conceito de viagem imaginária adaptado de Rodrigues (1999, p. 83) e utilizado neste estudo é o seguinte: “processo de desprendimento da vida cotidiana, uma abertura para a novidade, uma preparação do sonhador para uma vontade de viajar/imaginar e do gosto pelas imagens, percebendo atentamente os instantes nos quais os sonhos emergem numa consciência onírica.”

Ao assumir para mim mesma a responsabilidade da viagem imaginária, me tornei aprendiz “de poetas e de filósofos sonhadores, acompanhando suas imagens que conduzem ao universo imaginário” (RODRIGUES, 1999, p.69), porque:

em todos esses, podemos encontrar a novidade de uma nova iluminação diante do que vemos todos os dias ao nosso redor, como um processo de mudança interior, como um ritual de passagem em que aprendemos a trabalhar com matizes de realidade, com tonalidades de devaneio que nos possibilita adentrar na dinâmica das imagens do universo imaginário (RODRIGUES, 1999, p.69).

Querendo observar profundamente a mim mesma e aos outros, precisei sair do meu meio de convívio familiar muitas vezes ao longo da escrita desta dissertação. Percorria as quatro horas e meia de ônibus que levam de Porto Alegre à Rio Grande mensalmente e aproveitava estes momentos para curtir as paisagens pampeanas e identificar a fauna e flora ao longo do percurso. Como no poema de Rodrigues (1993, p. 24) “2.0212 Uma águia só pode olhar para os obstáculos depois que alça vôo”. Foi assim que pude compreender que “as interrogações e experiências de elevação vertical

do andarilho solitário são elaboradas a partir de uma tomada de distância, para que esse possa observar em diferentes perspectivas” (RODRIGUES, 1999, p.87).

Foi no NUPEEO onde encontrei “o lugar da incerteza e da imprecisão, que permite que o onirismo se instaure” (RODRIGUES, 1999, p.88), porque em uma das muitas dificuldades que passei para escrever sobre minha avó, foi neste espaço que consegui me libertar. Rodeada de pensadores contemporâneos e de muita espiritualidade, permaneci escrevendo sentada de costas a uma parede, onde o retrato de Meishu-Sama ministrava JOHREI.

A sala do NUPEEO está localizada no local original do Protocolo, nos anos de 1980. É interessante notar que enquanto tentava escrever este texto, várias vezes fui interrompida por acadêmicos que adentravam a sala para pedir informações. Assim, a passagem constante de pessoas e suas dúvidas sobre onde ficava o Protocolo, não me atrapalhavam. Pelo contrário, acabavam por me fazer descansar um pouco e tomar fôlego para continuar a escrita.

As visitas de colegas eram então mais inspiradoras, porque se sentavam por alguns minutos, como que buscando refúgio na paisagem da sala. Trocávamos algumas palavras e partiam, desejando bons estudos. Por isso, eu fazia questão de deixar a porta aberta, para que na correria do dia-a-dia, quando os transeuntes passassem tivessem instantes de uma experiência imaginária, ao se depararem com cadeiras coloridas, em uma mesa talhada por cracas do mar, um divã e uma escrivaninha, um ventilador azul celeste muitos outros detalhes que não são comuns em uma universidade.

Como exemplo desses acontecimentos, destaco dois garotos que pararam na porta e me perguntaram por cima da pilha de jogos que cobriam a mesa, se ali era um laboratório e eu disse que sim, que era um Laboratório de Criação de Sonhos. Eles fizeram uma cara de estranhamento e agradeceram, porque estavam a procura do Laboratório de Informática.

Experiências como estas me faziam sentir mais leve e assim a escrita fluía. Muito diferente dos momentos de paralisia da escrita, nos dias de exaustão, quando me enxergava sozinha na sala, junto ao computador de minha casa em Porto Alegre.

Sem conseguir escrever, voltei a ler e reler as Poéticas de Bachelard, onde pude compreender quando ele escreve que as palavras sonham ou seja, um objeto sonha, na medida que “a matéria imaginada não é compreendida como objeto amorfo situado no

espaço, mas como energia imaginante constituindo as imagens oníricas” (RODRIGUES, 1999, p.92).

Mais uma vez de volta à sala do NUPPEO, na tentativa de finalmente escrever a dissertação, abri a tese de doutorado de meu orientador pela centésima vez e de repente me espantei, porque consegui interpretar de uma maneira nova sua linguagem. Acabei por compreender a “Filosofia do Espanto Imaginário”, que explica o real pelo imaginário, sob a perspectiva de um pensamento sonhador e fui conduzida a fazer uma viagem de descobrimento de mim mesma, como sonhadora, no processo de um devir.

Apreendi também que a viagem imaginária “não é uma viagem histórica procurando colocar a linearidade do tempo em passado-presente-futuro. A viagem imaginária é uma viagem cósmica, que prepara e aguça a percepção para uma paisagem aberta, nova e indeterminada” (RODRIGUES, 1999, p.97). Precisei dos dois longos anos de escuta das palavras de meu orientador, para entender que eu estudava “o reconhecimento da imagem do deserto do mundo, da cultura e da vida” (RODRIGUES, 1999, p.101). Segundo Rodrigues “ao assumir o direito de sonhar, Bachelard coloca o filósofo diante dos impasses da cultura.” (RODRIGUES, 1999, p.115)

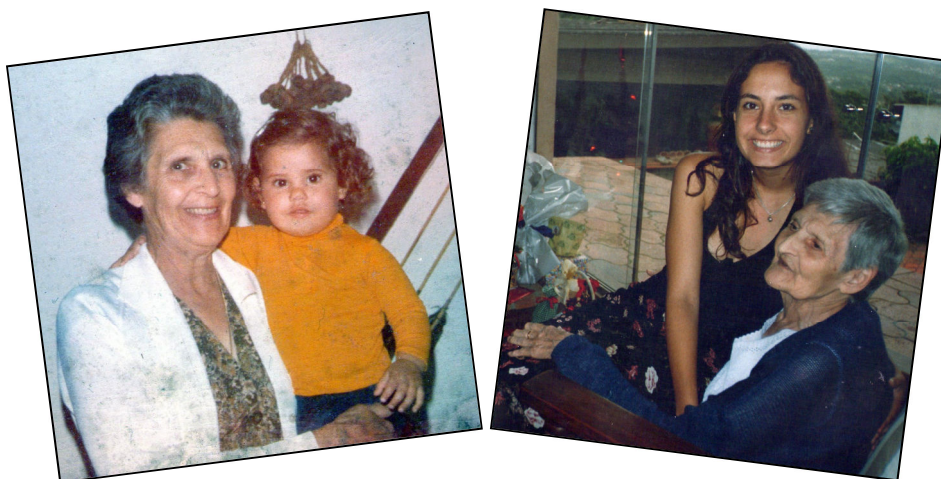
Iniciei viagens imaginárias, cada vez que adentrava no NUPEEO e abria os livros, encontrando a inspiração para escrever sobre minha trajetória de leituras e escritas, nas palavras de Rodrigues “ler é viajar. É partir para uma viagem. É aventurar-se no universo da imaginação” (1999, p.106).

o começo da lição é abrir o livro, num abrir que é, ao mesmo tempo, um convocar. É o que se pede aos que, no abrir-se o livro, são chamados à leitura não é senão a disposição de entrar no que foi aberto. O texto, já aberto, recebe àqueles que ele convoca, oferece hospitalidade. Os leitores, agora dispostos à leitura, acolhem o livro e na medida em que esperam e ficam atentos. Hospitalidade do livro e disponibilidade dos leitores. Mútua entrega: condição de um duplo devir (LARROSA, 1999, p. 139).

Neste sentido, Marques (2000, p.10) escreve que “ler é descortinar muitas leituras possíveis, é dilatar os horizontes das próprias percepções, horizontes dos muitos mundos abertos à inventividade criativa”. Poderíamos dizer, baseados em Bachelard, que o livro sonha! Assim “despertada pela leitura para a aventura, a consciência sonhadora começa a viajar através da escrita, como um caminho de sonhos” (RODRIGUES, 1999, p. 107).

Para Nietzsche “o homem é difícil de descobrir, sobretudo quando se trata de se descobrir a ele mesmo” (2005, p. 176). Foi a partir do momento que aceitei me descobrir que esta busca se tornou um processo prazeroso, na medida em que os sonhos, principalmente o da escrita, começaram a brotar, “sonhar e escrever se inserem, assim, na estrutura simbólica da linguagem, entendendo-se por símbolo não o sinal qualquer, mas o sinal significante de muitos sentidos possíveis.” (MARQUES, 2000, p.37).

Apresento assim, neste segundo capítulo, devaneios sobre os momentos em família, divididos com Vó Dalcy. Nossas descobertas, passeios e o colo que ela me dava, mesmo depois de grande, são as lembranças que trago para esta dissertação. Ao lerem as palavras que aqui escrevo, meus pais e minha irmã se espantaram com as imagens apresentadas e se maravilharam com elas!



**Figura 1 e 2 - Foto do colo que Vó Dalcy me dava, em Torres (RS), no ano de 1980 e em Porto Alegre (RS), em 2001.**

Trago também aprendizagens que obtive em algumas das disciplinas do mestrado em Educação Ambiental e que pude direcionar ao despertar de um olhar maravilhado sobre a velhice. Para tanto, a Educação Estética é descrita a partir de três perspectivas, a da abordagem Sócio-histórica, a do Belo e pela Onírica, seguindo a ordem de disciplinas que fui estudando e o caminho que percorri ao chegar na escolha da mesma para este estudo. Descrevo em uma carta sonhada, a partir do Ecomunitarismo, um mundo utópico que valoriza todas as idades e etapas vitais, bem como estudos sobre a Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano, que realizei a partir de minha história de vida e de observações iniciais no Asylo de Pobres.

Também dentro destas aprendizagens mostro um estudo da história humana através da Arte e Ecologia, com aportes do livro “*A Velhice*”, de Simone de Beauvoir. Tais estudos são apresentados como parte da fundamentação teórica para o desenvolvimento desta pesquisa.

## **2.1 Viagens em família, acompanhando minha avó nos residenciais**

Onde tudo começou? Me perguntava ao pensar a escrita. “Onde começa a vida, na vida que não sonha ou na vida que sonha? Onde foi a primeira vez? Pergunta-se o sonhador. Na lembrança tudo é claro, mas e no devaneio que se liga à lembrança?” (BACHELARD, 1988, p. 121).

Desde a morte física de minha avó, tenho dedicado meus escritos em sua homenagem, como uma monografia e o manuscrito de um livro infantil. Nesta dissertação não faria diferente, me aprofundando desta vez em reflexões de nossa história de vida e um pouco também nas vidas de pessoas que habitam o Asylo de Pobres, na cidade de Rio Grande.

Passei quase 10 anos acompanhando minha avó nos quatro residenciais de terceira idade em que ela morou. Até então, o único asilo que conhecia, havia sido o de uma visita com a escola, na quarta série, à SPAAN (Sociedade Porto-alegrense de Auxílio aos Necessitados). Lá, fiz amizade com uma senhora, Dona Paulina, que me acompanhou durante toda a manhã. Conheci um grande pátio arborizado, com dois prédios amplos para abrigar os idosos. Em uma sala, alguns dos moradores trabalhavam separando tampinhas de garrafa para reciclagem e outros montavam pregadores de roupa.

Mesmo com esta visita, em meu imaginário, acreditava que eram locais sombrios, onde as pessoas eram inclusive mal tratadas. Nunca pensei que veria minha avó morar em um lugar assim, mas foi uma fatalidade. Ela já estava com 82 anos e caiu de um banquinho, no apartamento em que morava até então de forma independente. Na queda, acabou quebrando a bacia, este foi o início para uma pneumonia e de cuidados constantes.



Devaneando sobre essa época, lembro que meu pai a levou para morar conosco e que ela dormia em meu quarto. Ao chegar da escola, a encontrava sentada quietinha num canto da sala. Ela não estava feliz e eu também não, ao vê-la assim. Para a alegria de todos, meu pai conseguiu comprar um apartamento em seu nome e sua mudança para lá parecia que iria trazer os bons tempos de volta. Mas ela já estava debilitada e sua antiga independência não pôde ser restabelecida. Eu estava trabalhando no Shopping Praia de Belas, vendendo roupas juvenis e dormia em sua casa com frequência. Ela continuava cozinhando seus almoços inesquecíveis, mas voltou a adoecer...

Como desta vez ela ficou muito fraca, após semanas de cama no hospital, precisou ser internada em um residencial para cuidados especiais. Passou tanto tempo deitada, que havia perdido a capacidade de caminhar. Foi com muita insistência que um passo após o outro, ela foi reaprendendo a andar. Este foi o primeiro residencial dos quatro em que ela morou.

Os oito anos seguintes foram de rotinas de visitas e passeios para tirá-la um pouco dos mesmos ambientes. Eu fazia o que podia, era uma menina de 16 anos e a incentivava, incansável. Cada “não” que ela me dizia, eram três “vamos lá, só um pouquinho”, que eu respondia. Assim, conseguia convencê-la a dar uma caminhada na quadra ou passear de carro um pouquinho com meus pais.

Ao chegar nos residenciais, a impressão era sempre a mesma, todos velhos ou deficientes, estavam lá, sentados e parados. No primeiro residencial em que vó Dalcy morou, chegávamos a chamar de “Clínica”, tal eram os cuidados para sua recuperação, como soro, remédios, cadeira de rodas e fisioterapia. Ele ficava no Bairro Nonoai e lembro que o lugar não cheirava bem. A casa era em cima do morro e tinha uma linda vista para o Rio Guaíba, onde podíamos ver os navios chegando e saindo, junto ao pôr-do-sol. Comemoramos um de seus aniversários lá, em 1996 com um mousse de chocolate aerado, que só minha mãe sabe fazer.



**Figura 3 e 4 - Aniversário da Vó Dalcy no primeiro residencial em que viveu.**

Quando a vó se recuperou e já conseguia andar, o pai a mudou para uma outra casa mais perto de onde moramos, este era o ano de 1997. O segundo residencial foi então no Bairro Guarujá, bem arborizado e na esquina da Igreja Santa Rita. Como minha avó era muito católica, íamos seguido na igreja para rezar. Ela gostava muito da imagem de Santo Antônio e sentava perto dele. Nesta casa ela teve aulas de artesanato e fazia cestinhas de jornal pintadas. Ela se sentia muito bem lá e gostava de caminhar nas ruas calmas do lugar.

Infelizmente o residencial, em 1999, se mudou para a Av. Goethe, em um bairro bem afastado dali, muito movimentado e comercial de Porto Alegre. A nova casa não tinha pátio e ficava apertada entre dois prédios. Era de dois andares, sem elevador, o que fazia com que a vó não descesse muito e permanecesse mais tempo no quarto. Era nítido que ela não estava feliz lá, nem eu, porque não podíamos nem caminhar nas calçadas, tal era o barulho dos carros e a dificuldade do percurso, com muita lomba e degraus.

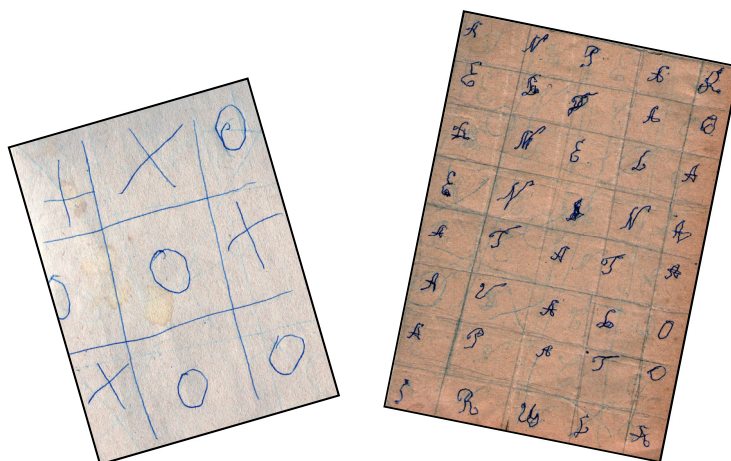
Fiquei muito feliz quando, em 2000, meu pai a trouxe de volta para um bairro mais perto, agora na Rua Cariri, no Bairro Vila Assunção. Novamente ela estava morando em um local residencial, com praças, longas calçadas e próximo do rio. Neste ambiente, ela aceitava sair mais e ia comigo um pouco nas praças e no armazém, onde tomávamos café. Quando o sol estava muito forte, ela colocava um óculos escuros para se proteger e ficava muito engraçada. Brincávamos que ela parecia uma coruja.

Em qualquer uma das casas, era difícil para mim ver e aceitar que minha avó, lúcida e cheia de vida, estava nesta situação e não era a única. Em meio a um ambiente assim e sem expectativa de volta para casa, porque seu apartamento havia sido vendido, ela aceitava a situação, mas a vontade de voltar pra casa perdurou sempre. Em ocasiões assim, querendo dizer que aceitava a situação, mas acreditava na mudança, ela me repetia: “O mundo é uma bola”. Levo este dizer comigo, ao perceber como os fenômenos estudados se repetem, giram, voam e são arremessadas ao em aberto.

As funcionárias das casas interagiam muito com ela e sua prática com a costura era reavivada por seus pedidos e doações. Algumas traziam lãs para o croché, assim como eu, e a vó fazia colchas e mais colchas, que nós adorávamos. Nós duas jogávamos cartas e éramos acompanhadas algumas vezes por outras moradoras. Iniciávamos em

uma canastra e o mesmo jogo findava em uma mistura de pife com pontinho. Era uma diversão, simples e dinâmica e nós adorávamos.

Na certeza que iríamos visitá-la, algumas vezes em que eu demorava para ir vê-la, quando eu chegava ela exclamava: “chegou o meu anjinho!”. Um dia ela me pediu um caderno, porque queria fazer palavras-cruzadas. Adorei a idéia e encapei um caderno seu que tinha guardado em casa e levei para ela usar. Qual não foi meu espanto ao folhear páginas de um jogo inventado! Ela criou quadros em cruzadinha, onde ali encaixava palavras, as quais desenhava letra por letra: sapato, elefante, tesoura..., demonstrando sua vontade em continuar a escrever. Jogávamos também partidas de jogo-da-velha e pontinho de caneta. As figura abaixo mostram algumas das brincadeiras que fazíamos:



**Figura 5 e 6 - Jogo da velha e palavras-cruzadas jogados por mim e Vó Dalcy.**

Ela gostava muito de ir na casa de minha mãe, onde comia os churrascos que meu pai fazia. Mesmo quase sem dentes se deliciava com a gordura de uma picanha. Aproveitávamos para cuidar de seus cabelos e unhas. Eu e minha irmã fazíamos suas unhas e cortávamos seu cabelo, era uma diversão. Procuo assim, emanar a realidade nas imagens fotográficas que trago para se somarem à escrita, neste sentido, o autor Osório Marques define: “fotografia e escrita, anoto aqui para ressaltar que a foto é emanção da realidade, enquanto a escritura é invenção do novo” (2000, p. 27).



**Figuras 7, 8, 9, 10 e 11 - Momentos em que nos divertíamos em família ao cuidar da Vó Dalcy.**

Na sua penúltima internação no hospital, fui com ela para lhe dar um banho e ela disse que não precisava que eu a ajudasse. Exclamou: “imagina a neta dando banho na avó”, mas eu a endaguei: “se fosse eu que estivesse precisando, tu não ias me ajudar?” Ela disse que sim, no que lhe respondi: “viu? Então eu também vou”. Vó Dalcy finalmente falou: “é... se é assim...está bem!”

Simone de Beauvoir (1990, p. 548) escreveu que “muitas pessoas idosas conhecem o medo, e ter medo é realizar no próprio corpo a recusa de morrer”, o que me remete às insônias da vó, que ela veio a sofrer na velhice. A seu pedido, lhe comprei um radinho de pilhas para se distrair nas madrugadas.

Um dia antes de passar mal e ser internada na UTI, fui visitá-la em um dos residenciais em que morou, nos quais havia passado seus últimos anos. Ela estava no quarto e não sentia força nas pernas, mas quis ir jogar cartas comigo na sala, e com a ajuda da enfermeira, chegamos na mesa. Jogamos um pouco e ela disse: “eu não vou desistir.” Ela tinha os olhos cor de violeta. O cabelo grizalho, que mais parecia azul claro. Essas lembranças mexem muito comigo.

Como no dia em que chegou na UTI e disse: “aqui é cheio de etiqueta”. Minha vó queria voltar para casa, era o que ela me dizia em muitos dos dias que eu à visitava, tenha sido no residencial ou na UTI, mesmo sabendo que sua casa não estava mais lá. “Tudo o que devo dizer da casa da minha infância é justamente o que preciso para me colocar em situação de onirismo, para me situar no limiar de um devaneio em que vou *repousar* no meu passado” (BACHELARD, 2008, p. 32), visto que “a casa natal é uma casa habitada [...] para além das lembranças, a casa natal está fisicamente inserida em nós.” (BACHELARD, 2008, p. 33).

Ela morreu com 90 anos, lutando até o último minuto por sua vida. Em seu enterro, minha prima que não a via há muitos anos, disse que era a mesma Dona Dalcy de 20 anos atrás e seu pai, ao ver nossa tristeza ao enterrá-la me disse: “Ela foi uma boa avó.”

O imaginário dos idosos desde cedo me instiga a ser curiosa e aventureira. Minha avó trazia com ela uma “sabedoria incomum”, que aprendi a respeitar desde criança, como o seu carinho, imposição de limites, paciência e dedicação. Ainda hoje, quando observo um idoso mergulhado em seus pensamentos, ou melhor dizendo, em seus sonhos despertados, uma mistura de imagens de minha infância é acionada, o que me leva a chegar perto deles a fim de estabelecer um contato, uma conversa e iluminadas trocas de olhares.

## **2.2 Aprendizagens na Educação Ambiental, combustíveis para a viagem**

As aprendizagens dentro das disciplinas do curso de mestrado em Educação Ambiental fazem parte de minhas viagens imaginárias, por isso é necessário apresentá-las neste momento, tais como surgiram em minha formação acadêmica.

No primeiro semestre do mestrado e no decorrer das disciplinas em que eu me matriculei fui encontrando algumas das respostas que eu procurava e criando outras perguntas, ainda por serem respondidas. Apresento aqui as pegadas que segui através de algumas das disciplinas estudadas, onde como Zaratustra “tomei muitos caminhos e

servi-me de muitos meios para chegar à minha verdade [...] experimentar e interrogar são a minha maneira de avançar” (NIETZSCHE, 2005, p. 178).

Com a professora Maria do Carmo Galiuzzi, aprendi muito mais do que posso mensurar. Aprendi sobre o “necessário envolvimento intenso e rigoroso do pesquisador no processo de análise e de reconstrução” em que este “precisa-se assumir intérprete e autor” (MORAES & GALIAZZI, 2001, p. 10) durante sua pesquisa. Aprendi também a transformar em um intenso processo os momentos de produção de informações empíricas, abstração, embasamento teórico, análise dos textos e construção do conhecimento. Em suas aulas pude compreender também meu papel de mestranda em Educação Ambiental e encontrar muitas das respostas que eu formulava.

A partir de experiências vividas no Seminário das Três Ecologias, com o professor Alfredo Martin, estudando o autor Félix Guattari e seu livro *As Três Ecologias* (2004, p. 55), algumas idéias me foram inspiradoras para esta pesquisa como a busca por “novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro [...] do processo contínuo de re-singularização”. Aprendi que em uma micro-intervenção, trabalhamos os afetos, escutamos e sentimos o que as pessoas têm a dizer e criamos possibilidades de quebrar círculos viciosos, sem sabermos o que vai resultar desta mudança, deixando em aberto para o devir. Neste sentido, Guattari escreve:

A noção de interesse coletivo deveria ser ampliada a empreendimentos que a curto prazo não trazem “proveito” a ninguém, mas a longo prazo são portadores de enriquecimento processual para o conjunto da humanidade. É o conjunto do futuro da pesquisa fundamental e da arte que está em causa. (1998, p. 52).

Aprendi também a entender as diversas linhas da EA e compreender como era o caminho que eu havia escolhido percorrer.

### **2.2.1 ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO ESTÉTICA: DIVERSIDADES**

Tento descrever a seguir os motivos que diferenciam as maneiras de pensar e agir na teoria de criação das imagens, onde para Bachelard, assim como para os Surrealistas, elas vêm dos sonhos. Nas palavras de Rodrigues “o sonho vai constituindo,

ao mesmo tempo, o sonhador e seu mundo, fazendo do homem um ser devaneante e, do mundo, um universo imaginante” (1999, p. 76). Por outro lado, as imagens na visão Sócio-histórica são formadas pela convivência com as pessoas no meio em suas inter-relações para posteriormente serem interiorizadas.

### **2.2.1.1 A Educação Estética na perspectiva Sócio-histórica: sensibilidade, criatividade e vontades**

Ao me matricular na disciplina “Abordagem Sócio-Histórica e Educação Ambiental”, com a professora Susana Molon, confesso que não sabia o que me esperava e acabei por aprender muito com ela. Estudamos a Constituição do Sujeito, onde: “o sujeito e a subjetividade não são conceitos idealistas nem materialistas; com isso, não estão no subjetivo abstrato e nem no objetivo mecanicista, mas são constituídos e constituintes na e pela relação social que acontece na e pela linguagem” (MOLON, 2003, p. 46).

Segundo os conceitos estudados, Molon (2003, p. 119) define a subjetividade como algo que “manifesta-se, revela-se, converte-se, materializa-se e objetiva-se no sujeito”. Para a autora, (2003, p. 119) “ela é processo que não se cristaliza, não se torna condição nem estado estático e nem existe como algo em si, abstrato e imutável. É permanentemente constituinte e constituída”.

Quando a professora lecionava sobre educação, falava em termos de Educação Estética e me encantava, ela dizia “que no processo educativo é fundamental uma orientação estética, visto que o sentido estético está presente em toda e qualquer relação homem e homem, homem e natureza e homem e sociedade” (MOLON, 2006, p. 96). Assim, ao iniciar os estudos sobre Educação Estética, encontrei em um artigo de Pino (2006, p. 63) que foi

o filósofo alemão Alexander G. Baumgarten (1714-1762) quem introduziu na filosofia alemã o termo *ästhetic*, transposição latinizada do grego tal como é usado por esse filósofo, o termo “estética” não se refere, primeiramente, à arte, mas à região da percepção e da sensação humanas, como o mostra a tradição platônica onde os *aisthêta* (coisas sensíveis ou fatos da sensibilidade) se contrapõem aos *noêta* (coisas inteligíveis ou fatos da inteligibilidade).

Neste sentido, a autora Sawaia (2006, p. 88) diz que o termo estética “indica uma forma de conhecer e ser pela sensibilidade”, universo este estudado com profundidade pela arte. Sawaia (2006, p. 92) se refere à arte como “recurso para se atingir a liberdade e as mudanças pessoais e sociais por sua qualidade educativa e de técnica das emoções, uma vez que a experiência estética pode reorganizar sentimentos e vontades”. Atingir a liberdade das mudanças é uma das buscas da Educação Ambiental, que se apóia no recurso descrito à cima a fim de reorganizar as emoções.

Segundo Molon (2007, p. 128), “para Vygotsky (2001), a emoção estética caracteriza-se pela existência de três momentos: estimulação (percepção sensorial da forma), elaboração (específica da natureza da existência estética) e resposta (construção e criação do objeto estético no sujeito)”. Estas etapas trazem a construção do conhecimento através da sensibilidade, objetivo final da Educação Estética. Neste contexto, Molon (2007, p. 128) diz que: “Vygotsky (2001) esboça o significado da educação estética: é a construção e a educação de hábitos e habilidades estéticas, de diferentes modos de experienciar as vivências estéticas que possibilitam a flexibilidade, sutileza e diversidade”.

Desta forma, “a proposta de educação estética de Vygotsky coloca como desafio a tarefa fundamental de introduzi-la na própria vida, o que não significa o adorno nem o artificialismo da vida, mas sim a elaboração criadora da realidade” (MOLON, 2007, p. 128).

A vida do homem se tornará uma criação constante, um ritual estético quando surgir não da tendência para a satisfação de algumas necessidades pequenas mas de um arroubo criador luminoso e consciente. O ato de alimentar-se e o sono, o amor e a brincadeira, o trabalho e a política, cada sentimento e cada pensamento se tornarão objeto de criação. O que agora se realiza nos campos estreitos da arte mais tarde penetrará toda a vida e esta se tornará um trabalho criador (VYGOTSKY, 2001, p. 462 In: Susana I. Molon, 2006, p. 109).

Para Molon (2007, p.128) “essas afirmações de Vygotsky permitem reflexões sobre a educação estética, já que apresenta como condição educativa o vínculo com a realidade social, com a materialidade e com a ontologia do ser social”. Levando a educação estética a se “transformar em uma criação da vida, isto é, a vida como um sistema de criação, tensão e superação, encontro e desencontro, conflito e contradição” (MOLON, 2007, p.128).



Assim, a Educação Ambiental em um paralelo com a Educação Estética, vista pela perspectiva Sócio-histórica, busca enfrentar o desafio da transformação da realidade. Isto, através do resgate de valores e saberes culturais, na busca por “promover vivências no cotidiano em termos de vivências criadoras, potencializando o sujeito volitivo<sup>4</sup> e criativo” (MOLON, 2007, p. 128) na constituição integral e coletiva dos sujeitos. Possui uma abordagem crítica e transformadora, que auxilia a diversificar as possibilidades do vir a ser, do em aberto, do porvir na constituição de um sujeito volitivo, politizado, sensível e criativo.

### **2.2.1.2 Educação Estética: o olhar para o Belo**

A Educação Ambiental apresenta uma gama de possibilidades teóricas. Entre elas estão a que estudamos na disciplina do Professor Pablo René Estevez, tratando do tema Educação Estética Ambiental, sob uma abordagem materialista dialética. Esta visão é diferente da que pesquisei, por isso tão importante para minha formação integral. Segundo Estévez (2000, p. 31)

a aparição do marxismo representou um salto no desenvolvimento do pensamento estético e, portanto, na interpretação do belo. Este salto em relação aos estudos estéticos precedentes consiste na aplicação do materialismo dialético e histórico à compreensão da atitude estética do homem voltada à realidade. Marx e Engels demonstram que dita atitude é produto da prática histórico-social e, em primeira instância, da atividade produtiva do homem. Eles revelaram a dependência da criação artística das mudanças históricas nas relações materiais (fundamentalmente as econômicas) e por sua vez sublinharam a independência relativa da arte.

Neste sentido, seguindo os Princípios Fundamentais da Educação Estética procura-se um caminho belo de sensibilidade e criatividade para proporcionar espaços de trocas de experiências, criação de idéias, pensamentos e sensações. O caráter universal; o caráter permanente, contínuo e inacabado; o caráter integral e sistemático, bem como a fundamentação estético-cultural-autóctone, junto aos educadores diversos, como pais, professores, funcionários, comunidade, trabalhadores e mídia são

---

<sup>4</sup> Sujeito constituído de emoções, motivação, desejos, necessidade, etc.

constituintes deste caminho Belo. Visto que, segundo Estevez “é precisamente tarefa da educação estética estimular o desenvolvimento de necessidades e interesses que promovam a busca do valor estético, a formação do sentimento, do ideal e do correspondente gosto estético” (2003, p.77).

Para tanto, a sociedade tem a responsabilidade de criar condições para a formação integral da personalidade do indivíduo através da educação com atitudes ativas e criadoras tanto na produção material, quanto na espiritual. Estas atitudes se formam basicamente por meio da inserção do indivíduo numa relação de responsabilidade, que desperte motivações para a ação social. Trata-se da formação de uma necessidade interna da sociedade, em função da qual atua a Educação Estética ao incidir no aperfeiçoamento das relações sociais e na afirmação da moralidade.

KAGAN (1984, p. 19) diz que “em geral podemos definir a Estética como a Ciência que estuda as leis gerais da apropriação estética do mundo pelo homem, a estrutura e as leis do desenvolvimento da atividade artística da sociedade”. Para o autor,

a Estética não é, portanto, simplesmente a Ciência do Belo, senão que, num sentido mais amplo e exato, é a Ciência que estuda toda a rica variedade de valores estéticos, que o homem encontra no mundo que o rodeia. Os valores por ele criados, na sua atividade prática e os valores plasmados na arte que reflete o mundo (1984, p. 19).

Estudamos assim o conceito de “*KALOKAGATHIA*”, definida em aula como a beleza moral e interior, no educar em círculo pelo ético com o estético. Este termo grego segundo Bayer (1979, p. 34) “é um conceito meio moral, meio estético, que consiste numa fusão da beleza e do bem. Parece ter sido a própria alma helênica, apaixonada pelo ideal moral e pela beleza, que quis associar ambos”.

Neste sentido, Estévez (2009, p. 83) escreve que na Educação Ambiental o modelo teórico-metodológico tende a se tornar um único, “análogo à estrutura complexa e integral do meio ambiente e assuma plenamente sua significação humana”.

### **2.2.1.3 Educação Estética Onírica**

Assim, a EEO aconteceu como intervenção estética através das OFCS dentro da disciplina de Ecologia Onírica, como explica Rodrigues (2009), na apresentação do livro “*Políticas públicas de esporte e lazer na cidade do Rio Grande*”(HECKTHEUER, et al.):

Com o intuito de aproximar os espaços e tempos do lazer aos espaços e tempos do trabalho, foi criada a disciplina de Ecologia Onírica, no curso de Pós-graduação em Educação Ambiental e no curso de graduação em Oceanologia. Nessa disciplina ocorrem as Oficinas de Criação de Sonhadores, que são atividades de filosofia experimental, de intervenção estética onde procuramos despertar sonhos e despoluir as imagens interiores, tornando possível pensar os tempos e espaços de lazer como tempos e espaços de desejo de sonhar coletivamente, pois de nada adianta os espaços e os tempos de lazer, se não mudamos nossa atitude diante do mundo, aprendendo a viver sem sofrimento.

A Educação Estética Onírica (EEO) me foi apresentada pelo Victor Hugo na prática, a melhor forma de aprendizagem que acredito, em uma “Oficina de Criação de Sonhadores” no Jardim Botânico de Porto Alegre (dia 30 de março de 2008). O propósito era soltar pipas com crianças, adultos e idosos e com isso fazer um retorno coletivo à infância. Porém, surpreendentemente na ocasião, os pais não deixavam os filhos soltarem pandorgas, de tão empolgados, que estavam com a brincadeira. Diziam repetidas vezes para seus filhos esperarem, empurrando-os e os colocando de lado, garantindo assim que continuariam a segurar a pipa.

Esta atividade abriu para minha jornada um cosmos de possibilidades para imagens felizes, nas palavras de Bachelard (1993, p. 13) “a imagem poética está sob o signo de um novo ser. Esse novo ser é o homem feliz.” A partir desse momento, pude compreender que a EEO é um meio pelo qual a educação tem para permitir a auto-realização de um indivíduo, utilizando todo seu potencial na busca por sua constituição integral e coletiva, voltada para despertar a sensibilidade através de sonhos.

Foi assim que durante a disciplina de “Ecologia Onírica”, Victor Hugo nos ensinou como podemos ler no poema *Pandorga* (RODRIGUES, 1995, p. 108) ao mesmo tempo, que quem sabe, a cada estrofe, imaginemos um formato diferente de pipa:

*Soltar Pandorga  
Ser dono do vento  
Brincar o sentimento*

*Na ponta de uma corda.*

*Soltar Pandorga  
Perder-se no infinito  
No sonho mais bonito  
Que o menino pode ter.*

*Soltar Pandorga  
Voar o pensamento  
Roubar um eterno momento  
Buscar no fio a lembrança.*

*Soltar Pandorga  
Voar por distantes mundos  
Voar o universo em segundos  
Voltar a ser criança.*

Contaminada com esta idéia, resolvi fazer uma experiência comigo mesma e com meu namorado, junto do pessoal que havia viajado para praia conosco. Então no verão de 2010, acabei por comprar uma pipa na beira da praia enquanto nossos amigos ficaram achando aquilo meio estranho e continuaram sentados olhando. Não demorou muito me surpreendi com eles, porque mudaram de atitude rapidamente. Ou seja, em pouquíssimo tempo estavam todos ao nosso redor e brincando com a pipa, junto com três crianças que também tinham uma pipa igual. Dei a pipa para elas e logo meu namorado veio com a bola de futebol, no que espontaneamente formamos uma rodinha e começamos a jogar. E essa atividade que aconteceu junto das pessoas que gosto, me comprovou um universo de possibilidades de produção de uma felicidade coletiva, mesmo num pequeno grupo, através daquela intervenção que fiz.

Neste sentido, a Disciplina de Ecologia Onírica foi um despertar de sentidos, da teoria à prática e vice-versa, nos fazendo aprender a nos sentir bem na morada dos nossos sonhos. Tivemos a oportunidade de desenvolver através da Educação Estética, muitas experiências e aguçar nossas percepções diante do mundo contemporâneo, criando um novo calendário para nossa vida:

Se quisermos ultrapassar a história ou mesmo, permanecendo nela, destacar da nossa história a história sempre demasiado contingente dos seres que a sobrecarregam, perceberemos que o calendário de nossa vida só pode ser estabelecido em seu processo produtor de imagens (BACHELARD, 2008, p. 28).

Procuramos junto com o professor Victor Hugo, vivenciar momentos filosóficos de repouso e ressonância, onde nossos pensamentos, idéias, sonhos, desejos e objetivos,

se uniam à amizade, confraternização e paz. “O espaço convida à ação, e antes da ação a imaginação trabalha. Ela ceifa e lavra. Seria preciso falar dos benefícios prestados por todas essas ações imaginárias” (BACHELARD, 2008, p. 31).

Durante as aulas, a primeira experiência solicitada pelo professor foi a de levar uma guloseima, consistia numa apresentação de cada aluno através de uma guloseima que despertasse seus sonhos. Procurei criar um devaneio voltado à infância e acabei por sentir o gosto da bolacha recheada São Luiz. A imagem que mexeu comigo e decidi levar à sala de aula para dividir com a turma, foi a que me recordou e levou a outras imagens dinâmicas. Me fez lembrar da sensação de liberdade que eu sentia quando minha irmã e minha mãe saíam à tarde e eu ficava sozinha, com a casa toda para mim. O que eu mais gostava de fazer era pegar no armário o pacote de bolachas São Luis de chocolate, guardada para ser comida nos momentos especiais, e espalhar as bolachas em um prato fundo para assistir à Seção da Tarde, deitada no sofá da sala, porém eu tinha certeza de que minha família iria voltar para casa.

Tal qual o menino no final do filme *Império do Sol*, eu podia fechar os olhos para sonhar tranquilamente no ambiente familiar. Agora tenho consciência que essas experiências me sensibilizaram ao ponto de não deixar que minha avó tivesse o sentimento de ausência da nossa família.

A televisão era para mim uma caixinha cheia de filmes americanos, com mundos de ‘faz-de-conta’. O que eu via na telinha era bem diferente de minha realidade e assim eu pensava que as grandes escolas sem grades, as calçadas limpas e arrumadas, os alunos um tanto independentes e indo a escola sozinhos não passavam de historinhas americanas.

Qual não foi minha surpresa ao crescer e descobrir que esta era sim a realidade americana e de muitos outros países ditos desenvolvidos. Assim como as surpresas que levo no mestrado do PPGEA, inúmeras e constantes. Ao trocarmos as experiências com os colegas, construímos novas imagens, onde a história de cada um nos remetia às nossas próprias e assim numa explosão de imagens.

Esta atividade nos remeteu às festinhas que fazíamos na escola ou nos finais de ano, mas neste caso elas deveriam remeter ao tempo da nossa infância. Ao provarmos os sabores variados, de balas, negrinhos, branquinhos, bolos, fanta-uva, orelhas-de-macaco (palmier), amendoins, azeitonas, quindins, bolachas, salgadinhos e bolinhos-de-chuva,

além de imaginárias, nossas lembranças se tornaram comestíveis, palpáveis e possibilitaram uma degustação real das imagens.

Em outra aula o professor Victor Hugo leu para a classe os poemas que utilizou em sua tese de doutorado, nos preparando para a segunda OFCS a ser realizada com a turma. Segundo Bachelard (2008, p. 07) “A exuberância e a profundidade de um poema são sempre fenômenos do par ressonância – repercussão. É como se, com sua exuberância, o poema reanimasse profundezas em nosso ser”.

A segunda OFCS foi realizada pela escolha individual de uma imagem. Seja ela onírica ou não, nos remeterá ao nosso eu, o eu mais profundo. Escolhi o poema *Odes de Ricardo Reis* de Fernando Pessoa (1976, p. 189) em que o poeta escreve:

*Para ser grande, sê inteiro: nada  
Teu exagera ou exclui.  
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és  
No mínimo que fazes.  
Assim em cada lago a lua toda  
Brilha, porque alta vive.*

O quê procuramos? O quê queremos com o que fazemos? Fernando Pessoa diz que “*Para ser grande, sê inteiro*”. Sendo inteiros, verdadeiros com nós mesmos, mesmo que isso nos leve à incompreensão diante dos outros.

A terceira OFCS foi uma visita a locais rio-grandinos, descritos no livro de poemas “Forte Jesus-Maria-José”. Guiados por nosso professor-autor, que em suas palavras de agradecimento às pessoas que foram decisivas para a realização do sonho do livro em forma de guia poético da cidade do Rio Grande, escreveu que:

Esta seja a melhor forma de homenagear a todos os que sensibilizaram meu olhar, permitindo que eu fizesse tal leitura poética de Rio Grande, me fazendo perceber a cidade com os olhos de uma criança: com espanto, estranhamento, curiosidade e admiração. Qualidades que, penso, devem estar presentes num “guia turístico”. Pois, um “guia” deve ser capaz de seduzir, de instigar a imaginação dos sentidos, do olhar e do coração (RODRIGUES, 1995, p. 11).

Foi uma experiência muito especial, onde o grupo pode refletir sobre as palavras lidas, em frente à sua fonte de inspiração. Particularmente, me senti como uma turista na cidade onde morava para estudar na FURG. Com a máquina fotográfica em punho,

clicava imagens das mais diversas naquela tarde ensolarada, entre ruas, praças e mercados.

Iniciamos as paradas no Pórtico de entrada da cidade, onde o nosso professor leu seu poema escrito em homenagem ao monumento (RODRIGUES, 1995, p. 35):

Pórtico	De uma engrenagem viva a girar
Porta	Sem descanso de noites e dias
Portão	
Em forma de máquina	Quando meu coração grita de alegria
Imaginária máquina	Ao te ver após a curva
De costura	Vivendo o regresso da viagem
A costurar nossas vidas	Quer um lugar que foi meu berço
Nas idas e vindas dos carros	Quer respirar espíritos memoriais
	Antigos e novos
Máquina de costura de pedra	Percorrendo ruas e becos.
Em poros de cimento e areia	

Procurava me deter aos detalhes, e percebia que alguns colegas iam mais além, nos detalhes que eu pensei ter encontrado. Como em uma fotografia que tirei de uma estátua no vaso de plantas, onde aparece minha colega focando sua máquina bem perto da estátua, em um ângulo muito bonito e que eu não havia percebido.

No coletivo, aprendemos bastante, sempre trocando idéias uns com os outros e nos conhecendo um pouco mais. Comendo as gostosuras no Mercado Público e na Padaria Gaúcha, bem lembrada no poema de Rodrigues: “Com as coisas boas desta padaria, mesmo que eu não queira, acabo enchendo a pança, voltando a ser criança.” (1995, p. 88), pude provar da cultura local e ficar com gostinho de quero mais, não vendo a hora de voltar lá.

Na quarta OFCS me surpreendi com a atividade proposta. Chegamos na aula e o professor nos convidou para uma *siesta* coletiva, ou seja, íamos dormir em algum lugar da FURG, escolhido pelo grupo. Esta atividade me fez refletir como é fortalecedor saber que mais pessoas pensam como eu e acreditam no aprendizado do conteúdo das disciplinas de formas inovadoras. Explico: nesta aula que tivemos a possibilidade de deitar na grama e sonhar, acordados, relaxados ou dormindo, foi única e provavelmente, assim em grupo, como ocorreu, não terei a possibilidade de repetir na FURG. Os momentos que passamos à beira do lago foram lindos e especiais. O dia estava perfeito para esta atividade, com o sol nos esquentando e o lago cristalino.

Esta atividade me fez lembrar sobre as três transmutações de *Assim Falou Zarathustra*, sobre o Camelo, o Leão e a Criança, explicada em aula. Quanto ao nosso

espírito de camelo que sente que deve carregar o peso do mundo nas costas, Zaratustra diz:

Qual é a tarefa mais pesada, ó heróis – pergunta o espírito transformado em besta de carga – para que a assumam? [...] Mas o espírito transformado em besta de carga toma sobre si todos os pesados fardos; semelhante ao camelo carregado que se apressa a ganhar o deserto, assim ele se apressa a ganhar o seu deserto. E aí, naquela extrema solidão, produz-se a segunda metamorfose: o espírito torna-se leão. Pretende conquistar a sua liberdade e ser o rei do seu próprio deserto (NIETZSCHE, 2005, p. 23).

A experiência dessa aula nos mostrou o quanto vivemos na prática, do que aprendemos em teoria. Assim, a construção do conhecimento pode ser realizada. Me senti em metamorfose, de um camelo, deixando suas culpas para trás, pelo menos naquele instante, passando por leão, que esquece tudo para deitar e dormir, virando uma criança, que rola na grama e sente o calor do sol em sua pele.

Criar valores novos é coisa para a qual o próprio leão não está apto, mas libertar-se a fim de ficar apto a criar valores novos, é o que pode fazer a força do leão. [...] Digam-me, porém, irmãos, que poderá a criança fazer, que o próprio leão tenha sido incapaz? Por que deve ainda o leão que ataca se tornar criança? É que a criança é inocência e esquecimento, um novo começar, um brinquedo, uma roda que gira por si própria, primeiro móbil, afirmação santa (NIETZSCHE, 2005, p. 24).

Quando passou um cachorro e me assustou, acordei de supetão e virei burro de carga outra vez, pensando que ali não era seguro de estar, mas logo me entreguei à criança, que já sentia a areia fria nos pés e quis virar para o lado e dormir de novo.

Então senti desejo de acalmar uma sede ligeira e de colher um cacho, mas quando já estendia a mão, teve ainda desejo de outra coisa: de estender-se debaixo da árvore e de dormir um pouco em pleno meio-dia. Assim fez. E mal se tinha deitado no chão, no silêncio e no mistério da erva florida, logo esqueceu a sede e adormeceu (NIETZSCHE, 2005, p. 252).

“A mínima coisa, a menos barulhenta e a mais leve, o roçar de uma lagartixa, um sopro, um deslizar, um fechar de olhos – é com este pouco que se compõe a essência da felicidade mais singular” (NIETZSCHE, 2005, p. 253). Seguindo a filosofia da mínima coisa, descobrimos no capítulo “A miniatura”, do livro *A Poética do Espaço*, de Bachelard (2008, p. 159), sobre a importância de “ultrapassar a lógica para viver o que



há de grande no pequeno”. Este autor traz o conto de Hermann Hesse publicado na revista *Fontaine* (nº57, p. 725):

Um prisioneiro pintou na parede de sua cela uma paisagem: um trenzinho entrando num túnel. Quando seus carcereiros vieram procurá-lo, ele lhes pediu “gentilmente que esperassem um momento para que eu pudesse entrar no trenzinho de meu quadro, a fim de lá verificar alguma coisa. Como de hábito, eles se puseram a rir, pois me consideravam um fraco de espírito. Eu me fiz pequenino. Entrei em meu quadro, embarquei no trenzinho que se pôs em movimento e desapareceu na escuridão do pequeno túnel. Por instantes, podia-se ver ainda um pouco de fumaça em flocos que saía pelo buraco redondo. Depois essa fumaça se dissipou e com ela o quadro e com o quadro a minha pessoa...(BACHELARD, 2008, p. 158).

Como forma de preparação da OFCS que se seguiria, participamos de uma aula onde realizamos um estudo com vídeos sobre Ikebanas, onde aprendemos que esta forma japonesa de arranjo floral traz um conjunto de elementos integrados. Como uma família unida, um ramo cuida do outro. Cada forma, cada curva do vegetal escolhido para compor o arranjo é respeitada e utilizada de modo a procurar o equilíbrio e a harmonia.

Assim, na quinta OFCS, a turma, sob orientação do professor Victor Hugo, que participa de um curso de formação nesta arte, pode fazer pequenas Shorrinkas (pequena flor elegante, ou normalmente conhecida como flor de luz, ou seja, arranjo de tamanho diminuto, com uma a duas flores e algumas folhas), para serem distribuídas no Campus Carreiros da FURG. Esta experiência foi muito significativa, tomando em conta que após a confecção das flores, nos espalhamos pelos prédios e departamentos para dar às pessoas uma “flor de luz” e simplesmente sorrir a elas, sem pedir nada em troca, dizendo somente uma flor para um mundo melhor.

Tivemos contatos dos mais variados, desde bater em portas onde os professores não aceitavam a oferta e outros que diziam estar realmente precisando de uma flor. Em um destes contatos, no prédio das Letras, onde aparentemente, um grupo de quatro professores estava como que discutindo em tom alto, no momento em que batemos na porta para oferecer uma flor, eles param de se exaltar e ficaram olhando a cena por alguns segundos, como incrédulos. Oferecemos novamente e então eles aceitaram e olharam para o que recebiam como se dando conta de como estavam transtornados e de como aquela flor trazia a calma. Agradeceram-nos e continuaram a conversar agora em um tom mais baixo.

Posto isto, numa outra aula tivemos uma palestra com Eliane Duarte, estudante de Ciências Sociais da UFPel e ministra da Igreja Messiânica da Cidade de Rio Grande, com intensa formação acadêmica e espiritual, que nos contou sua história de vida, nos fazendo refletir sobre nossas histórias. Ela comentou sobre o *animus* e a *anima*, o Espírito e a Alma, retomando os ensinamentos do filósofo-sonhador: “é ao *animus* que pertencem os projetos e as preocupações, duas maneiras de não estar presente em si mesmo. A *anima* pertence o devaneio que vive o presente das imagens felizes” (BACHELARD, 1988, p. 61).

Na sexta OFCS, nos encontramos para assistir à vídeos em DVD. Um deles foi dos seriados dos “Três Patetas”, filmados em preto e branco e com cenas simples, mas cheias de humor. Outro DVD que nos fez passar por momentos de muita alegria foi o de apresentações do “*Cirque du Soleil*”, onde nos divertimos com as imagens de malabaristas e palhaços.

Na última aula do semestre, nos foi brindada uma palestra com um sonhador nato, o Prof. Dr. Valmir Duarte. No primeiro momento, me senti muito gratificada pelo seu currículo dentro da Fitobacteriologia, porque se aproxima de minha área de formação em Biologia o que aproximava nossa linguagem. Em seguida, quando ele colocou o termo “sonho” em seus slides de apresentação, me senti mais contemplada ainda, por compartilhar com um profissional das exatas, tal associação entre as áreas de conhecimento. Sua palestra se realizou no momento em que eu passava por dificuldades em fazer tal associação e este exemplo de vida, me deu fôlego, quando eu estava justamente precisando de oxigênio puro.

Sua palestra nos mostrou o quanto o Professor de Engenharia Agrônoma reinventou, ao longo dos anos, formas de sonhar o seu mundo. Como faz desde pequeno com o exemplo da parede na sala de sua casa. Ele pintou uma janela, onde antes não havia vista para nada, foi o mais significativo porque veio a refrescar todo o ambiente e deixar lembranças em seus familiares, que assim às passaram a outras pessoas..., que finalmente chegaram à nossa turma.

O mais especial e inesperado foi que o palestrante era parente do professor, o que fortifica os laços de família na aprendizagem de histórias de vida. Este fato se deu, logo em seguida da aula que tivemos com a esposa do professor. Tais laços fraternais e de profissionalismo, fazem com que as verdades em que acreditamos se fortifiquem e sejam transmitidas a mais pessoas. Todo este contexto me leva de encontro à pesquisa

que tenho desenvolvido em um asilo e onde o que mais escuto é sobre a importância da família, me levando a questionar sobre a minha família. Levando-me de volta a ela. Por isso voltava pra casa, em Porto Alegre, porque precisava retomar laços e sonhos deixados no passado, que buscava trazer para o presente.

A Ecologia Onírica nos possibilitou um encontro com a criança que somos capazes de ser, mostrando como é simples reinventar a vida. Durante as aulas, não pensávamos em nossos extratos bancários, com certeza! Pensávamos em poemas e como era bom se embriagar neles, como em mais este de Rodrigues (1992, p. 31), sobre “Embriagai-vos” dos Pequenos Poemas em Prosa de Baudelaire:

Me embriago de ti todos os dias  
Digo besteiras e cometo hipocrisias  
Me embriago de ti todos os dias  
Não tenho medo de ser óbvio  
Ou soltar minhas fantasias.

Para Bachelard (1988, p.121) quando amamos as belezas do mundo no canto dos poetas, as amamos numa infância redescoberta:

não podemos amar a água, amar o fogo, amar a árvore sem colocar neles um amor, uma amizade que remonta à nossa infância. Amamos-os como infância. Todas essas belezas do mundo, quando as amamos agora no canto dos poetas, nós as amamos numa infância redescoberta, numa infância reanimada a partir dessa infância que está latente em cada um de nós.

A esse respeito, na introdução do livro de poemas *Tractatus Silentium* (1993, p. 14), Luis Borges Pereira escreve que “Victor Hugo, em seu *Tractatus Silentium* coloca que, para conhecer o mundo é preciso conhecer-se. Num primeiro momento, essa consciência que quer conhecer se descobre a si mesmo como objeto do conhecimento.” Nesta direção, Pereira escreve que

O livro tenta, justamente, deslocar os eixos que escravizam as possibilidades de refletir e de sentir; quer a ampliação dos paradigmas para ampliar as próprias possibilidades de “paradigmar”. Outro dado, é que isso implica, em termos de teoria do conhecimento, num processo integral de captação dos objetos e relações, em cuja vivência o sujeito vai se “desreferenciando”, para poder, realmente, na medida em que sua estrutura cognitiva alargar-se em cada experiência, referenciar novas atividades gnosiológicas (1993, p. 15).

Pereira (p. 19) introduz que Rodrigues “perfazendo a consciência da finitude, indica ao homem sua abertura ao prazer, em cuja verdadeira liberdade está o direito que cada membro do corpo social possui de ser quem é, radicalmente apaixonado pelo Sonho.”

A cada OFCS realizada, Victor Hugo pedia que escrevêssemos sobre ela, para discussão na próxima aula e sem me dar conta, esta simples atividade foi me guiando para iniciar escritas desta dissertação. Em outras palavras: “a criatividade não é bicho que se agarre; ela surge de inopino, nos interstícios, nos sonhos da imaginação vagamundos, de forma que, quando menos se espera, escrever é preciso” (MARQUES, 2000, p. 15).

A disciplina de Ecologia Onírica tenta estabelecer a importância tanto da formação acadêmica como da formação espiritual como um ponto de equilíbrio no pesquisador.

### **2.2.2 UMA CARTA SONHADA: UM MUNDO ONDE A IDADE NÃO TEM LIMITES**

As autoras Porciuncula & Teixeira (2005, p. 24) escrevem que “a viabilização de uma educação que desperte desde a infância o respeito pelos mais velhos, o atendimento do seu ritmo e a apreciação de sua companhia e experiências, acarretaria uma velhice mais tranqüila, com maior auto-estima e aceitação”. Neste sentido, apresento a carta abaixo em um mundo utópico.

Devanear sobre o idoso na ordem sócio-ambiental é algo que me motiva e me fortalece, enquanto mestranda que sou. Quando a idade não tem limites, num tempo utópico, a teoria do ecomunitarismo é um princípio para colocar o pensamento no papel e deixar os dedos transformarem em mensagem o que a alma traz no coração.

Esse tempo utópico será chamado aqui de “Tupaneo”, onde as pessoas são respeitadas desde seu nascimento até sua passagem. A liberdade de decisão individual é básica e o consenso move as atividades, assim como o cuidado com o sistema ambiental, preservando ao máximo os recursos naturais e possibilitando a regeneração da natureza. Em “uma necessidade vital de respiração saudável” (Velasco, 2008, p. 167)

proponho me afastar, nesta carta em forma de conto, do nosso dia-a-dia e sonhar o outro mundo possível:

“Esta carta pode estar atrasada, se contarmos o tempo cronológico, que passa muito rápido, por isso, não coloco data, para que seja sempre lida no presente, se é que ele existe.

O Ecomunitarismo como um guia para a ação, não mais faz parte de um horizonte utópico, é real e concreto neste novo mundo possível que lutamos para conquistar. Após a queda do Capitalismo, com a crise ambiental chegando em seu auge, as guerras começaram a não fazer mais sentido, pois acabaríamos por matar a nós mesmos. Decidimos nos unir em prol do Ecomunitarismo. Isso já faz muito tempo, e agora estamos comemorando o milésimo Fórum Social Mundial (FSM), que se dará no local da capital do antigo estado do Rio Grande do Sul, onde o primeiro Fórum foi realizado.

O lema “de cada um, segundo suas capacidades e a cada um, segundo suas necessidades” (VELASCO, 2007, p. 156) se tornou realidade em Tupaneó. Agora, a solidariedade entre os povos possibilita a justiça social, contemplando a diversidade e particularidades dos indivíduos.

Sou uma anciã, de 85 anos. Fui professora de dança, carpinteira em muitas obras das comunidades e artesã. Tenho uma jovialidade de dar inveja e estou em plena forma física. Em todos os sentidos! Eu e meu marido não temos do que nos queixar. Ele completou 76 anos semana passada e começou a dar aulas na Universidade, lecionando Linguística, um sonho antigo. Com a alternância anual de profissões, as pessoas fazem o que gostam e ele adiou esse sonho para participar das inúmeras experiências ao redor do mundo, como comandante de navio e agricultor nas hortas comunitárias. Quanto aos filhos, temos cinco e 12 netos, todos de coração, morando em diversas Comunidades Culturais (CC).

Nesta nação planetária, as Comunidades Culturais são a marca de cada espaço ocupado. As CCs são áreas geográficas que agora servem de hábitat para cada grupo étnico, considerados antes os antigos países. As CCs possuem dimensões pequenas, de acordo com o espaço necessário para cada comunidade. As fronteiras não são mais desenhadas em mapas fixos, como os que se estudava em Geografia Política, utilizam-se fotos de satélite para demarcar as áreas em uso. A cada cinco anos estas fronteiras são alteradas de acordo com as mudanças ocorridas nas áreas ocupadas e desocupadas.

Devido à complexidade de algumas, as fronteiras se misturam e as CCs compartilham o mesmo território pacificamente, através de acordos democráticos, onde todos opinam e constroem soluções sócio-ambientais participativamente.

Conta nossa história, que com o número de pessoas no planeta chegando a 10 bilhões, ficou insustentável a sobrevivência de muitas espécies e mesmo a nossa estava ameaçada de ser extinta devido a falta de alimento e espaços saudáveis. Assim, toda a comunidade planetária, de comum acordo, decidiu que precisávamos reduzir em mais da metade nossa população. Foi assim que muitos abdicaram em ter filhos naturais, como o meu caso (ainda hoje temos essa prática), e uma grande adoção em massa se iniciou. Famílias multi-étnicas se formaram numa velocidade surpreendente. A maioria abraçou a causa e em praticamente dois séculos o problema da super-população humana estava resolvido.

Cada comunidade criou métodos de planejamento familiar de acordo com sua cultura. No FSM há um Grupo de Estudos (GE) especial para este tema formado por representantes das CCS. Ele faz os cálculos do ano para mantermos o nível da população humana em equilíbrio com os recursos naturais disponíveis. O grupo calcula o que necessitamos para sobreviver e manter uma natureza equilibrada, preservando o ambiente também para as demais espécies de seres vivos.

Nesse novo mundo, o uso de relógios no dia-a-dia há muito foi deixado de lado. Como fazemos as coisas com prazer, não ficamos mais presos as horas marcadas em um ponteiro. Nos propomos a iniciar e terminar determinada atividade e quando ficamos satisfeitos ou cansados demais, paramos para relaxar e terminar no próximo dia. Nosso relógio biológico está funcionando novamente e comemos quando temos fome, dormimos quando temos sono, bem como acordamos quase sempre na mesma hora. Mesmo assim, ainda necessitamos de relógios, pois as máquinas em diversas atividades e principalmente os veículos de transporte público funcionam baseados neles.

Com o fim do capitalismo e do comércio e consumo de produtos desenfreado, a maioria das datas comemorativas também já não fazem mais sentido como no passado distante. Quando elas deixaram de ser puramente comerciais e não mais lembradas como comemorações católicas foram esquecidas aos poucos, este foi o caso do natal, páscoa e finados entre outras datas. Aprendemos a diferenciar as “necessidades legítimas” e as “necessidades artificiais” (VELASCO, 2007, p. 153) consumindo o que precisamos para viver uma vida não alienada e feliz.

As mulheres e os homens não mais se importam com a estética do belo e não agridem mais seus corpos com maquiagens, depilações, cirurgias plásticas, pílulas para emagrecer e regimes forçados. Realizamos exercícios e meditações semanalmente, em grupos e individualmente o que nos traz prazer físico e mental. As roupas são confortáveis e nos permitem movimentos livres, não mais nos fazendo escravos da moda, com roupas apertadas e demasiado curtas.

Praticamos a Economia Solidária onde o dinheiro não tem mais valor. Ele se transformou em pedaços de papel e moedas de metal, que podem ser conhecidos nos diversos museus espalhados em cada comunidade. As escolas e famílias fazem questão de levar os jovens nestes museus e em outros, para que conheçam a história da humanidade e não corramos o risco de voltar a “idade das trevas”.

A produção agrícola deixou de ser monocultural e voltou a ser poli-cultural, produzida em agricultura de subsistência diferentemente em cada CC, com práticas orgânicas, como compostagem e técnicas agroflorestais, onde utilizamos três estratos de plantios. No primeiro plantamos feijão e demais hortaliças, no segundo milho e cana-de-açúcar e no terceiro plantamos árvores para madeira e combustível, como o eucalipto. Todos colaboram e com muita alegria, porque temos prazer em colocar a mão na terra, plantar e colher o que vamos comer. Sou suspeita para falar, porque faço uma torta de frutas colhidas na hora que deixa qualquer um com água na boca. Sobre a carne, algumas CCs ainda a comem, mas mudamos radicalmente o modo de criação dos animais. Terminamos com o confinamento e passamos a criá-los no método com pasto nativo e sem rações.

Hoje em dia, trabalho em minha casa, fazendo bolinhos para trocar por outros doces e às vezes até por roupas, na Feira de Trocas. Ela ocorre toda semana, e a cada dia num ponto diferente da comunidade. Desde as crianças até os idosos, todos colaboram e participam da atividade de limpeza dos espaços. Na minha família, por exemplo, minha neta de cinco anos, me ajuda a limpar o jardim da escola. Ela se diverte recolhendo com suas mãozinhas as folhas secas, dos montes que varro, e colocando no recipiente da composteira onde gosta de brincar com as minhocas e tatus-de-jardim que lá vivem.

A Educação Formal seguiu o lema de Freire, onde “resgatamos o conceito da educação problematizadora como sendo aquela educação dialógica que, vendo-se como um processo de conscientização, visa a construção de uma sociedade sem opressores nem oprimidos” (VELASCO, 2008, p. 469). Seguimos a Educação Ambiental

Ecomunitarista e temos os 5Rs (reduzir, recusar, refletir, reciclar e reutilizar), como nosso lema.

Na Universidade para todos, a Terceira idade está presente em todos os níveis, desde aluno até professor. O vestibular já não existe mais, nem as universidades particulares, que foram substituídas pelas comunitárias. E acredite! As salas de aula são ao ar livre. Há laboratório de aprendizagem melhor? Temos Núcleos de Estudos, onde realizamos os seminários e atividades teóricas, mas são pouco usados se os compararmos aos inúmeros locais das aulas práticas. Desde navios à parques florestais, os alunos percorrem várias regiões e biomas diferentes em suas aulas.

Sobre a sexualidade, aqui este tema é livre, onde a escolha de como viver sua vida é feita por cada um. Assim, além do terceiro sexo, existe outras inúmeras formas de viver a sexualidade. O que antes seria considerado uma aberração, é totalmente respeitado em nossa sociedade, onde o que importa é ser feliz, da forma ética vivida nesta sociedade. Entendemos a sexualidade como um meio de conhecermos e respeitarmos nosso corpo. Desde cedo a Educação Sexual é ensinada na escola, utilizando vários materiais didáticos, inclusive vídeos educativos.

Formamos um Estado multiétnico, onde escrevemos nossa constituição com a contribuição da maioria, através de manifestos pela internet e audiências públicas. A Política para todos é organizada pelos anciãos das comunidades culturais. Nas inúmeras línguas faladas, o gênero é considerado com o mesmo respeito. No caso de plural, uma terceira palavra é utilizada para representar todos os sexos, sem distinção. Palavras com sentido para ambos os sexos como antigamente existia em algumas línguas como no inglês, agora é regra geral. Falar, escrever e ler de duas a três línguas é comum entre os povos, o que nos permite uma comunicação melhor e que a troca de idéias ocorra mais facilmente.

Instituições como asilos, creches, penitenciárias e manicômios foram substituídas por projetos de Educação Estética Onírica, onde oficinas de criação de sonhos são realizadas. Os adultos não deixam suas crianças interiores morrer e sempre voltam nesses lugares para devanear sobre a infância, soltar pipas, comer algodão-doce ou brincar. Eles acabam por multiplicar estas experiências em todos os momentos de sua vida.

Em Tupaneo, seguiu-se um sonho antigo, lido em uma revista de Educação Ambiental da época, onde dizia que “o sagrado são os momentos e a troca que temos



com a natureza” (FERNANDES, 2007, p. 63). Entendemos que nenhuma mulher nem homem pode ser o representante de Deus na Terra e assim O reverenciamos ao nascer e pôr-do-Sol e na presença da Lua, nos céus estrelados, nas águas do mar, cachoeiras, rios e nas matas.

Termino esta carta com a mesma alegria que a iniciei, sem medo de ser otimista, num mundo onde o pessimismo há muito já reinou. O planeta suspira aliviado vivendo a Era do Dia, pois um outro mundo possível foi construído a cada dia, com nosso sangue, luta e alma. Coloco esta carta em uma garrafa e a deixando para que as ondas do mar a levem...talvez um dia alguém a encontre.”

Saudações,

Perpétua Capello

### **2.2.3 Estudos sobre a Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano**

Reapresento aqui, a partir da disciplina *Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano*, ministrada em parceria pelas professoras Maria Ângela Yunes e Ivalina Porto, trechos de minha trajetória de vida e observações realizadas no Asylo de Pobres, dentro desta abordagem.

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 2005; Bronfenbrenner & Morris, 1998) propicia o entendimento do ser humano em interação com o ambiente familiar e comunitário.

Bronfenbrenner (1979/1996) caracterizou este contexto em quatro níveis ambientais: macrossistema (complexo de sistemas encaixados, em uma manifestação de padrões globais de ideologia e cultura), mesossistema (relações entre os sistemas, onde a pessoa em desenvolvimento participa diretamente), exossistema (meio onde talvez a pessoa nunca entre, mas onde ocorrem eventos que afetam o ambiente imediato dela) e microsistema (complexo de inter-relações dentro do ambiente imediato), que interagem entre si (PORTO & KOLLER, 2008, p. 3).

Tal modelo propõe que “o desenvolvimento humano bioecológico deve ser estudado através da interação sinérgica de quatro núcleos inter-relacionados: o Processo, a Pessoa, o Contexto, e o Tempo” (Koller 2004).

O Processo é o contrato fundamental com ênfase nos processos proximais, que são formas particulares de interação do organismo com o ambiente que operam ao longo do tempo. [...] A forma como as pessoas percebem o seu contexto e suas relações são exemplos de processos fundamentais no desenvolvimento. A Pessoa envolve características geneticamente determinadas e as construídas na interação com o ambiente (PORTO & KOLLER, 2006, p. 107).

O Contexto é descrito por Bronfenbrenner (1996) em microssistema, mesossistema, exossistema e macrosistema, explicitados anteriormente entre parênteses. O Tempo é o quarto componente do modelo bioecológico. É analisado em três níveis: microtempo, mesotempo e macrotempo. Koller (2004) aponta que “o microtempo refere-se à continuidade e à descontinuidade observadas dentro de pequenos episódios dos processos proximais. O mesotempo diz respeito à periodicidade dos episódios do processo proximal, através de intervalos maiores de tempo como dias e semanas”. Já “o macrotempo abarca as expectativas e os eventos em mudança, dentro da sociedade, através das gerações, bem como esses eventos influenciam e são influenciados pelos processos e resultados do desenvolvimento humano, dentro do ciclo da vida” (PORTO & KOLLER, 2006, p. 110).

Para Bronfenbrenner o ambiente ecológico é concebido como uma série de estruturas encaixadas, uma dentro da outra, como um conjunto de bonecas russas. No nível mais interno está o ambiente imediato contendo a própria pessoa em desenvolvimento (1996, p. 5).

Procurei assim transcrever aqui as lembranças de momentos que me trouxeram a ser a pessoa que me considero neste momento, uma Educadora Ambiental em formação. Início este Memorial pelo microssistema onde estabeleci e estabeleço relações face à face, com meus familiares, amigos, colegas e professores de mestrado, pessoas do trabalho, participantes da pesquisa que desenvolvo entre outros.

Nasci em Porto Alegre, no dia 16 de agosto de 1978, onde me desenvolvo dentro do macrotempo, nas idades de criança, adolescente e onde continuo a me desenvolver, agora como adulta. Por alguns períodos de mesotempo, me afastei desta cidade para trabalhar em outros espaços culturais, mas sempre voltei para meu ninho. A chácara de minha família materna, na zona sul da cidade, junto ao Guaíba, uma referência de lugar em minha vida.

Nos processos de microtempo na infância, caminhadas com meus pais, minha irmã, primos e os cachorros, pelo morro da Vila Conceição eram momentos de diversão familiar e aproximação ao meio ambiente urbano, onde a mata nativa me encantava. As viagens de férias escolares ao interior do estado e ao Uruguai, com visitas aos museus e a aprendizagem de outras culturas foram especiais formadoras de minha constituição, sendo estas algumas das lembranças que trago de minha família. Ela é muito importante na formação de minha identidade, sendo que a tenho como base da pesquisa que faço no mestrado, junto à minha trajetória de vida, principalmente as passagens com a Vó Dalcy.

A convivência que tive com ela até meus 25 anos me foi fundamental, pois seus hábitos de quem nasceu e foi semi-alfabetizada numa fazenda no interior de São Francisco de Paula, na serra gaúcha, contrastavam com os outros modelos familiares que eu tinha. Seu carinho, o ofício de costureira, sua comida caseira e o conhecimento adquirido na vida no campo me fascinavam e assim cresci tendo ela como um dos pontos de referência em meu Microsistema.

Até a adolescência, não me imaginava como educadora, e esta descoberta foi uma surpresa para mim. Foi na sexta-série, na Escola de Ensino Fundamental Mãe de Deus, que conheci a professora de Ciências, Irmã Nídia, e ela me apresentou o mundo dos seres vivos de uma forma encantadora, me fazendo gostar desta disciplina de uma forma diferente das outras. Lembro que ela nos incentivava em tudo e quando precisava corrigir, ela escolhia palavras firmes e carinhosas.

Este Mesossistema algumas vezes se formava nas relações entre minha família e a escola, como nos passeios ciclísticos, onde meus pais ajudavam a mim e minha irmã a enfeitar as bicicletas. Nas festas escolares, como a Junina, quando as avós iam assistir nossas apresentações com os vestidos de prenda que elas faziam. No Show de Talentos, onde eu me apresentava dançando balé e meus primos e colegas participavam também. Nos Teatros de fim de ano, competições esportivas e gincanas que sempre abriam espaços para os familiares participarem junto à comunidade escolar.

Durante minha infância e adolescência, fui muito influenciada pela televisão, quando chegava a passar tardes seguidas no sofá, comendo bolacha recheada e vendo “Cinema em Casa”. O Exossistema neste meio me afetava de tal forma que eu seguia as modas que apareciam na telinha, sem me questionar se era bom para mim ou não.

Lembro da novela “Rainha da Sucata” e de como eu e minhas primas dancávamos a Lambada! Com a novela “Caminho das Índias”, de 2008, observei o mesmo fenômeno com as gerações mais novas.

Me formei em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas, pela PUCRS, em 2001. Durante a graduação, participava de projetos dentro de mesotempos, de cunho sócio-ambientais e educativos (Programa Especial de Treinamento - PET, Projeto Juventude Solidária, Programa Universidade Solitária e Programa Rondon Internacional). Assim, me constituir como Educadora Ambiental foi um processo não consciente, onde, a medida em que eu visitava e aprendia com as mais diversas comunidades, expandia o mesossistema em que me desenvolvia e aprendia com as experiências. Esta convivência, com pessoas de diferentes classes sociais, me fez perceber, que o que eu gostava de fazer era exatamente isto, estar junto ao ser humano, num contexto ambiental e holístico. Desta forma posso ensinar e aprender a nos percebermos fazendo parte da natureza e responsáveis por nossos atos frente à ela.

Em dezembro de 2005 fui visitar minha irmã em Londres, onde permaneci por 15 meses, vendendo sapatos, dando aulas de artes para crianças, sendo babá de filhos de duas arquitetas, lendo os livros de suas estantes e aprendendo um pouco sobre o olhar deste profissional, bem como fazendo alguns cursos na City University sobre “Arteterapia” e “Como escrever livros para crianças”. Nesse período de mesotempo, com a influência do “choque cultural”, a transição ecológica que vivi me trouxe muitas dúvidas e perguntas começaram a se formar em meus pensamentos, mas ficavam sem respostas. Busquei soluções para meus questionamentos internos lá mesmo, mas sem retorno satisfatório.

Decidi então, voltar para o Brasil e ir à busca de um antigo sonho: cursar o mestrado de Educação Ambiental na FURG, com o objetivo de estudar e aprofundar meus conhecimentos na área de Ciências Humanas. Com a volta para casa, acabei conhecendo em 2007, o Vinícius, companheiro para todas as horas. Juntos aprendemos dia-a-dia a apoiar os sonhos um do outro. A família dele se tornou mais um microsistema em minha vida, onde aprendo a conviver com a diversidade de relacionamentos, e por outro lado, levo minhas aprendizagens para dividir com eles.

Foi com a pesquisa no asilo que pude estudar, aprender e entender com mais clareza o Macrossistemas em que vivemos. Pude aprender a perceber algumas das instituições sociais que formam nossa cultura e nosso desenvolvimento, estabelecendo relações complexas entre os grupos de nossa sociedade, como os sócios do Asylo de Pobres, os voluntários, funcionários e moradores desta instituição filantrópica, mas que não abriga ninguém gratuitamente.

Segundo Bronfenbrenner (1996, p. 9) “o desenvolvimento é definido como a concepção desenvolvente da pessoa do meio ambiente ecológico, e sua relação com ele, e também como a crescente capacidade da pessoa de descobrir, sustentar ou alterar suas propriedades”. Acredito que assim como eu tive esta oportunidade de parar e escrever sobre mim mesma, se cada um de nós, na busca pelo coletivo, nos compreendermos um pouquinho mais, seremos capazes de nos sensibilizarmos e superar a atual crise ambiental pela qual estamos passando, em um macrotempo.

Na perspectiva PPCT, as relações no asilo estudado em questão, tem mostrado alguns fatores positivos, como quando as pessoas participam ativamente das festividades, realizadas no local. Idosos, voluntários, funcionários e familiares criam um mesossistema, em um microtempo, onde todos dançam juntos e trocam sorrisos. Bem como nas entrevistas que realizei, muitos idosos relatam que apresentavam situação de risco antes de irem para o asilo, porque moravam sozinhos, estavam doentes, apanhavam de parentes e não tinham atendimento 24h por dia.

Segundo YUNES & SZYMANSKI (no prelo, p. 27) “risco implica uma alta probabilidade de consequências “negativas”, enquanto resiliência seria o resultado “positivo”, frequentemente definida como superação de adversidade”. Para PORTO & KOLLER (2008, p.2) “a vivência pela pessoa idosa da institucionalização especializada já não representa um drama intenso e doloroso e pode ser uma alternativa positiva quando esgotadas as possibilidades de atendimento na unidade familiar”.

Na pequena usina de separação de lixo seco, localizada em um galpão, nos fundos do asilo, um trabalho de formiguinha é realizado. Dois funcionários e um coordenador, fazem voltar a ser matéria-prima o que antes era descartado, dando um rumo ambientalmente correto ao lixo da cidade e gerando em torno de R\$ 2.500, 00 (dois mil e quinhentos reais) de verba mensal para a instituição. Eles separam jornal,

revistas, papel branco, papelão e papelão colorido em fardos e vendem para as recicladoras de Porto Alegre.

Todo esse material é doado por pessoas, que deixam as sacolas no portão da instituição, e por empresas do porto, bancos, gráficas e cartórios, que ligam para que o caminhão do asilo busque o que para eles não tem mais serventia, como arquivos, documentos, notas e fichários. Televisão, sofá, estante, roupas e livros são doados também todos os dias. Alguns livros são levados para as estantes do asilo e a maioria deles é reciclada. Algumas vezes os sofás que chegam estão em melhor condições que os da instituição e são trocados.

Assim, o modelo de solidariedade descrito neste trabalho pode ser considerado um exemplo a ser seguido em outras instituições. Como a proposta de reaproveitamento de material descartado pela sociedade no sentido de gerar renda para instituições filantrópicas.

Considerando que construímos a identidade em todas as etapas de nossas vidas, os velhos precisam estar também a salvos de fatores de risco para assegurar sua proteção. Para Porciuncula & Teixeira (2005, p. 23) “entendendo melhor o processo de envelhecimento, do papel dos novos velhos na sociedade, faz-se necessário uma educação ambiental voltada a atender as expectativas da terceira idade.” Mesmo considerando um asilo um local de recolhimento, isto não quer dizer que neste microsistema a subjetividade dos velhos não possa ser sensibilizada, que a criatividade não possa ser aguçada e receber um toque de inspiração.

#### **2.2.4 Um estudo da história humana através da Arte e da Ecologia**

Na disciplina *Arte e Ecologia*, com o professor Carlos Baungartem, estudamos que cada momento da história humana, deixa sua marca, seja qual for a linguagem utilizada, formando um sistema de informações, em um conjunto de valores, como o da Cultura Ocidental. Foram estudados e analisados nesta disciplina, textos de ficção escritos para teatro em forma de tragédia, com o intuito de observar o homem ao longo da história, adquirindo clareza sobre si mesmo.

Posto isto, foi na crise entre os séculos IV e V a.C. que a tragédia aparece como uma afirmação do histórico e do racional. A obra de arte vai ganhando assim, novos significados ao longo do tempo. O sentido do trágico neste estudo tenta ser relacionado com o discurso ambiental da contemporaneidade, possibilitando a produção de sentidos, onde poderemos aprender um pouco mais sobre nós mesmos, a partir de um olhar voltado para a velhice, através da Arte. Neste sentido, Beauvoir escreve que:

Das mitologias, da literatura e da iconografia destaca-se uma certa imagem da velhice, variável de acordo com os tempos e os lugares. Mas que relação essa imagem sustenta com a realidade? É difícil determinar. A imagem da velhice é incerta, confusa, contraditória. Importa observar que, através dos diversos testemunhos, a palavra “velhice” tem dois sentidos diferentes. É uma certa categoria social, mais ou menos valorizada segundo as circunstâncias. É, para cada indivíduo, um destino singular – o seu próprio (1990, p. 109).

Iniciamos os estudos desta disciplina na Era Clássica (que deu origem à Cultura Ocidental), no século V a.C., com o autor Sófocles, no livro *Édipo Rei*. Comentando sobre este autor, em relação à velhice, Beauvoir diz que: “quando se é velho, escreve Sófocles, a razão se extingue, a ação torna-se inútil e se tem vãs preocupações”. Entretanto, ele mostrou magnificamente quanta grandeza pode aliar-se a essa miséria” (1990, p. 127), quando deixa transparecer a sabedoria que o ser velho traz consigo.

Nesta tragédia, o protagonista se sacrifica para o bem de sua comunidade. Na leitura de Beauvoir “Édipo não passa da sombra de si próprio. O que ele ignora é que se tornou um personagem sagrado” (1990, p. 127).

Nesta época, buscava-se os valores de toda ordem e a Democracia surge através de um grupo formado por homens atenienses, possuidores de terras que pensavam no todo. Os deuses gregos eram vistos como homens normais, eles mentiam e invejavam, porque o mundo sagrado era uma projeção do humano. Comentando sobre a mesma época, Beauvoir (1990, p. 121) escreve como ao se afastar do mundo exterior, seja pela cegueira ou pela idade, mais inspirado o homem se torna:

O mito de Tirésias estabelece uma relação entre a idade, a cegueira e a luz interior. Tornando cego pela cólera de Hera, Tirésias recebeu de Zeus, em compensação, o dom da profecia; dava respostas infalíveis a todas as perguntas. Foi assim que os gregos imaginaram também o velho Homero cego: o poeta, assim como o profeta, é tanto mais inspirado quanto menos o mundo exterior existe para ele.

O homem estava no centro do mundo e esta posição não gerava conflitos de nenhuma natureza. A relação homem x mundo era harmônica (cosmovisão mítica) e o homem se sentia parte deste, mas com o desenvolvimento do conhecimento, os questionamentos a respeito das referências de mundo se propagaram.

Passada esta época, Beauvoir (1990, p. 166) pergunta e responde sobre a velhice, nos séculos precedentes: “Que nos ensina a literatura dos séculos XII e XIII sobre a velhice? Muito pouca coisa. Como nos séculos precedentes, ela não se interessa pelo assunto.” A autora segue em sua análise escrevendo que “do antigo Egito ao Renascimento, vê-se que o tema da velhice foi quase sempre tratado de maneira estereotipada; mesmas comparações, mesmos adjetivos” (1990, p. 200) e complementa esta verdade histórica com a conclusão de que o velho está à margem da condição humana:

Os clichês se perpetuam, em parte porque o velho sofre um imutável destino biológico. Mas também, não sendo agente da História, o velho não interessa, não nos damos ao trabalho de estudá-lo em sua verdade. E, além disso, há na sociedade uma determinação que é a de silenciar sobre ele. [...] Com relação à juventude e à maturidade, ele é considerado como uma espécie de referência negativa: não é o próprio homem, mas seu limite, fica à margem da condição humana; nele não a reconhecemos, e não nos reconhecemos nele (1990, p. 201).

Na Era Medieval o mundo cristão que pregava um Deus perfeito, proporcionou uma estabilidade de valores. Foi no século XVI, com o descobrimento das novas rotas de mercadorias, que surgiu uma nova crise, levando o mundo a entrar na Modernidade.

Alcançando com os estudos desta disciplina o escritor William Shakespeare, seguimos com o texto de *Macbeth*, na tradução de Manuel Bandeira, de 1989. Nele é descrito um mundo por volta de 1600, onde o homem ambicionado e inescrupuloso, passa por cima de tudo para alcançar seus objetivos. *Macbeth* mostra a face de um homem alienado e narcísico, que mata todos que se atravessam em seu caminho, para alcançar suas pretensões na vida.

Ele se atormenta por isso, mas não ao ponto de se sentir culpado e responsável. Passa então a ver um fantasma e inicia sua profunda alienação. Um profundo sentimento narcísico surge e se afasta do mundo, tornando este um lugar onde tudo se justifica. Lady Macbeth (sua esposa) que revela o caráter de seu marido, ela verbaliza o que ele é, em uma dupla narcísica, onde os pares de figuras são essencialmente uma única.



Há, no início do século XVII, uma brilhante exceção ao olhar voltado para a velhice: ao escrever *O Rei Lear*, Shakespeare decidiu encarnar num velho o homem e seu destino. Segundo Beauvoir, nesta tragédia, o autor se refere à velhice da seguinte forma: “acontece conciliarem-se na velhice as duas imagens contraditórias que se faz dela, tradicionalmente: o venerável sábio e o velho louco. É o que transmite Lear delirante e inspirado. O momento em que toca o sublime é também aquele em que se decompõe” (1990, p. 201).

No início do século XIX Georg Büchner escreve *Woyzeck*, onde o personagem principal é o homem da modernidade consolidada, junto a um discurso paródico sobre a Ciência, com um texto que não tem início, meio nem fim. Aqui, o protagonista está só no mundo, e mata sua única referência (a amada). Fragiliza então seu processo identitário e sua reificação pode ser observada.

A Era Moderna deixa o homem sem amparo, levando-o a se afastar do outro, do próprio mundo, buscando sem encontrar, em si mesmo um respaldo. Transforma-se em um ser narcísico, apaixonado por sua própria imagem. Nos séculos XVI e parte do XVII surge o Maneirismo, como resposta às crises, com o afastamento radical do ideal artístico e estético da arte clássica, nega princípios como o da ordem, do racionalismo e do naturalismo na interpretação da realidade.

A crise da Renascença corresponde à crise do humanismo, uma vez que desaparece a fé no homem e se estabelecem o espírito anti-humanista da Reforma de Lutero, o maquiavelismo no plano político e o sentido maneirista de vida. Desta forma, o homem passa a não ver no outro um parceiro de viagem, mas um concorrente. Por outro lado, foi:

Na segunda metade do século XVIII, onde a corrente sentimental que influenciou todo o pensamento europeu levou a opinião a se comover diante da miséria. Compreendeu-se que a responsabilidade com relação a ela recaía sobre a sociedade, e não sobre o próprio indigente (BEAUVOIR, 1990, p. 222).

Já nos séculos XVIII e XIX surgiu uma crise de valores, entre o mundo da herança medieval e todos os novos parâmetros, perdendo-se a noção de bem e mal, belo e feio, uma característica de paradoxo, onde a verdade possui inerentemente dois lados. Nesta fase deu-se início ao Capitalismo, possibilitando ao homem crescer na vida, através de seu próprio esforço, em um percurso individual. Segundo Beauvoir:

Até o século XIX, nunca se fez menção aos “velhos pobres”; estes eram pouco numerosos e a longevidade só era possível nas classes privilegiadas; os idosos pobres não representavam rigorosamente nada. A história, assim como a literatura, passa por eles radicalmente em silêncio. A velhice não é, numa certa medida, desvendada, senão no seio das classes privilegiadas. [...] Tanto a etnologia como a biologia mostram que a contribuição positiva dos idosos para a coletividade é sua memória e sua experiência que, no campo da repetição, multiplicam suas capacidades de execução e de julgamento. O que lhes falta é força e saúde; é também a faculdade de se adaptar à novidade e, com muita razão, de inventar. Pode-se presumir, *a priori*, que os adultos se apoiarão nos velhos, nas sociedades fortemente organizadas e repetidoras. Nas sociedades divididas, nos períodos conturbados ou revolucionários, a juventude tomará a dianteira. O papel que os homens de idade representam privadamente, na família, reflete o que o Estado lhes confere (1990, p. 111).

O Mercantilismo leva o homem a uma situação de absoluta solidão, cuja conseqüência é sua alienação em função da consideração do produto de seu trabalho apenas em dinheiro e determina um processo de reificação alienante do indivíduo, com a perda da unidade com o mundo. Sobre o século XIX, Beauvoir (1990, p. 235) escreve que:

a Europa se transforma: as mudanças que ali se produzem tem influência considerável na condição dos velhos e na idéia que a sociedade faz da velhice [...] em certas classes da sociedade, o número de velhos aumenta. Esse crescimento, ligado ao progresso da ciência, leva a substituir os mitos da velhice por um verdadeiro conhecimento; e esse saber permite à medicina tratar das pessoas idosas e curá-las.

Assim, os estudos desta disciplina culminaram no texto, e também no filme de mesmo nome, *Bodas de Sangue*, escrito por Federico García Lorca em 1975, com tradução de Cecília Meireles. Nele o mundo é um enigma para o homem, a crise está instaurada e não há respostas. O homem está isolado, mais do que nunca ele é uma ilha, em uma sociedade destituída de identidade. Inicia-se assim uma “crise conceitual”, no final de 1960 e início de 1970, onde todos os campos do conhecimento estão postos em dúvida e surge o movimento verde ambientalista, como uma das respostas a ela.

Para Beauvoir (1990, p. 257) há uma super valorização da juventude, em detrimento da velhice, pois “a sociedade tecnocrática de hoje não crê que, com o passar dos anos, o saber se acumula, mas sim que acabe perecendo. A idade acarreta uma desqualificação. São os valores associados à juventude que são apreciados”.

A Era da Pós-modernidade, a partir do século XX traz novos paradigmas para o homem em relação à velhice. Esta passa a ser vista como geradora de lucro, nas palavras de Beauvoir (1990, p. 269):

Hoje, os adultos interessam-se pelo velho de outra maneira: é um objeto de exploração. Nos EUA sobretudo, mas também na França, multiplicam-se clínicas, casas de repouso, residências, e até mesmo cidades e aldeias, onde se faz as pessoas idosas que dispõem de meios pagarem o mais caro possível por conforto e por cuidados que frequentemente deixam muito a desejar.

Este mundo, que agora vivemos, está mais do que nunca, esperando pelas respostas para solucionar a crise de conceitos que estamos passando e buscar as atitudes que permitem o reequilíbrio no meio ambiente. Assim a Ecologia, ao problematizar as relações do homem consigo mesmo, com os outros e com as coisas, é contextualizada nas obras teatrais estudadas à cima, na forma de ambientalização, onde os mundos vão se transformando, de acordo com a transformação do homem. Neste sentido, Castro (1992, p. 13) escreve que “a ecologia não é, primordialmente, um problema econômico e político, mas, sim, um problema de relação do homem consigo mesmo, com os outros e com as coisas”.

Nas diferentes linguagens estudadas ao longo da disciplina, como a literatura, o cinema e as pinturas, nos levam a compreender que a Arte contribui para o estudo das relações que se estabelecem entre o homem e natureza. No sentido de um pensamento ecológico, o caráter permanente da Arte, demonstra um mundo aonde o homem vem historicamente se afastando de si mesmo e do meio ambiente. Sobre esta questão, Rodrigues (2008, p. 69) diz que: “perdemos a sensibilidade e parece que todos os nossos sentidos se assemelham. Perdemos a noção do diálogo, do contato humano, do face a face”.

Na busca por um mundo equilibrado, o homem percebe que é preciso dar mais lugar ao subjetivo e menos valor ao objetivo, tão em voga no início do século XX. Neste sentido “ser ecológico é dar lugar ao poeta e ao pensador de cada ser humano” (CASTRO, 1992, p. 32). São, “pois os poetas os guias da humanidade, em busca de um ideal” (DUPLESSIS, 1956, p. 131). Para Bachelard “é pela intencionalidade da imaginação poética que a alma do poeta encontra a abertura consciencial de toda verdadeira poesia. A consciência, por si só, é um ato, o ato humano”.

A produção de sentidos que a Arte disponibiliza aos sujeitos oportuniza a eles que aprendam sobre si mesmos e sobre o mundo ao seu redor. Assim, as transformações que marcaram no século XVI a entrada do homem na modernidade repercutiram nas transformações na relação homem/mundo/natureza, no sentido de que o homem se afastou do mundo, dos outros homens e de si mesmo. Desta forma, o fato da destruição planetária não tocar o homem moderno, surge pelo fato dele não ter sentidos desenvolvidos para se perceber e perceber o meio ambiente onde vive. Segundo Dacosta (1992, p. 35) “imagens e concepções mediáticas antecipam-se ao saber e ao criticar, gerando a auto-referenciação. Ou seja: estamos incorporando, enfim, uma cultura ecológica, mas não conseguimos compreendê-la”.

Em um horizonte de expectativa onde temos a preocupação com o meio ambiente, necessitamos conhecer o mundo em que vivemos para podermos agir a fim de modificá-lo ou se for o caso, preservá-lo em sua diversidade. Para Hauser (1998, p. 992) “o problema não consiste em confinar a arte ao horizonte atual das grandes massas, mas em ampliar o horizonte das massas tanto quanto possível. O caminho para uma apreciação autêntica da arte passa pela educação”.

Poder-se-ia dizer que estamos vivendo a crise da Modernidade até hoje, já no início do século XXI, sem respostas para seus questionamentos seja na Economia, Política, Ciência, Religião, etc. Assim, “o problema da habitação das pessoas idosas coloca-se de maneira aguda, a partir da desintegração da célula familiar, da urbanização da sociedade e dos recursos miseráveis dos velhos” (BEAUVOIR, 1990, p. 304). Para Rodrigues (2008, p. 67):

No começo do século XXI podemos fazer uma retrospectiva do projeto da modernidade, cujo ideário de liberdade, igualdade e fraternidade foi pulverizado num universo caótico, como um simulacro de um discurso sobre o discurso moderno. Esse ideário foi construído a partir de uma pretensão da razão humana de dominar o mundo e submeter a natureza aos fins humanos.

Neste sentido, muitas questões da Modernidade ainda não foram resolvidas. Pode ser que necessitamos de mais tempo para a contemplação, para que nossa imaginação possa voar e encontrar novos caminhos para as respostas. O mundo do século XX é um mundo da imagem e da velocidade. Onde fica a Imaginação? “Diante

desse mundo ou o homem torna-se passivo e espectador de si mesmo e do mundo, ou age sobre ele recriando-se” (Rodrigues, 1999, p. 497).

Simone de Beauvoir (1990, p. 205) conclui que “é a tragédia da velhice, enquanto esta nos desvenda o contra-senso de nossa inútil paixão. Se o fim da existência é essa impotência desvairada, a vida inteira revela-se, à sua luz, como uma aventura miserável.” No intuito de que esta visão pessimista não ocorra a própria autora sugere: “para que a velhice não seja uma irrisória paródia de nossa existência anterior, só há uma solução, é continuar a perseguir fins que dêem um sentido à nossa vida: dedicação a indivíduos, a coletividades, a causas, trabalho social ou político, intelectual, criador” (1990, p. 661).

Atrevo-me aqui a dizer que as propostas da Educação Ambiental, bem como do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental (PPGEA) da FURG surgem com uma base fundada no campo da interdisciplinaridade, como uma alternativa para tentar solucionar algumas das questões da crise de valores pela qual o homem está passando. Assim, o próximo tópico traz passagens que vivi no PPGEA.

### **2.3 – As inúmeras idades vividas e sonhadas**

Apresento neste item como aprendi a reconhecer, identificar e descrever algumas das idades que vivi e sonhei ao longo de minha trajetória de vida. Trago principalmente as que experimentei como discente durante o curso de mestrado em Educação Ambiental, onde a história foi construída com as mãos de uma Bióloga e muitas outras. A cabeça de uma Educadora Ambiental em formação e muitas outras. A vida de uma pesquisadora e muitas mais. A alma de um Orientador Filósofo Onírico. Um asilo e muitos outros.

Iniciei esta dissertação, escrita à tantas mãos e aprendida de tantas formas, como dizia minha avó: “devagar e sempre, pois o mundo é uma bola”. Fui cursando as 15 disciplinas que me propus nos dois anos de mestrado e cada professor que conheci me apresentou o mundo de uma forma diferente e isto me fez formar o modo como compreendo a Educação Ambiental. Acabei aprendendo que a EA é feita de relações,

sendo estas do homem com ele mesmo, com os outros e com o meio ambiente, sendo este último muito estudado na graduação em Biologia.

Vivi também, a idade de graduada, onde experiências vividas e aprendidas no grupo de Educação Ambiental da UNISINOS, em São Leopoldo, haviam me possibilitado participar de projetos de trilhas interpretativas no campus com professores e alunos. Este fato explica meu projeto inicial para o mestrado estar ligado à estas atividades. Nesta idade, via o mundo como na descrição de Layrargues a seguir:

A Terra formou-se a cerca de cinco ou seis bilhões de anos atrás, e o *Homo sapiens sapiens*, a forma biológica que nos identifica e classifica como uma espécie animal, surgiu na face da Terra a cerca de 50 mil anos atrás. O ser humano portanto, é uma das criaturas mais recentes a pisar no planeta. Mas, ao contrário dos números relativos, os absolutos não nos auxiliam muito a compreender com clareza o significado dessa proporcionalidade: a presença humana na face da Terra corresponde a algo em torno de 0,001% da idade do planeta. (LAYRARGUES, p. XIII, 2006).

Nos anos de 1997 à 2001 estagiei com insetos e aves durante a graduação e aprendido a identificar seus habitats, modo de alimentação, reprodução, proteção, locomoção e estimar a frequência de ocorrência de cada espécie. Fiz um levantamento das aves no campus da PUCRS, trabalhando com geoprocessamento e identifiquei os espaços utilizados por cada espécie, como prédios, campos de futebol, estacionamentos, áreas de depósito, mata de *Pinus* e calçadas.

Já trabalhando na assessoria ambiental, nos anos de 2001 à 2003, realizei especialização em Gestão e Manejo Ambiental, com uma pesquisa sobre a concepção de Gestão Ambiental, dos soldados e tenentes do 1º Batalhão Ambiental da Brigada Militar de Porto Alegre. Esta experiência, com entrevistas e participação nos autos de infração, me proporcionaram uma aproximação com a pesquisa qualitativa e um início do contato com a área social.

Mas como uma Bióloga pode trabalhar com as categorias que emergiram na análise de uma pesquisa qualitativa? Categorias tais como: percepções da vida no asilo, o olhar da cultura sobre o velho e o despertar do devaneio poético. Como fazer uma leitura profunda e uma escrita coerente em apenas dois anos de estudo? A forma que encontrei foi a de confiar em meu orientador e aprender sua linguagem, a partir daí, aprender a escutá-lo e passar a conhecer a minha linguagem e a escutar o que minha alma sonhava. Esta idade já não era a de resmungar e reclamar, era a idade de sonhar,

pois “quando é um poeta que fala, a alma do leitor repercute” (BACHELARD, 2008, p. 33).

Qual não foi meu espanto ao iniciar as aulas no mestrado e descobrir que nossa espécie *Homo sapiens* necessita passar pelo processo da humanização para viver em sociedade. Precisei reaprender a olhar o mundo. Foi quando acabei por aceitar a leitura de “Assim falou Zaratustra” como minha trilha interpretativa neste novo caminho que eu estava iniciando. Seguindo as indicações de Victor Hugo mergulhei em leituras profundas e intensas, muitas vezes com a companhia de minha querida colega de orientação Ana Paula Pohren, em dois dos livros de Bachelard, *A Poética do Devaneio* (1988) e *A Poética do Espaço* (2008).

Aos poucos fui aprendendo que uma pesquisa em Educação Ambiental requer muita dedicação, ou como poderia dizer meu orientador Victor Hugo “muito sangue”. Descobri que “não é nada fácil compreender o sangue alheio” (NIETZSCHE, 1994, p. 56) e me dou o luxo de acrescentar que muito menos quando o sangue escorre por diversas veias e artérias, bombeado pela alma. Meu orientador me explicou que Nietzsche quer que a escrita seja viva, que quem lê tenha mais vontade de viver e isso é escrever com sangue, com mel, o néctar da vida. Falou também da importância do esquecimento de algumas coisas durante o processo de aprendizagem para se poder aprender coisas novas.

Não foi nada fácil encontrar cada palavra que aqui escrevi, para isso precisei me entregar a esta pesquisa e ao prazer de ler os autores sugeridos. Lembrando o tempo da idade que fui bailarina onde aprendi que é preciso dar duas piruetas em aula, para dar uma no palco. Esta idade iniciou aos seis anos, quando meus pais me colocaram para dançar. No início fui contrariada, porque gostaria de fazer equitação, mas depois me apaixonei pelas aulas, músicas clássicas e pela sapatilha de ponta. Cheguei a fazer parte da Companhia de Dança Chemalle e me apresentar com Ana Botafogo, no espetáculo “Quebra-nozes”. Uma experiência inesquecível, foi um sonho de adolescente realizado.

Uma nova idade foi descoberta como mestranda, ao chegar no Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental, da FURG. Fui também me descobrindo com muitas idades enquanto a pesquisa se desenvolvia, porque reaprendi a ser criança, estudando a infância e aprendi a ser velha, aos estudar a velhice, sempre em um contexto estético onírico. Simone de Beauvoir (1990, p. 445) escreve que “a idade modifica nossa relação

com o tempo [...] há na lembrança uma espécie de magia à qual somos sensíveis, em qualquer idade.”

Finalmente, veio a idade da escrita. Nela é preciso escrever muito, escrever tudo, para depois publicar o que há de melhor. “Escrever é o começo dos começos. Depois é a aventura.” (MARQUES, 2001, p. 28). Dentro desta aventura, um grande desafio foi a escrita no Diário de Campo, tanto insistido pelo Victor Hugo e que me dizia que eu precisava escrever, escrever tudo. Para tomar fôlego nesta aventura, me inspirava em seus poemas de Rodrigues (1993, p. 97), como este:

6.4321 Tudo que resta de mim é escrever-me  
Para que através dos rastros  
Volte a me encontrar.

Aprendi assim, que ao ler os livros indicados, poderia descobrir mundos de solidões íntimas e me descobrir neles. O conceito entendido por solidão aqui é de:

um mundo que toma o passado como imenso cenário, como um universo de possibilidades a serem realizadas. A solidão não tem história, porque é ruptura com a linearidade do tempo e acontece dentro de um tempo imaginário numa dinâmica própria, que abandona as horas do relógio, instaurando o tempo vivido pelo sonhador (RODRIGUES, 1999, p.101).

Páginas e páginas, de uma história sem fim. Assim caminhei, sem saber os papéis que me esperavam ser representados. Um deles, o de Representante Discente do ano de 2008, no PPGA, junto à minha colega Fernanda Ciandrini, como vice. Nesta experiência me valeu o aprendizado de como funciona o por “trás das câmeras” de um programa de pós-graduação, bem como do Instituto de Educação. Pude acompanhar as reuniões dos professores e conhecer como se gerenciam estes departamentos.

Como representante discente, fui convidada a falar em nome dos mesmos, na abertura do IEDEA (I Encontro de Diálogos pela Educação Ambiental), em 29 de outubro de 2008. Registro aqui as palavras que gostaria de ter dito, mas que na ocasião não fui capaz, tamanha a emoção.

Ao iniciar as aulas no mestrado, eu e a maioria de meus colegas gostaríamos de conquistar um espaço maior como estudantes de Educação Ambiental. Somado a esse desejo, a idéia de criação de um evento, no estilo de Semana Acadêmica do programa estava sendo sugerida há alguns anos. Foi então que decidimos, após inúmeras reuniões,



documentadas em um livro de memórias, junto à secretaria do PPGEA, num grupo de 15 estudantes, apoiados pelos docentes, demais discentes e pela FURG a organizar o I Encontro de Diálogos pela Educação Ambiental. O grupo era diversificado, com integrantes das mais diversas áreas de formação, o que facilitou a auto-gestão das atividades.

Quando necessitávamos de algo, prontamente aparecia um voluntário ou se formava uma comissão para ficar responsável pela atividade. Assim foi para a alimentação caseira, para a confecção do logotipo do evento, para a impressão e distribuição dos cartazes de divulgação e para a organização dos materiais oferecidos, oficinas, palestras, debates e saída a campo.

Procuramos quebrar os clichês de um evento universitário, onde a mesma forma de trabalho acontecia, mas só trocava-se o local. Não nos utilizamos do artifício de cartazes, mas sim abrimos espaços para reapresentação de antigos, diminuindo a produção de material para ficar enrolado no canto de alguma sala. Ao invés de pastas na inscrição, escolhemos mudar para canecas de cerâmica, com o emblema do evento, onde dentro dela vinha uma caneta e o texto de apresentação, com o cronograma do evento. Decidimos também, que não seria necessário o participante assinar sua presença, porque não tínhamos o objetivo de vigiar, acreditávamos que quem estivesse participando, não se importava apenas com o certificado, mas com a participação integral nos diálogos pela Educação Ambiental.

A saída a campo nos deu uma visão mais abrangente do ambiente em que a FURG está inserida. Foi organizada com a participação de uma integrante do Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental (NEMA), o organizador do Projeto Pró-vieira e uma Dr. Em Botânica, que nos apresentaram cada um da sua forma, o Parque São Pedro, o Arroio Vieira e o Arroio Bolaxa.

Finalizada a idade do primeiro ano no mestrado, foi hora de iniciar os passos na idade da pesquisadora. Sendo assim fui em busca de me encontrar como leitora dos autores que falavam sobre a velhice, com um viés filosófico, voltado para a infância. Nesta idade, li autores que escrevem sobre resignificar a idéia de que não se sonha na terceira idade. Por isso a metodologia de intervenção estética escolhida para esta pesquisa foi as OFCS, onde os idosos, familiares, funcionários e voluntários do asilo tiveram possibilidades de sonhar e produzir novos sonhos.

Aprendi assim, que os sujeitos que participaram da pesquisa, ao despertarem seus sonhos adormecidos, terão possibilidades de instaurar novos devaneios e resignificar seus conceitos, através da troca de experiências, descobertas de novos sentidos e recordações de lembranças e sensações. Mesmo considerando um asilo um local de recolhimento, isto não quer dizer que os devaneios dos sujeitos que participam do dia-a-dia de uma instituição como esta, não possam ser sensibilizados a sonhar e lembrar, que a criatividade não possa ser aguçada e receber um toque de inspiração que venham a produzir novos modelos de felicidade.

A pesquisa no asilo procura narrar mais uma das “histórias com ritmos diversos” referenciadas por LÉVY (1999, p. 150). Ao se estudar uma instituição que parece estar parada no tempo, se olharmos com cuidado e observarmos profundamente poderemos nos surpreender com as experiências de vida e vontades de realizar devaneios poéticos morando por lá.

Encontrei assim em Beauvoir (1990, p. 458) uma passagem que introduz o pensamento para a idade voltada à infância, quando ela fala sobre os velhos: “compreende-se por que eles se sentem tão inclinados a retornar à infância: é que esta os possui. Eles se reconhecem nela porque, mesmo que por um determinado tempo tenham desejado ignorá-la, ela não deixou de habitá-los”. Ou seja, ela permanece neles como um tesouro escondido. Quanto mais os anos passam, maior é o valor das memórias felizes da infância.

### **2.3.1 A idade voltada à infância**

No capítulo *Os devaneios voltados para a infância*, Bachelard (1988, p. 93), com mais de 80 anos, volta à infância ao falar de solidão e devaneios. Diz que “há devaneios tão profundos, devaneios que nos ajudam a descer tão profundamente em nós mesmos que nos desembaraçam da nossa história”. Em outras palavras, a partir do encontro com nosso eu profundo, nos conheceremos e desvendaremos nossos desejos de criança. Neste sentido, Beauvoir (1990, p. 463) escreve que “se as lembranças afetivas que despertam a infância são tão preciosas, é porque, durante um breve instante, elas nos põem de novo de posse de um futuro sem limites”.

A infância instaura uma gama de possibilidades que faz com que a criança se sinta acompanhada, mesmo estando sozinha. Para Bachelard (1988, p. 94), “na solidão a criança pode acalmar seus sofrimentos [...] e é assim que nas suas solidões, desde que se torna dona dos seus devaneios, a criança conhece a ventura de sonhar, que será mais tarde a ventura dos poetas”. Em sua concepção toda a nossa infância está por ser reimaginada. Ao reimaginá-la, temos a possibilidade de reencontrá-la na própria vida dos nossos devaneios de criança solitária, em suas palavras:

Na nossa infância, o devaneio nos dava a liberdade. E é notável que o domínio mais favorável para receber a consciência da liberdade seja precisamente o devaneio. Apreender essa liberdade quando ela intervém num devaneio de criança só é um paradoxo quando nos esquecemos de que ainda pensamos na liberdade tal como a sonhávamos quando éramos crianças [...] Uma infância potencial habita em nós. Quando vamos reencontrá-las nos nossos devaneios, mais ainda que na realidade, nós a revivemos em suas possibilidades (BACHELARD, 1988, p. 95).

As inúmeras possibilidades de devaneio que podemos criar estão por serem descobertas e é esta perspectiva que me encanta e maravilha, a cada palavra que leio deste autor! Por quê “num devaneio, uma vez que nos lembramos, o passado é designado como valor de imagem. A imaginação matiza desde a origem os quadros que gostará de rever. Indo aos arquivos da memória, importa reencontrar, para além dos fatos, valores” (BACHELARD, 1988, p. 99). Isto é, a imaginação criadora, valoriza aquilo que a vida adulta normalmente aprende a depreciar dos nossos tempos de criança.

Ao escrever sobre o homem não ter idade para sonhar, Bachelard se inspira no poema de Charles Plisnier (*Sacre*, XXI) e diz que “o ser do devaneio atravessa sem envelhecer todas as idades do homem, da infância à velhice.” (1988, p. 96). E segue dizendo que “somente quando a alma e o espírito estão unidos num devaneio é que nos beneficiamos da união da imaginação e da memória. É nessa união que podemos dizer que revivemos o passado” (BACHELARD, 1988, p. 99). Neste sentido, Beauvoir coloca todas as idades no mesmo nível e grau de importância, quando escreve que o velho volta à infância, falando sobre as pessoas na velhice: “elas não procuram fazer para si próprias um relato detalhado e coerente de seus primeiros anos de vida, mas sim mergulhar de novo neles” (1990, p. 459).

Para Bachelard (1988, p. 100) “os poetas nos convencem de que todos os nossos devaneios de criança merecem ser recomeçados.” Neste contexto o autor se pergunta:

“Éramos, sonhávamos ser, e agora, sonhando a nossa infância, somos nós mesmos?” (1988, p. 103). Dentro desta reflexão, uma das respostas poderia vir em uma de suas citações, de que: “para forçar o passado, quando o esquecimento nos encerra, os poetas nos convidam a imaginar a infância perdida [...] Força é inventar o passado diz-nos um poeta: *Inventa. Não há festa perdida No fundo da memória*”<sup>5</sup>. Sendo assim, descobrimos, através de Bachelard, que o passado é inventado por nós e pode inúmeras vezes, voltar a ser reinventado.

Neste sentido, o filósofo-sonhador escreve que “o devaneio voltado para o nosso passado, o devaneio que busca a infância, parece devolver vida a vidas que não aconteceram, vidas que foram imaginadas.” (BACHELARD, 1988, p. 107). “Quando o devaneio vai tão longe, admiramo-nos do nosso próprio passado, admiramo-nos de ter sido essa criança.” (BACHELARD, 1988, p. 111). Foi assim, quando em um dos dias de visita informal no asilo, entrei em um dos quartos femininos e senhoras acamadas me receberam com sorrisos. Uma delas sem que eu perguntasse nada, me lembrou do quanto gostava de andar no balanço embaixo da árvore e sentar em sua sombra para tomar chimarrão, mostrando como “nos devaneios, revemos o nosso universo ilustrado com suas *cores de infância*.” (BACHELARD, 1988, p. 112). A infância não é um estado de coisas, nem um conjunto de fatos, mas um estado de alma.

Segundo Bachelard (1988, p. 125) “a infância é um estado de alma. Esse estado de alma, vamos reencontrá-lo nos nossos devaneios, ele nos ajuda a pôr o nosso ser em repouso. É realmente a infância sem as suas turbulências.” Sendo que “o devaneio verdadeiro não poderia ser ranzinza; o devaneio voltado para a infância, o mais doce dos nossos devaneios, deve dar-nos a paz.” (BACHELARD, 1988, p. 126).

Assim, Bachelard (1988, p. 131) se faz outra indagação: “Não é também no devaneio que o homem se mostra mais fiel a si mesmo?” e segue dizendo “e, se os nossos sonhos alimentam um pouco os nossos atos, sempre haverá um benefício no meditar sobre os nossos mais antigos sonhos na atmosfera da infância.”

Quando, ao ler os poetas, descobrimos que toda uma infância é evocada pela lembrança de um perfume solitário, compreendemos que o cheiro, numa infância, numa vida, é, se ousamos dizê-lo, um *detalhe imenso*. Esse nada adicionado ao todo trabalha o próprio ser do sonhador. Esse nada lhe faz viver o devaneio engrandecedor: com

---

<sup>5</sup> Robert Ganzo, *L'oeuvre poétique*, Grasset, p. 46.

total simpatia lemos o poeta que infunde numa imagem esse engradecimento da infância em germe (Bachelard, 1988, p. 137).

Os devaneios nos são inspiradores e nos trazem lembranças prazerosas. Neste sentido, a velhice vem conquistando um espaço cada vez maior na sociedade, criando mais alternativas para continuar a sonhar, e uma busca pela qualidade de vida pode ser observada. Para Bachelard (1988, p. 13) “é todo um universo que contribui para a nossa felicidade quando o devaneio vem acentuar o nosso repouso. A quem deseja devanear bem, devemos dizer: comece por ser feliz. Então o devaneio percorre o seu verdadeiro destino: torna-se devaneio poético.”

Escrevendo, lendo, refletindo e sonhando, mesmo sem saber que aprendia, aprendi que chegava a idade de sonhar. Sonho com a escrita poética, onde o texto dança. Victor Hugo me fez ler em voz alta a dissertação, enquanto ia me auxiliando e orientando na escrita. Este exercício fez o texto ressoar em mim e pude senti-lo, despertando as vontades de conhecê-lo e reescrevê-lo, na busca pela dança.

### 3. FILOSOFIA DO ESPANTO IMAGINÁRIO APLICADA: O CAMINHO ESCOLHIDO PARA FAZER AS RELAÇÕES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM A VELHICE

O aporte teórico filosófico desta pesquisa em Educação Ambiental é fundamentado na filosofia de Friedrich Nietzsche, onde para Machado (1994, p. 142) “em *Assim falou Zaratustra*, a forma poética de filosofar tem como ápice o eterno retorno, pensamento trágico que só pode ser adequadamente enunciado através do canto, da palavra poética”. Da mesma forma a fundamentação se faz na filosofia de Gaston Bachelard, na escritora Simone de Beauvoir e nos estudos filosóficos de Victor Hugo G. Rodrigues sobre a *Filosofia do Espanto Imaginário*.

No sentido de enriquecer as pesquisas em Educação Ambiental utilizamos Gaston Bachelard porque ele coloca o campo da imaginação criadora na pesquisa na medida que traz o conceito de imagem como um princípio motor, autônoma, criadora de si e não comparativa, “para denunciar o intelectualismo da metáfora”(BACHELARD, 1993, p. 22), mostrando a atividade própria da imaginação pura.

Segundo Bachelard (1988, p. 01) “uma imagem poética pode ser o germe de um universo imaginado diante do devaneio de um poeta. A imagem poética abre um porvir da linguagem”. Assim, na busca pela sensibilidade em Educação Ambiental, encontramos que para Bachelard “a consciência poética deve registrar a polifonia de sentidos despertos e harmonizados que o devaneio poético escuta” (BACHELARD, 1988, p. 05). Neste sentido Rodrigues (1999, p. 223) escreve que “Bachelard insere a compreensão da imaginação no plano cósmico, como universalização da singularidade de um devaneio pessoal.”

Auxiliando na compreensão deste conceito, Rodrigues (1999, p. 82) diz que “no devaneio, o sujeito se concentra, descobre seu próprio centro, na medida em que este vai se encontrando mais ou menos centrado numa imagem onírica.” O autor segue seus estudos sobre o devaneio e o sonho e em relação ao filósofo-sonhador Gaston Bachelard, escreve que:

No cotidiano, os devaneios são observados como uma dimensão alienada do homem, ou como uma fuga covarde do mundo hostil. [...] Para compreendermos a importância da dimensão onírica na formação do filósofo, é necessário buscar, num filósofo-sonhador e nos poetas, elementos que permitam pensar a função salutar do sonho, num nível

mais profundo, superando as limitações colocadas pelos apelos da vida, instaurando, verdadeiramente, um ambiente para sonhar, um universo de onirismo onde o sonhador sente-se em casa, restaurando o seu vigor, força e saúde. Dessa forma, podemos compreender a verdade e a realidade dos sonhos, reivindicando sua legitimidade, para prestar atenção no que eles têm a ensinar (RODRIGUES, 1999, p. 82).

Assim, para Bachelard (1988, p. 11) “o devaneio é um fenômeno espiritual demasiado natural, demasiado útil também para o equilíbrio psíquico, para que o tratemos como uma derivação do sonho, para que o incluamos, sem discussão, na ordem dos fenômenos oníricos”. A fenomenologia estudada por Bachelard e compreendida por mim como uma aprendiz de suas teorias, é baseada no instante em que a imagem surge, como explicado nas palavras do autor:

para esclarecer filosoficamente o problema da imagem poética, é preciso chegar a uma fenomenologia da imaginação. Esta seria um estudo do fenômeno da imagem poética quando a imagem emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado em sua atualidade (BACHELARD, 2008, p. 02).

Muitas vezes trago o pesquisador Mário Osório Marques para embasar a escrita desta dissertação. Posto isto, Marques (2000, p. 102) escreve que quando estudamos uma instituição, precisamos estar atentos à abertura para as interrogações sobre as relações entre os homens, constituindo a partir destas experiências históricas:

uma comunidade de moradores, uma escola, uma empresa, qualquer instituição, e também os objetos com que lidamos tanto quanto os costumes, os hábitos sociais: tudo tem sua história no entrecruzamento de um passado, de um presente e de um futuro em perspectiva e só nessa história se constituem em objetos do campo empírico. [...] Relações sociais sempre existiram entre os homens, mas só a partir de quando eles se interrogam sobre elas se constituíram no campo da experiência histórica.

Por outro lado, os autores Genebaldo Freire Dias e Michele Sato são referências já reconhecidas na Educação Ambiental, vindo assim a fortalecer o trabalho nesta área. A Educação Ambiental se orienta no sentido da interação das inúmeras formas de construção do conhecimento, onde estas fronteiras se diluem. É o esforço de muitos e não de apenas um sujeito, porque ele não seria capaz de compreender todas as formas de constituição do conhecimento. Compreendendo-se que é pelo conhecimento do outro que me reconheço, na diferença, que construo a minha identidade.

Neste contexto, Dias (2003, p. 83) diz que “a Educação Ambiental deve prover os meios de percepção e compreensão dos vários fatores que interagem no tempo e no espaço [...] Deve também definir os valores e motivações que conduzam a padrões de comportamento de preservação e melhoria do meio ambiente”. Consideramos aqui que somos o meio ambiente, a partir do momento que estamos em relação direta conosco, com os outros, com o meio e com as demais formas de vida.

Em Dias (2003, p. 27) as definições para o conceito de Educação Ambiental (EA) são diversas, “mas de certa forma, as mais recentes guardam, entre si, vários pontos comuns quando acentuam a necessidade de considerarmos os vários aspectos que compõem uma dada questão ambiental, isto é, a necessidade de uma abordagem integradora, holística”. Abordagem esta, que a pesquisa aqui apresentada procura seguir. Desta forma, Sato (2003, p. 12) escreve que:

A Educação Ambiental deve buscar sua eterna recriação, avaliando seu próprio caminhar na direção da convivência coletiva e da relação da sociedade diante do mundo [...] devemos observar na Educação Ambiental um conjunto de relações sociais que determinam a dinâmica do mundo.

De outra parte, Porciuncula & Teixeira (2005, p. 24) nos auxiliam para pensarmos a pesquisa em Educação Ambiental, voltada para o envelhecimento: “envelhecer na contemporaneidade, implica na elaboração de uma Educação Ambiental voltada para amenizar os conflitos, as frustrações decorrentes desse processo e atendê-los em suas necessidades”. Assim, Michèle Sato apresenta no livro *Educação Ambiental* (2002) o “Tratado de Educação Ambiental”, cujo item 13 serve de referência e inspiração para esta pesquisa, dizendo que:

A Educação Ambiental deve promover a cooperação e o diálogo entre indivíduos e instituições, com a finalidade de criar novos modos de vida, baseados em atender às necessidades básicas de todos, sem distinções étnicas, físicas, de gênero, idade, religião, classe ou mentais (SATO, 2002, p. 12).

Buscando a cooperação e o diálogo entre indivíduos e a Instituição Asylo de Pobres, trabalhamos com a Educação Estética como um dos objetos de estudo no asilo. Segundo Graciela Ormezzano (2007, p. 16) a Educação Estética é “muito pouco difundida, um processo em que cada sujeito sente, experimenta e vibra emocionalmente,



de modo tal que seu potencial humano se expressa tanto na distinção da singularidade irrepitível como na forte percepção da união dinâmica com seus semelhantes”.

Ao estudar a velhice, etapa biológica da vida, acabo por aprender com Rodrigues que “o sonhador rompe com a continuidade das funções vitais e com o destino natural, visando a encontrar uma atmosfera onírica, um universo imaginário que possa verdadeiramente viver” (RODRIGUES, 1999, p. 109). A partir de uma ruptura com as determinações da vida natural é possível que a vida imaginária instaure o homem que devaneia. Esta compreensão é árdua para uma Bióloga, mas possível. Foi preciso enfrentar o medo do desconhecido para continuar nesta viagem imaginária. “A partir da ruptura com a vida biológica é que ganha sentido a questão de como pode o homem, apesar da vida, tornar-se poeta/filósofo.” (RODRIGUES, 1999, p. 110).

Considerando-se que “o sonho justifica a vida humana, trazendo confiança e perseverança ao sonhador” (RODRIGUES, 1999, p.111) podemos compreender o porquê da escolha da metodologia de “*Oficinas de Criação de Sonhadores*”, visto que podem ser realizadas em qualquer faixa etária.

A velhice foi escolhida para ser estudada nesta pesquisa, por estar intimamente ligada à minha viagem imaginária onde “a vida imaginária tem o poder de operar no homem a transformação do seu ser, num desligamento que o religa com sua dimensão originária e primitiva como um ser que imagina” (RODRIGUES, 1999, p.115). O conceito de imaginação neste estudo segue Rodrigues (1999, p. 123) onde ela “não é um estado passageiro, uma faculdade que se tem, mas uma operação que realiza potencialidades adormecidas.”

Rodrigues (1999, p.5) se referindo ao poema *Eros e Psique*, de Fernando Pessoa, diz que “o espanto do encontro só é completo quando o homem toma consciência de que estava dormindo, ou que sua consciência desperta tem uma dimensão de adormecimento e de sonho.” Assim como quando me despertei numa aprendiz desta viagem imaginária.

Me maravilhei com minha avó, ao longo dos 24 anos de convivência que tivemos e não importava o local onde ela vinha a morar, porque nos divertíamos como se estivéssemos em casa. Até hoje ela mora em meu coração. Para Rodrigues (1999, p.131) “a viagem imaginária expressa a necessidade do nosso filósofo, de fazer experiências imaginárias novas”, como foi a escrita desta dissertação em minha vida.

Sendo assim, como aprendiz de sonhadora quero começar a conhecer novas histórias e mudar a minha de direção, rumo ao surpreendente tempo do agora.

Neste ponto, apresento a seguir, as categorias que resultaram das entrevistas realizadas no Asylo de Pobres, sendo elas *Percepções da vida no asilo*, *O olhar da cultura sobre o velho* e *O despertar do Devaneio Poético*, produzidas a partir da Análise Textual Discursiva.

### 3.1 – Informações e testemunhos colhidos nas entrevistas

As informações e testemunhos colhidos nas entrevistas e apresentados neste item são oriundos da pesquisa-ação realizada no Asylo de Pobres. Esta foi uma estratégia metodológica que agregou vários métodos de pesquisa social e cultural, como as OFCS, entrevistas semi-estruturadas, observações no asilo, relatos dos participantes, diário de campo, fotos, entre outros. Nestes, se estabeleceu um conjunto de informações, construído participativamente durante os anos de 2008, 2009 e Janeiro de 2010.

Apresento assim, o metatexto, com as categorias *Percepções da vida no asilo*, *O olhar da cultura sobre o velho* e *O despertar do Devaneio Poético* inclusas ao longo do mesmo, resultante da Análise Textual Discursiva. Esta foi realizada com os relatos escritos dos sujeitos participantes, juntamente com o material oral colhido nas entrevistas gravadas e transcritos para o computador.

Procurei tramar tais informações aos referenciais teóricos filosóficos utilizados nesta pesquisa, de forma que compartilho da fala de Marques (2000, p. 26) onde “os saberes de cada interlocutor – confidentes, leitores, autores convocados com suas obras, sujeitos de práticas sociais a quem ouvi, entrevistei, interpelei e os meus saberes se fundem e se transformam, reformulam-se”. Assim, o autor segue escrevendo sobre o quanto este espaço da escrita é importante para a reconstrução de nossa cultura:

As relações transformadas entre a oralidade e a escrita fazem da escrita algo muito mais valioso do que se fosse ela simples codificação da linguagem oral. É ela um novo espaço de reconstrução social da realidade, das personalidades e da cultura, em que a educação assume nova relevância enquanto provocação de aprendizagens significativas (MARQUES, 2000, p. 69).

Nomes fictícios foram utilizados nesta dissertação, a fim de se preservar os sujeitos participantes da mesma. Ressalva-se que Cleusa, Vera, Rita, João e Norma são citados ao longo das entrevistas ou tiveram participações pontuais nas atividades e por isso não puderem ser descritos da mesma maneira que os demais. Uma breve caracterização de cada entrevistado e o nome escolhido são descritos a seguir:

Entre os idosos moradores do asilo, foram entrevistados e /ou participaram das atividades oito, sendo dois homens e seis mulheres, assim descritos: Maga é um senhor de 88 anos, que mora no segundo andar da casa, no pencionato. Foi um grande ator reconhecido no estado do Rio Grande do Sul, por seus trabalhos nas rádio-novelas, teatro e televisão; Eloy é uma senhora de 93 anos, que foi miss em muitos concursos, inclusive na Festa do Mar, em Rio Grande; Noely é uma senhora muito carinhosa, de 68 anos, que gosta de conversar e foi dona-de-casa; Suely é uma tímida senhora, de 78 anos, que vive costurando bonecas de pano e fala pouco; Walgenor é um idoso muito ativo e comunicativo, com 75 anos, que ajuda a todos no asilo; Rose é uma jovem senhora, de 64 anos, que passa os dias sentada em frente à TV, na sala de estar, acompanhada do chimarrão e de outras colegas de quarto; Nely é uma senhora muito calma e de fala mansa, de 63 anos, que é muito amiga de Lya e Suely; Lya é uma simpática senhora, de 88 anos, que foi auxiliar de enfermagem e ajudava muitos vizinhos doentes;

Dois profissionais do asilo que trabalham nas tardes de terças e quintas-feiras foram entrevistados. A Assistente Social Neca que trabalha há dois anos no asilo, colaborando com a equipe de enfermagem e demais equipes que possa estar intervindo e auxiliando. Bem como o Waldemar, que exerce a atividade de Fisioterapeuta, levando assistência para os idosos como acupuntura, massagem entre outros tratamentos.

Os voluntários entrevistados foram os seguintes: Renata, que é dona-de-casa e está levando muitas novidades para o asilo, como fotos dos moradores em porta-retratos nos quartos, almofadas para os bancos e coordenando a recuperação do jardim principal; Jéssica, de 20 anos, junto com suas colegas Jenifer e Rita são estudantes de Psicologia da Universidade Anhanguera, elas vão sempre juntas para as visitas e atividades no asilo e Walter que é um voluntário idoso, trabalha na casa há seis anos, como encarregado das despesas na dispensa e auxiliando a supervisora do asilo.

Duas funcionárias da casa foram entrevistadas, sendo elas: Bianca que é funcionária do asilo na secretaria e atende aos familiares e visitantes, bem como aos idosos com muita atenção e Josi, que é funcionária há mais de 20 anos na casa, trabalhando na recepção do pencionato e ajudando sempre que pode os idosos em suas compras, roupas e demais cuidados.

Lembro que o modo como as categorias são descritas separadamente, não exclui a conectividade que uma possui com a outra, na medida em que o leitor vai lendo as mesmas e percebendo como elas se entrelaçam umas nas outras, se complementando.

### **3.1.1 Percepções da vida no asilo**

As impressões que fazia do asilo, na medida que caminhava pelos extensos corredores e grandes salas vazias, iam se alterando a cada dia de visita. Me admirava do lugar cheio de vidas, convivendo em rotinas e me perguntava: quais suas histórias, será que eles iriam contar ou não?

Encontrei com os anos de pesquisa, companheirismo na divisão dos quartos, no sentido de criar laços de amizade entre os idosos, voluntários, funcionários e profissionais, como que vivendo em uma nova família. Neste sentido, o empréstimo de óculos de grau de uma idosa para a outra, observado mais de uma vez e em mais de um quarto, ocorria com a naturalidade de velhas amigas que dividem com prazer seus pertences.

A partir de minhas primeiras impressões sobre o Asylo de Pobres e os demais residenciais, já descritos anteriormente, passo aos relatos dos entrevistados e suas impressões, juntamente com um diálogo entre autores da área estudada.

O surgimento do asilo, é datado em torno do ano 1300, como escreve Simone de Beauvoir (1990, p. 156): “em um ponto, a contribuição da Igreja foi positiva. Ela criou, a partir do século IV, asilos e hospitais”. Sobre asilos, Lafin (2004, p. 111) diz que:

o primeiro tipo de instituição conhecido foi o asilo, que se preocupava com a alimentação e a habitação no atendimento aos idosos. Seus fundadores, quase todos pessoas carismáticas e com formação religiosa, tinham a filosofia do fazer para os idosos e não com os idosos. A comunidade fornecia os recursos motivada pelos seus

líderes sem, no entanto, conviver com as pessoas que lá eram internadas.

Beauvoir (1990, p. 312) falando sobre a vida do idoso, diz que: “quando não podem mais sustentar-se, física e economicamente, o único recurso dos velhos é o asilo. Na maior parte dos países, o asilo é absolutamente desumano: nada mais que um lugar para esperar a morte.” O modo de vida de um asilado faz com que a atitude mais tomada por eles seja o estado de isolamento e resignação com o que restou de suas vidas. Seu Walter, um voluntário que trabalha diariamente no asilo, fala sobre o idoso: “Eu nem sei se ele tem prazer, eu tenho impressão que ele vive com nós aqui o dia-a-dia.” Neste sentido, Herédia, Cortelletti & Casara (2004, p. 43) escrevem que:

O asilo é o lugar que restou para abrigar o idoso e recebê-lo. O asilado se conforma e aceita essa situação, aparentemente sem contestar, limitando as possibilidades de querer mais e restringindo gradativamente o sentir, o pensar, o agir e o interagir. Perde a visibilidade do mundo, das pessoas neste mundo e, como consequência, as mobilidades social, física e intelectual que o mundo requer. Acaba por se enclausurar, tornando-se incapaz de enfrentar os desafios que a vida impõe. Falta-lhe energia e esperança para viver. Espera o tempo passar...

Walter complementa seu relato comentando sobre os sonhos que imagina que habitam os velhos: “Então que sonhos a gente espera que eles possam ter? O sonho deles, que Deus me perdoe, é a morte. E a gente luta pra que isso não aconteça.” O sonho de morte parece ser a única saída, em um dia-a-dia onde o idoso acaba por se entregar à solidão e quietude. Posto isto, Porciuncula e Teixeira (2005, p. 22) dissertam sobre a perspectiva dos sonhos, em sua monografia realizada no mesmo asilo aqui estudado, onde:

Ao conversarmos com um grupo de idosos do asilo de nossa cidade colocamos a importância dos sonhos e em mantermos nossas perspectivas dia após dia. Mas as respostas foram assombrosas, pois nenhum dos idosos questionados conseguiu responder sobre sonhos atuais, realizações e perspectivas, por acreditarem estar no fim de suas vidas e vivido tudo o que a vida podia lhes oferecer. Alguns colocaram ainda que só estavam esperando o fim, a morte.

Diante deste cenário de pessimismo, as informações trazidas aqui podem somar para uma visão ainda mais triste desta realidade. No entanto, precisamos compreender como é a vida em um asilo, para a partir daí ter possibilidades de mudá-la.

Como nos conta Jéssica, uma das voluntárias, estudante de psicologia sobre o seu primeiro contato com o asilo: “Eu comecei o trabalho voluntário aqui no asilo, não foi bem assim começar o trabalho voluntário, a gente veio pra fazer um trabalho... trabalho de observação da faculdade e a gente gostou muito deles aqui, porque a gente se encanta quando chega aqui”.

Neste sentido, Born (2005, p. 406) diz que a instituição de idosos é um lugar para se viver e “mantê-la como uma unidade de vida ou como um lugar onde a vida é valorizada e a dignidade do idoso é reconhecida até no leito da morte é um desafio permanente para as instituições.” O autor diz que se alcança essa qualidade no “somatório de atitudes, ambientes, situações. Inicia-se com as entrevistas de internação, passa pelo ambiente físico e humano da instituição, respeito à individualidade, privacidade e valorização da autonomia” (BORN, 2005, p. 406).

As relações aparecem tanto boas nos casos de convivência, união, carinho, quanto ruins nos casos de falta do costume no toque, dificuldade na aproximação e no primeiro encontro. Duas voluntárias falam da dificuldade dos idosos no primeiro contato com as pessoas diferentes. Jéssica conta que “a primeira vez que a gente chegou aqui foi meio complicado, porque eles não tinham essa abertura assim” e Renata diz que “aqui eu estou sentindo uma parte fria na aproximação mesmo, até no você abraçar eles, eles não tem o costume. Então eu comecei do zero, mesmo. Esses quatro meses que eu estou aqui, eles já me conhecem e deixam tocar mais.”

Josi, funcionária de mais de 20 anos de casa e que trabalha no segundo andar do prédio, conta das lembranças dos asilados que se foram e um pouco da história do asilo, que era administrado anteriormente por freiras:

A nossa faixa etária aqui é muito alta, mais de oitenta, noventa [...] tem gente que quando eu vim pra cá já estavam aqui. A moradora mais antiga do lado de lá é a Selidinha. Ela tinha 16 anos quando veio morar aqui. Antes as irmãs tinham uma espécie de internato. Até as funcionárias, moças, que trabalhavam aqui, elas dormiam, moravam aqui. É, porque ainda sou do tempo das irmãs. Acho que faz uns 20 anos que elas saíram.

Entre os motivos que fazem com que um idoso vá morar no asilo estão a falta de condições da família do idoso, o fato de não ter mais família e a necessidade de cuidados profissionais. Sobre estas questões Herédia, Cortelletti & Casara (2004, p. 13) acreditam que “a questão do asilamento comprova a ação da sociedade que descarta os

indivíduos no momento em que deixam de ser saudáveis, produtivos e utiliza um discurso controverso à sua integração ao meio social”.

Em alguns casos a família continua presente na vida dos asilados, mas na maioria das vezes ocorre a falta de afeto e de cuidado do familiar para com o asilado. Os idosos contam que foram morar no asilo por motivo de saúde. Muitos moravam sozinhos e os familiares acharam mais seguro viver no asilo. Outros por desavenças na família, que não permitiram a convivência mais no meio familiar, para própria proteção deste idoso. Dona Lya nos conta como foi seu caso:

eu vim pra cá, por causa que eu tava morando sozinha, numa casa de aluguel, mas a gente da casa de aluguel não poderia ser melhor pra mim, eu saí de lá ela ficou chorando, ela já veio até duas vezes aqui. Mas o meu irmão que inventou de eu vir pra cá, eu não queria vir e nem precisava vim, eu tava muito bem lá, mas é irmão, né, o que que a gente vai fazer? E aí eu vim pra cá, foi por isso, que eu tava sozinha. Ele ficou com medo que me desse alguma coisa e eu caísse sozinha, então me trouxe pra cá. Aí é que eu vim, quando ele disse que não dormia direito, que ficava com medo, que eu ficasse doente. Não, porque as vezes eu ficava mesmo, me dá umas coisas e eu fico doente.

Para Herédia, Cortelletti & Casara (2004, p. 19) “o processo de internação numa instituição asilar representa muito mais do que simplesmente mudança de um ambiente físico para outro. Representa para o idoso a necessidade de estabelecer relações com todos os aspectos de seu novo ambiente”. Sendo assim, a falta de contato com a família, também é uma das carências que os idosos sofrem, muitas vezes porque os parentes moram longe. Surgindo o sentimento de isolamento e resignação, descrito por Herédia, Cortelletti & Casara (2004, p. 21) como:

O momento de ruptura com laços afetivos até então estabelecidos, implica a necessidade de enfrentamento no sentido de estabelecer novas relações. Mas esse idoso encontra-se fragilizado, devido à perda de papéis ocupacionais e às perdas afetivas, que provocam diferentes graus de ansiedade, dependendo da história pessoal, da disponibilidade de suporte afetivo, do nível social e dos valores de cada um. O indivíduo idoso, aquele que vive a última etapa do ciclo vital, circunstância que por si só restringe as perspectivas de futuro e de vida, sente ainda mais agravado o seu estado de velhice, por não saber o que fazer de seus dias, por estar sempre entre o aborrecido e o melancólico.

Beauvoir (1990, p. 318) estuda a rotina em asilos de Paris e constata que os homens e mulheres que os habitam “na maior parte, tem um fraco nível intelectual, lêem

pouco e não ouvem rádio. A televisão, quando há uma, cansa-lhes os olhos. Até mesmo os jogos de cartas não os divertem, seu nível de interesse cai para zero, e eles ficam o dia inteiro sem fazer nada”. De uma forma semelhante, constatei esta realidade nos residenciais em que minha avó morou e no Asylo de Pobres, mas por quê isto acontece?

Uma das respostas pode estar na dificuldade de iniciar novas atividades que os velhos adquirem com a idade, onde “as pessoas idosas tem muita dificuldade de se adaptar às situações novas; elas reorganizam facilmente coisas conhecidas, mas resistem às mudanças” (BEAUVOIR, 1990, p. 44). A mesma autora traz outra contextualização da vida do velho, que pode trazer uma melhor compreensão desta questão:

um futuro limitado, um passado imobilizado, tal é a situação que os idosos tem que enfrentar. Em inúmeros casos essa situação paralisa sua atividade. Todos os seus projetos ou foram realizados, ou foram abandonados, sua vida fechou-se sobre eles mesmos, nada os solicita, eles não tem mais nada a fazer (BEAUVOIR, 1990, p. 466).

Quando Maga é questionado sobre o que gostaria de recordar, de viver de novo, sua resposta nos remete à citação de Beauvoir que acabamos de ler, onde ele diz que: “pra mim, na minha situação, é difícil de te responder. Não porque eu não quero, mas eu não vejo perspectiva pra mim. Compreende? Eu gostava de andar, saía. Logo que eu cheguei aqui, pegava ônibus e ia ao Cassino”.

Maga demonstra o desejo de realizar atividades sociais, como ir jantar em um restaurante, mas por não ter companhia acaba não indo, diz ele: “Agora eu quero jantar lá no Marcos, tem um cara que toca piano, que é meu amigo. Nós trabalhamos no teatro juntos aqui, tem 82 anos. Ele toca piano lá de noite. Eu disse: olha eu não vou por falta de companhia, porque aqui ninguém vai.”

Quando pergunto à Rose, uma idosa jovem, sobre suas caminhadas no canaleta, ela responde: “no canaleta, não...parei de caminhar, a preguiça bateu e não dá”. Estes dois exemplos de moradores do Asylo de Pobres, nos remetem à falta de vontade dos velhos em realizar atividades. Este sentimento foi observado tanto nos estabelecimentos onde minha avó residiu, no asilo estudado e nos estudos de Beauvoir.

Assim, me faço cúmplice das palavras da autora (1990, p. 321) quando ela escreve: “o coração aperta ao se constatar a inércia provocada pela vida de asilo [...] mesmo se lhes são propostas distrações, estão mergulhados num tal estado de letargia,



que recusam.” A autora conta que ofereceu-se a umas 40 mulheres uma excursão gratuita de ônibus pelas cercanias de Paris e apenas duas aceitaram.

Neste sentido, Porciuncula & Teixeira (2005, p. 05), em seu estudo no Asylo de Pobres, observam que:

enfocando a carência emocional e a falta de perspectiva dos idosos que participam desta instituição. [...] Vê-se que nesta instituição, a maioria dos idosos não possui uma atividade que lhes permitam desenvolver suas habilidades e conseqüentemente suas percepções físicas e emocionais. Passam seus dias, muitas vezes, apenas cumprindo com a obrigação de acordar e realizar as tarefas cotidianas para a sua sobrevivência.

Mostrando um outro lado dos fatos descritos a cima, Neca, uma das profissionais contratadas pela casa nos últimos dois anos, fala sobre as atividades que o asilo proporciona: “a gente traz assim festinhas internas, passeios, agora vem a época boa de passear, artesanato, fizemos uma sala de terapia ocupacional, mas é uma coisa também que eles têm resistência. Eles tem resistência, porque eles não foram trabalhados pra isso”. Para a realização destas atividades, o asilo possui espaços muito bons, como conta a voluntária Jéssica: “aqui no asilo eles tem um espaço maravilhoso, tem áreas lindíssimas, enormes, pra fazer um monte de coisas.”

Esta questão é levantada por Waldemar, um dos profissionais contratados pela casa, quando ele comenta sobre a dificuldade que passou ao iniciar suas atividades em fisioterapia: “a minha aceitação não foi muito boa, porque a maioria dos idosos que são enfermos são do sexo feminino, e já por serem pessoas de idade, a cultura deles é diferente da nossa. Então elas tinham um pouco de receio de um homem tocar numa mulher.”

As atividades realizadas no asilo são diversificadas e a abertura da instituição para que elas sejam realizadas é muito positiva. A Assistente Social, bem como a coordenadora da casa, se mostram sempre muito atenciosas e fazem o possível para que as atividades propostas sejam realizadas da melhor forma possível. São várias as atividades realizadas no asilo, como massagem, passeios e festas, mas as possibilidades de mais atividades sociais, para uma maior inclusão da família no asilo são muito importantes. Esta possibilidade de aproximação social faria com que o asilado se sentisse cada vez melhor consigo mesmo e com os outros.

Neste contexto, atividades esporádicas apareceram como passeios para ver as mudanças na cidade, festas, bingo e apresentações culturais. Jéssica, uma das voluntárias diz que: “teve um rapaz que veio aqui que queria começar tai-chi-chuan com eles. Imagina? Fantástico!”. Algumas moradoras do asilo, como Rose, disseram que: “eu acho que tem muita coisa já, por exemplo, tu vê: tem a massagista que vêm às quartas e às vezes vêm às quintas; tem o fisioterapeuta, que vêm terça e quinta, tem uma senhora que trabalha nos pés”.

Ir à missa na capela do asilo é uma atividade social e diária, Josi fala sobre os idosos e sua religiosidade: “quem é muito católico mesmo, tem gente que vai à missa todos os dias. Agora tem missa aqui todos os dias, só não tem aos domingos”. Mas ela ressalva que “eles já tem alternativas. Tu vê, não adianta também criar mais coisas, se eles não aceitam.” Quando fala sobre atividades que gosta de fazer, Maga sem perder seu característico humor escrachado, nos contou como passa seus dias:

eu gostava era de ler e estudar poemas, porque eu nunca declamei assim decorado. Agora isso aí tá tudo morto pra mim. Eu faço o que posso, agora vejo televisão...escolho a programação, que eu não vejo novela, essas coisas...Vi muito tempo novela, quando eu morava em Porto Alegre. Agora não, eu vejo os jornais...as tragédias nos jornais pra derrubar a gente. E um passa para o outro, a Bandeirantes, a Globo, o Silvio Santos e a Record. Tudo dão as mesmas notícias e eu vejo pra me torturar, porque eu não tenho escolha...aí eu durmo (risos). É difícil te responder, mas todo caso, valo lá.

O mesmo idoso segue sua fala dizendo que é atuante na Academia Riograndina de Letras, nos contando como participa: “na Academia Rio-grandina de Letras eu vou duas vezes por mês. Eu gosto de lá. Eu participo, porque eu sou Membro Honorário Efetivo da Academia. Quando eu Morava em Porto Alegre eu era correspondente.” Já Dona Eloy, a idosa que foi miss nos conta de sua participação na festa do mar:

eu sô madrinha da festa do mar, tenho troféu ali. Se eu não tivesse doente, eu não tinha perdido um dia e perdi tudo, não fui um dia que fosse. E fui convidada e ó, muito antes pelo senhor que veio na missa e me disse, te prepara, olha que a festa do mar vem aí, já tás preparada? Eu tive que dizer que sim, não ia dizer que estava doente.

Waldemar fala sobre as atividades sociais que são realizadas no asilo: “as imagens que eu tenho daqui, boas e que deveriam ser vistas novamente seriam aqueles momentos em que tem alguma atividade social aqui dentro, onde eles participam, eu

acho que é uma coisa que falta”. Dando respaldo à esta questão, a voluntária Jenifer descreve sobre a atividade que estão realizando: “A gente tá arrumando o jardim, pra eles poderem sair, porque agora vem o verão. Eles entocados aí dentro, tem que sair. Aí saem e olham aquele jardim todo decaído, todo sujo, nem dá vontade de olhar, então a gente tá arrumando.” E a funcionária Josi comenta da importância dos passeios na vida do idoso:

eu acho que esses passeios são importantes, senão eles ficam só fechados dentro de quatro paredes. Não tem mais a vida lá fora né, o que mudou. Tinha uma senhora aqui que o filho tinha carro. Ela dizia que gostava de passear de carro pela cidade pra ver como mudava as voltas, como cresceu a cidade.

No intuito de incentivar as atividades existentes e o surgimento de novas práticas no asilo, foram sugeridas atividades sociais a serem realizadas, como reuniões, inclusão familiar, almoços, alternativas para aproximação da comunidade no asilo e o diálogo como potencial aliado entre os profissionais e asilados. A voluntária Renata, que está a poucos meses na cidade do Rio Grande, comenta que: “num domingo, o pessoal gosta de tomar chimarrão, ir pras praças aqui...passa ali no asilo, fala oi, senta. O idoso fala um monte de coisa, põe pra fora alguma coisa, lembra de alguma coisa. Já pra eles já é um domingo maravilhoso.”

A mesma voluntária segue relatando, agora sobre sua idéia de mudança no olhar em relação ao asilo: “então eu acho que um trabalho que seria legal aproximar os familiares, conversar, [...] nós temos que mudar a cara de lares de idoso, que não é um lugar pra estar gente jogada, triste e tal. É um lugar pras pessoas estarem vindo, como se fosse um passeio”.

Sobre as alternativas para se buscar melhorar a questão dos relacionamentos entre as pessoas envolvidas na rotina do asilo, Jéferson, um dos profissionais da casa, sugere que: “o asilo poderia fazer reuniões ou encontros para essas pessoas que são consideradas responsáveis, os próprios familiares dos asilados, para participarem assim de uma atividade. Uma vez ao mês pra tentar se ter uma melhor inserção deles”. Neste sentido, Born (2005, p. 407) escreve que:

é preciso fugir da tendência de transformar o idoso em vítima e a família em vilã e procurar compreender a dinâmica da situação [...] se as instituições tiverem abertura para dialogar com os familiares, num ambiente não-punitivo, é possível esperar, a médio prazo, alguma

melhora no relacionamento de pais e filhos, em benefício de ambas as partes, além da colaboração na vida da instituição.

Relacionado a estas sugestões, Neca traz a questão de que os familiares são convidados para as festas e não comparecem, como ela diz: “os familiares, como eu te falei, a presença deles é fundamental [...] participando das festas, que eles são convidados e não vêm. A maioria não.” A mesma profissional fala que a resistência para as atividades pode ter tido início dentro da própria família: “muitos falam, principalmente as avós: ‘já fiz um tricô, um crochê, mas agora não quero mais, porque eu sou velha’. Não se sabe se isso foi considerado na própria família, ou não os estimularam a continuar. Então assim, ó, eles tem uma resistência”.

Sobre esta questão, seu colega Jéferson comenta: “algumas coisas que eu já percebi que tentam fazer aqui dentro pra melhorias tanto deles, quanto da própria instituição às vezes não é tão aceito. Não só a instituição, mas as pessoas que participam dela, os próprios asilados, são um pouco tradicionalistas”. Sabendo desta dificuldade, Neca conta das tentativas para diversificar as atividades na casa:

Nós estamos tentando, já temos a salinha preparada. E assim ó, atividades que a gente vai vendo ao longo do tempo de convivência, o que mais interessa né. Dominó, dama...jogos assim nós estamos tentando, mas é bem difícil. [...] Para os que não sabem, nós nos propusemos a ensinar, o que a gente sabe de jogos, cartas, mas eles não tem interesse. Então até agora não montamos tanto por isso, porque a gente sabe que eles não tem interesse de praticar esse tipo de coisa, porque não deixa de ser uma terapia né. Mexe com a memória, com a matemática na carta.

Nesta realidade, a equipe de trabalho no Asylo de Pobres tem uma árdua missão, de fazer com que o bem estar seja encontrado pelos idosos. Para isso, a equipe é multidisciplinar, formada por médico, enfermeiras, nutricionista, assistente social, fisioterapeuta entre outros que são ótimos profissionais cuidando com amor e carinho dos idosos.

Os funcionários e profissionais gostam de trabalhar no asilo, dando o respaldo ao bom trabalho que desempenham. Assim, Josi comenta: “Eu gosto do ambiente, eu acho que eu posso ser útil” e Jeferson também fala como se sente trabalhando no asilo: “eu me sinto realizado trabalhando aqui, porque eu sempre gostei de idosos, eu sempre gostei de trabalhar com idosos.” Já Seu Walter, diz como sente seu trabalho na casa: “eu

acho que o melhor que nós podemos dar pra eles é o carinho e o amor. Cuidar deles até o final da vida. É o que nós estamos aqui, prontos pra isso.”

A equipe multiprofissional do asilo é considerada muito competente, na visão da funcionária Bianca: “Nós temos fisioterapeuta, assistente social, nutricionista, médico todos os dias e uma equipe de enfermagem 24h, mais o pessoal da cozinha e os serviços gerais”. Para Born (2005, p. 410) “a atuação multiprofissional supõe a formação da equipe, e esta, a realização de reuniões periódicas para estudos teóricos, estudos de casos ou situações, visando o diagnóstico, a elaboração de um plano de trabalho e posterior avaliação”. Neste sentido, alguns profissionais sentem falta do serviço psicológico e de uma maior interação da equipe como relata Jeferson:

eu acho que uma atuação melhor da equipe multi-profissional, assim, a interação do médico, com o fisioterapeuta, com a enfermeira, com a nutricionista, a inserção de um psicólogo aqui dentro também acho que seria importantíssimo, porque infelizmente o asilo não tem recursos para dispor de um psicólogo.

No geral, segundo Born falta também nas instituições brasileiras, um preparo profissional e afetivo para lidar com a proximidade da morte. O autor comenta que: “embora não faça parte da cultura brasileira a discussão e o preparo para a morte, é um tema que deveria merecer maior atenção no treinamento dos que trabalham na instituição” (BORN, 2005, p. 413).

Neste sentido, a escritora Longaker, após acompanhar o processo de morte de seu marido e trabalhar em projetos com doentes terminais por muitos anos, escreveu o livro “*Esperança diante da morte: preparando espiritualmente a partida*” (1998). Depois de conviver por muito tempo e ouvir muitas pessoas que estavam morrendo, a autora tentou escrever por estas pessoas o que elas falavam:

Aqui está a coisa mais importante: eu quero que você me veja como uma pessoa inteira, e não como uma doença, ou uma tragédia, ou como uma peça frágil de vidro. Não me olhe com piedade, mas com todo seu amor e compaixão [...] por favor, traga a sua humanidade e generosidade para aliviar meu sofrimento. Porque, não importa como eu possa parecer por fora, rabugento, recolhido, alegre, amargo ou com problemas mentais; por dentro estou sofrendo, e sinto-me muito solitário e sozinho (LONGAKER, 1998, p. 43).

Em relação aos familiares, estes cuidam de seus entes asilados de diferentes maneiras. Em alguns casos, onde o idoso não tem filhos, os irmãos e sobrinhos se dividem nas visitas e cuidados com o idoso. No caso de Dona Nely, ela recebe ajuda de uma amiga, que à visita nos domingos e leva o que ela necessita, em suas palavras: “quem vem me visitar é uma pessoa que me ajudou muito, é amiga e ela que me traz as coisas. Compra as coisas pra mim, me aposentei... aquelas coisas... e ela vem aqui, de vez em quando.”

Alguns familiares se fazem presente e visitam seu parente com maior frequência, levam fotos e presentes para colocar nos quartos, mas estes casos são raros. Mesmo alguns asilados tendo cuidado durante sua vida de seus familiares com muito amor e carinho, eles acabaram por ir morar nesta instituição, o que me remete à minha história e de vó Dalcy. E de como ela ficava feliz e animada quando nos via chegar para visitá-la.

Neste sentido, Maga nos conta sobre suas irmãs, que são quem vão mais seguido o visitar e o auxiliam com as compras e cuidados: “tenho duas irmãs, uma tem 80, a outra tem 90. A 90 é encarregada da parte cultural das ex-alunas do Joana D’Arc<sup>6</sup>. A outra leva a vida dela, eu não vim morar com elas, porque as duas são viúvas há muito tempo e eram acostumadas a morar sozinhas.” Seu Walter, o voluntário que trabalha diariamente no asilo, nos conta sobre outro exemplo de familiar que se faz presente: “tem um rapaz aí, que tem uma garagem coletiva e a mãe dele mora aqui, ele não deixa de vir todos os dias. Ele vem todos os dias às seis horas da tarde, no mínimo, mas ele vêm.”

No tocante às relações com a família, Dona Eloy nos conta de sua festa de 90 anos no asilo: “todos se combinaram, veio as minhas sobrinhas de Pelotas, de Jaguarão, do Arroio Grande, por aí tudo eu tenho gente, sobrinhas esparramadas, em Porto Alegre. Vieram também de Porto Alegre as minhas sobrinhas, as minhas irmãs, enfim.” E de quando eles vem visitá-la: “é... quando tiram férias ele vêm”. Maga, que nunca casou e não tem filhos, conta de sua sobrinha: “eu tenho uma sobrinha que mora em Pelotas, ela é professora universitária aposentada, mas ela gosta de fazer uma coisa, ela tem 60 e poucos anos, ela faz excursões, de vez em quando ela vem. Quando ela vem ficar com a

---

<sup>6</sup> Escola particular na cidade do Rio Grande (RS).

mãe dela, ela vem aqui” e descreve a grande família que faz parte: “eu tenho sobrinho, sobrinho neto, sobrinho bisneto e um sobrinho trineto”.

A voluntária Jéssica relata sobre as facilidades que o asilo proporciona no cuidado diário com o idoso: “o familiar não tem que se preocupar em dar as refeições, não tem que se preocupar em dar remédio, não tem que se preocupar em dar banho, aqui no asilo eles fazem. Mal ou bem eles fazem”, mesmo assim, o familiar visita muito pouco seu parente e esta é uma realidade difícil de ser contornada. Neste sentido, Maga parece compreender o pouco tempo que sua família tem para ir visitá-lo, quando se refere à sobrinha, por exemplo: “Ela tinha me prometido que vinha aqui com uma pessoa, pra arrumar essas coisas, mas deve ter esquecido.”

Sobre estes casos, seu Walter complementa: “e não adianta, não tem...isso é conscientização de mudar e ajudarem a cuidar aquele ente querido que tá ali.” Ele complementa sua fala com um exemplo de filho que cumpre com seu dever de cuidar, mas não dá amor ao pai: “muitas vezes o familiar vem, bom...eu vou te dizer, tem um familiar aqui, que o filho dele vem aí no escritório, pega o bloqueto pra pagar a mensalidade e não vai nem ver o pai ali no quarto.”

Assim, a falta de afeto e de cuidado tanto da família quanto da sociedade em si para com o asilado é relatada pelos voluntários, funcionários e profissionais do asilo, bem como por um idoso. O voluntário Walter desabafa: “muitas vezes nem pra levar pro hospital eles não querem. O asilo que tem que mandar uma ambulância, com enfermeira, pra largar no hospital. Às vezes até contratar alguém pra ficar lá, porque eles não vão, é difícil”.

A família não se preparou para enfrentar mudanças socioculturais que geram novas demandas sociais e, conseqüentemente, papéis de seus membros que se adequassem a elas. A família das últimas décadas do século XX teve que fazer frente a uma série de mudanças estruturais, que afetaram as suas funções principais e criaram novas necessidades para sua manutenção e mesmo reprodução, urbanização, industrialização, crescimento da população e a transição demográfica foram transformações sociais e econômicas que afetaram o cerne da família na sua origem, porque alteraram a base das relações sociais entre os indivíduos. Confrontando a família extensa com a atual, percebe-se que a primeira conseguia, mesmo com dificuldades, manter seus membros unidos no espaço familiar, no convívio doméstico e no espaço de produção. Já a família que a substitui enfrenta problemas que não consegue solucionar internamente e acaba repassando para outras instituições questões que antes eram de sua responsabilidade (HERÉDIA, CORTELLETTI & CASARA, 2004, p. 31).

Os entrevistados relatam que o carinho e o amor estão faltando na vida dos idosos. A família acaba considerando o idoso um peso e não assume a responsabilidade por seu familiar, passando-a para o asilo, como no relato da funcionária Josi: “claro, daí carinho como eu te falo não tem né, mas bem ou mal a gente ainda consegue preencher um pouco né”. Já a funcionária Bianca traz a seguinte fala: “eu acho que está faltando muito amor, eu acho que as pessoas não amam mais como antigamente. Falta muito amor nas pessoas”.

O que nos leva de volta à Zarathustra e seus ensinamentos, desta vez falando sobre o amor: “é preciso aprender a amar a si próprio, tal é a minha doutrina, com um amor total e são, a fim de ficar preso a si mesmo em vez de vagabundear em todos os sentidos” (NIETZSCHE, 2005, p. 175). Desta forma, o idoso constrói o seu sentimento sobre si mesmo, através da percepção do sentimento que os familiares tem por ele. E isto normalmente ocasiona uma grande falta de amor próprio, de abandono de si.

A falta de contato com a família pode ser explicada por muitos parentes morarem longe, mas é muito mais profundo o motivo do que esta aparente explicação. O próprio livro de presenças fica até um mês sem assinaturas. Seu Walter relata sobre as tentativas do asilo em trazer o familiar para perto do idoso: “é difícil, tentativas já não faltou. Inclusive até a Promotoria da Justiça se envolveu nisso aí, exigindo uma frequência maior dos familiares, dos responsáveis, mas nem assim”.

Alguns idosos ficam até um ano sem receber visitas de seus parentes, o que os faz viver em um mundo à parte, diminuindo drasticamente seu contato com a realidade do mundo fora da instituição. Desta forma, quando os idosos sentem muita falta de seus familiares, pedem para o asilo chamá-los para dar notícias. A funcionária Bianca fala sobre isto:

eu acho que uma visita semanal é suficiente, mas eles vêm assim a cada dois meses. Tem uns que não vem visitar, assim só quando nós chamamos. Nós ligamos, aí eles vêm, mas senão eles não vem visitar os pais. O idoso pede para falar com os familiares, dizem que está com saudade, que ‘faz tempo que eu não vejo mais o meu filho’. Nesses casos assim que a gente liga, ou em caso de doença.

Uma das profissionais, a Neca, nos explica da falta de contato dos idosos com a sociedade: “porque os familiares quase não vêm. Eles não tem então muito contato com a sociedade, com a realidade. O mundo não deixa de ser um mundo à parte, assim que eles vivem aqui dentro”. Sobre as visitas, Josi relata: “os sobrinhos visitam mais que os



próprios filhos. Isso é muito importante, para eles não se sentirem isolados do mundo. As vezes, eu ficava observando, que no meu entender, tinha gente que parece que a mãe tinha morrido. Passava até um ano sem vir aqui.”

Neste sentido, Neca comenta o quanto uma visita é importante para o bem estar do idoso, ela fala: “não precisa levar pra casa, leva na pracinha, mas isso já é uma atenção. O idoso vai se sentir amado, lembrado e aí vai ter essa espera, essa expectativa: ‘ó, eles vão vir me visitar, eles vêm conversar comigo”.

Sobre a falta de atenção, Seu Walter fala do que imagina que os asilados sonham: “eu acho que o sonho maior que eles teriam, é como eu já falei anteriormente, é o familiar dar mais atenção a ele”. Confirmando esta visão, o sonho de Rose é voltado à sua família, em suas palavras: “conviver mais com meus filhos, que a minha filha mora longe e a gente se vê uma vez duas por ano. O meu filho que eu vejo mais seguido”.

A importância da troca de experiências na história da vida familiar é comentada por uma das profissionais da casa, a Neca:

então acho que sim, a presença poderia ser assim. Vim conversar um pouquinho, ficar no jardim. Não quer sair, não sai. Fica no jardim. Conversa um pouco. Passa algumas idéias, fala um pouquinho da sua vida lá fora. O quê que ta fazendo, isso é uma satisfação pra eles, eles levaram a vida inteira levando isso á eles, levando filho no colégio...é uma troca.

Mesmo com todas as dificuldades relatadas, em meio a um aparente caos, descubro que o asilo acaba por se tornar uma nova família, tanto para os idosos, como para os funcionários, profissionais e voluntários que convivem com eles diariamente. Os laços formados entre estes sujeitos deixam lembranças que ressoam pelos salões do grande prédio. São exemplo do quanto este sentimento de nova família é real para os que vivem no asilo ainda hoje. As histórias do asilo mostram isso, como lembra Josi:

a nossa Ritinha, tinha 106 e tava sempre ali sentadinha, uma pretinha, pequenininha. As gurias levavam ela pra missa e quando eu vim pra cá, ela ajudava as irmãs a secar a louça. Se sentia útil, ela contava as histórias, que ela era do tempo dos escravos mesmo. Ela morou numa fazenda e ela contava as histórias pra nós. Isso é que é saúde né.

Rita, uma das voluntárias estudante de psicologia, escreve sobre o quanto os momentos de convívio em grupo são importantes e do quanto o asilo se torna uma nova família: “Para os idosos do asilo estes momentos são muito importantes, são momentos mais alegres, quando eles confraternizam entre si e com os visitantes e tem a oportunidade de se sentirem membros de mais uma família, da família que eles formaram aqui”. Enquanto Neca lembra: “eles não deixam de ser felizes também, tem os momentos que eles demonstram gostar daqui”.

Dona Noely fala de sua relação com as funcionárias: “as gurias me tratam muito bem. Já é uma união né, elas me ajudam à “levantar”, isso me faz muito bem. Tem umas seis ou sete, que enchem aqui, cheinho de guria por aí. E dançam e gritam, eu acho tão bom...tão bom...isso me ajuda muito”. A percepção do asilo como uma nova família, acontece tanto para os idosos, como para os funcionários, que lá fazem novas amizades, como o caso de Josi, que fez amigas de uma vida toda:

Aí eu mexo com elas que eu sou a mãe e elas são as filhas. Bem dizer eu passo mais o dia aqui do que na minha casa mesmo. Antes eu trabalhava por turno e assim mesmo eu fiz muita amizade. Muitas são minhas amigas. Que estão em Porto Alegre, então eu me correspondo com elas. Falo no telefone e a gente se apegam.

Waldemar, um dos profissionais da casa, fala sobre alguns pacientes seus não possuírem mais família:

Outras pessoas não tem família. Como por exemplo, o caso daquela outra senhora que estava aqui, agora a pouco, ela era casada, o marido dela faleceu, ela ficou viúva, ela tinha um filho. O filho era portador do vírus HIV, daí veio a óbito também, e ela ficou sozinha. Então ela não tem com quem contar, a pessoa que está de interceptora dela é uma afiliada dela, que ela não via há muitos anos, há mais de 20 anos que ela não via essa pessoa, mas infelizmente foi a única pessoa que conseguiu se encontrar da família dela. Acaba formando uma nova família aqui.

Sobre esta questão, Josi fala que ao contrário do senso comum que acha um absurdo colocar um familiar em um local como o do estudo, muitos não tem família e são acolhidos pelo asilo:

aí fora as vezes me falavam: aí... jamais ia colocar minha mãe num asilo e tudo né. Tem que ver que tem pessoas lá no asilo, gente mesmo que eu conheço desde que eu vim trabalhar aqui, que não tem mais família. Então também estar abandonado aí numa casa, como tinha

uma senhora uma vez que veio pra cá, que ela dormia no meio dos ratos, na imundície. Não almoçava, seguido os vizinhos tinham que levar direto ao pronto-socorro, uma senhora me contou aqui. Os vizinhos que trouxeram pra cá. Agora ela não tá mais viva, mas morou anos aí. Tem que ver a situação, que eu acho que pelo menos aí elas tem cuidados principais.

Josi, com o convívio diário, acaba virando da família e conta sobre outra moradora que conheceu no asilo: “Ela só ia ao médico se eu levasse, porque as filhas moravam em Porto Alegre e aqui o que que ela tinha, nós né. Acaba sendo uma família”.

A funcionária Josi se dedica ao seu trabalho como em sua casa, colaborando nas compras dos idosos: “E eu sempre dentro do possível, procuro ajudar. Quando eu vou ali no BIG, como agora: Seu Maga quer compras, Dona Cleusa as vezes quer fazer o ranchinho dela e eu vou junto né. Cada um é um né.”

Sobre esta reflexão, Seu Walter, um dos voluntários reflete sobre a convivência no asilo: “nós aqui do asilo, que vivemos o dia-a-dia junto com eles, eu acho que eles consideram nós um familiar dele. Por causa que muitas vezes eles tem uma dorzinha, uma coisa parecida e nós é que corremos por eles. É uma nova família”.

Posto isto, Lafin (2004, 113) escreve que “hoje, a população começa a ter consciência de que a questão asilar somente terá um posicionamento adequado se a questão do idoso não for trabalhada isoladamente”. Para Beauvoir (1990, p. 661) “a vida conserva um valor enquanto atribuímos valor à vida dos outros, através de amor, da amizade, da indignação, da compaixão. Permanecem, então, razões para agir ou para falar”. Neste sentido, descrevo a seguir um novo olhar sobre a cultura, voltado para a velhice.

### **3.1.2 O olhar da cultura sobre o velho**

Nesta categoria, aparecem os diversos temas contemplados durante a pesquisa a respeito do velho. Bem como o conceito de cultura<sup>7</sup> utilizado nesta dissertação é

---

<sup>7</sup> Para Cruz (2008, p. 27) “a leitura sobre a cultura é amplamente vasta, conceituando sobretudo a partir de Geertz, que ‘sem os homens certamente não haveria cultura, mas, de forma semelhante e muito significativamente, sem cultura não haveria homens’”. Buscamos em Geertz o tema da cultura e

baseado em Rodrigues e seguido neste estudo da forma como é trabalhado na Filosofia do Espanto Imaginário, onde segundo esta: “a cultura vive do passado realizado. A cultura mantém-se através de uma continuidade dos padrões de comportamento, das crenças e valores transmitidos coletivamente” (RODRIGUES, 1999, p. 115). Para o autor “o sonho antecipa e prepara a cultura, de modo que aquilo que hoje é cultura um dia foi sonho, isto é, pura possibilidade virtual” (RODRIGUES, 1999, p. 118). Segundo Porciuncula & Teixeira (2005, p.19):

Culturalmente, ninguém é educado para envelhecer e muito menos para viver com tranquilidade e plenitude os processos de envelhecimento. Quando se é jovem esse assunto é ignorado, pois há a sensação de que envelhecer é para os outros. A perspectiva de um bom envelhecimento requer o conhecimento de que isso é fato e principalmente que não é o fim de tudo, mas o início de uma nova fase da vida com suas perdas e ganhos como em qualquer outra fase. Vê-se então, a necessidade de uma educação ambiental voltada aos indivíduos, desde a sua infância, a estreitar as diferenças, os preconceitos em torno dos idosos.

Para Souza, Massaia e Marques (2003, p. 115) “idosos e familiares, em suas relações de convivência, podem estar contribuindo para a ‘construção’ de ranzinzas e intolerantes, conformados e apáticos”. Isto porque “as pessoas vão envelhecendo e convivendo com seus familiares idosos sem perceber que este fenômeno também está se fazendo presente em suas vidas” (SOUZA, MASSAIA & MARQUES, 2003, p. 115).

Neste contexto, o cuidado com as crianças se faz necessário, para que quando a etapa vital da velhice chegue, haja um retorno deste cuidado afetoso para com o idoso. Desta forma, Beauvoir (1990, p. 100) escreve em seu livro sobre a velhice:

sabe-se que importância tem, no desenvolvimento ulterior de sua personalidade, a maneira como uma criança foi tratada. Frustrada na alimentação, na proteção, na ternura, cresce no rancor, no medo e até mesmo no ódio; quando adulta, suas relações com os outros são

---

encontramos a definição que o autor lhe dá: “o conceito de cultura que eu defendo é essencialmente semiótico. Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado à teias de significado que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado.” (GEERTZ, 1978, p. 15). Frezzatti Junior (2006, p. 43), assim como Cruz, se baseia em Geertz para escrever sobre cultura e traz a origem da palavra: “a palavra *culture*, no francês, originou-se do latim *cultura*, que significa o cuidado dispensado ao campo ou aos animais e que tem, por sua vez, origem na palavra romana *colere*: cultivar, habitar, tomar conta, criar, preservar e toda ação que envolva o trato do homem com a natureza, amansando-a, transformando-a e tornando-a adequada à vida humana”.

agressivas: negligenciará seus velhos pais quando estes forem incapazes de se bastarem. Ao contrário, quando os pais alimentam bem os filhos e os mimam, fazem deles indivíduos felizes, abertos, benevolentes, nos quais se desenvolvem sentimentos altruístas: em particular, serão apegados aos seus ascendentes; reconhecem que tem deveres em relação a estes, e cumprem estes deveres.

Surge assim, a sugestão de contato de crianças para fortalecer os laços entre as gerações, na busca pela Educação Ambiental voltada para a velhice. A parceria com as crianças, trabalhos com jovens e o contato com as escolas foi sugerido para propiciar uma educação pela valorização do idoso, nas palavras de Neca: “a gente tenta o máximo de parceria de trabalho com os jovens, com projetos que eles tenham contato com as escolas, na sétima série e oitava série, que enfim eles também valorizem o idoso.”

Sobre os estereótipos criados para a velhice, Herédia, Cortelletti & Casara (2004, p. 26) escrevem que é preciso diversificar as formas de se perceber o velho, cada um com sua identidade própria e valorizada:

os novos e velhos estereótipos da velhice parecem mostrar o quanto a nossa sociedade age no sentido de tentar tornar homogêneos os grupos etários e o estado em que vivem as pessoas. É preciso permitir àqueles que envelhecem a liberdade da heterogeneidade e restituir à velhice um pouco de sua humanidade

Assim, as experiências dos velhos para Porciuncula & Teixeira (2005, p. 06) acabam por não serem valorizadas: “dentro de uma realidade cultural onde os mais velhos sofrem discriminações de todos e principalmente a própria desvalorização que fazem a si mesmos [...] Esquecem que suas experiências são importantes e que devem ser repassadas para as novas gerações”.

Neste sentido, na análise das entrevistas, constatou-se que o idoso se percebe e é percebido como que excluído da sociedade, na cultura em que vivemos, já que nossa cultura desvaloriza a experiência de vida dos mais velhos. O olhar que as pessoas tem do velho é um olhar de exclusão e ele percebe isso. Em outros casos relatados nas entrevistas, idosos se sentem bem e gostam da sociedade em que vivem. Já o preconceito com o idoso foi trazido por Neca como os clichês do tipo: “ai é coisa de velho, ai... é velho e não pode participar”.

Posto isto, a cultura em que vivemos acaba esquecendo e desvalorizando o velho, porque não se dá o devido valor à experiência de vida que tem o idoso na etapa

vital em que está passando. O quanto se pode aprender com as histórias de vida dos mais velhos, isto não é percebido pelas pessoas. Sobre esta reflexão, Neca observando o modo de vida em nossa cultura, fala sobre o que acha que o idoso gostaria que fosse percebido pelos demais:

a nossa cultura é assim, envelheceu, não tem mais espaço, não faz nada, não sabe de nada e é bem pelo contrário, tem uma vivência, tem uma experiência de vida e pra passar para os mais jovens que estão aí, que vão trilhar o caminho mais ou menos que eles passaram com a família enfim [...] então eles gostam que a gente valorize isso aí, né, que eles passaram, eu acho que é isso aí, a valorização.

Neste tocante, Jéssica, uma das jovens voluntárias já valoriza a velhice com grande entusiasmo: “eu acho a idade deles fantástica! [...] A gente que tá começando e eles que já tão lá, no finalzinho. Já passaram por muitas situações que a gente tá por passar”. Também com esse outro olhar sobre a velhice, uma nova geração de idosos foi lembrada. Neca, uma das profissionais da casa, ressalta sobre a nova geração de idosos, que vem se posicionando diante da sociedade e conquistando seu espaço, com abertura de oportunidade e novos vínculos, vivendo novos papéis e sendo feliz, como ela comenta:

eu trabalho com idosos em outro local e convivo com idosos, familiares, enfim...eu acho que atualmente, nós temos uma nova geração de idosos. E eles sim, tem oportunidade de estar totalmente com vínculo em trabalho que a sociedade propõe que as comunidades, bairros e festas em que eles participam mais, então os idosos que tem condições, não digo financeiras, mas essa abertura, pra sociedade que ele possa se inserir, o idoso é aceito e responde muito bem, e são bem felizes.

Um novo movimento voltado para a velhice surge no fim do século XX e vem buscando seu espaço na sociedade, encontrando muitas dificuldades como o preconceito e a desvalorização já descrita aqui, mas está se unindo em grupos e encontrando modos de ser reconhecido. Gravinis (2009, p. 32) traz um exemplo destes grupos e escreve que “O Núcleo Universitário da Terceira Idade – NUTI, da FURG, realiza desde 1994 o Programa de Lazer, Educação e Cultura para Idosos da Comunidade do Rio Grande/RS”. Este projeto de cunho social, segundo a autora, realiza inúmeras atividades gratuitas para a comunidade idosa, sendo que:

O núcleo desenvolve estudos interdisciplinares, interinstitucionais e interdepartamentais sobre envelhecimento, analisando a questão social do idoso e oferecendo subsídios para uma política de resgate a sua cidadania. No desenvolvimento das atividades, contempla ações de ensino, pesquisa e extensão, cujo atendimento é feito por professores, bolsistas, estagiários e voluntários que desenvolvem vários projetos GRAVINIS (2009, p. 64).

Uma mudança na cultura para a velhice pode assim ser observada, no entanto, a perda da identidade do velho ao se aposentar é uma realidade ainda predominante. Este fato fica claro na descrição que faz Beauvoir (1990, p. 329) “é através de sua ocupação e de seu salário que o homem define sua identidade; ao se aposentar, perde essa identidade [...] portanto, perde o lugar na sociedade, perde a dignidade e quase a própria realidade.” Porciuncula & Teixeira (2005, p. 32) escrevem que:

Infelizmente, ainda se mantém a idéia de que só tem valor o indivíduo que está ativo no mercado de trabalho e conseqüentemente, é aquele que produz dinheiro e bens materiais. Talvez seja esse um dos motivos que levam tantos idosos a depressão quando se aposentam. A aposentadoria traz para o idoso a perda do seu status profissional, ocasionando um sentimento de insegurança e de inutilidade. São estigmas criados por uma sociedade carente de valores e subdesenvolvida em questões humanas.

Maga, o idoso que era ator se diz fora do mercado de trabalho por ser velho e pela concorrência ser muito grande. Ele lembra que quando era moço, necessitava branquear os cabelos para fazer papéis de velhos e questiona por quê a TV não contrata idosos para atuarem. Maga salienta que quando aparece uma oportunidade de apresentação, o proponente lhe pede que seja sem custo, exemplificando a descapitalização do trabalho do idoso, em sua forma única de se expressar ele diz: “agora não me venham pedir pra fazer coisa de graça. Eu não faço. O cara lá, veio aqui e queria que eu fizesse um recital de graça, eu disse que não. Eu preciso de dinheiro, eu pago R\$ 1.050,00 reais aqui e não ganho isso” e brinca: “e quando aparece trabalho, não querem pagar. Eu sem dinheiro, nem injeção na testa. Eu...não tenho plano...o que acontecer acontece, né.”

Nesta mesma linha de pensamento, Maga conta que depois que parou de trabalhar, mudou tudo: “eu não sei muito como é que a sociedade me vê, porque no tempo que eu era ator, que eu trabalhava, era outra história... eu fazia teatro, tele-teatro, radio-teatro, televisão, cinema e comerciais. Depois que terminou tudo, eu não tenho

nem idéia”. Quando o idoso pára de trabalhar é como se tornasse invisível para a sociedade, segundo Beauvoir (1990, p. 329):

arrancados ao seu ambiente profissional, os aposentados tem que mudar o emprego do tempo, e todos os seus hábitos. O sentimento de desvalorização, comum à maior parte das pessoas idosas, exacerba-se neles. [...] é através de sua ocupação e de seu salário que o homem define sua identidade, ao se aposentar, perde essa identidade. [...] é, portanto, perder o lugar na sociedade, perder a dignidade, e quase a própria realidade.

Para Beauvoir (1990, p. 339) a desmotivação para o trabalho na velhice é tanta quanto a vontade de realizar novas atividades, a autora escreve que: “quando se pergunta às pessoas idosas se desejam continuar a trabalhar ou aposentar-se, o que há de desolador em suas respostas é que os motivos são sempre negativos [...] nem no trabalho, nem no lazer, encontram eles uma realização de si mesmos.”

Neste sentido, a estagnação e o afastamento do idoso são fatos percebidos pelas falas. A estagnação apareceu com o modo de levar a vida estacionado, como explica Noely: “É uma coisa que não tem solução, a minha vida estacionou, entendeu? Nunca pensei...nunca pensei, nem imaginava...que em um dia ia acontecer isso comigo...mas, o quê que eu vou fazer?” e a funcionária Bianca diz: “alguns desanimam cedo. Nós podemos ver que os idosos que estão aqui no asilo, muitos estão desanimados”.

Sem perspectiva, alguns idosos como Maga desabafam: “vô tocando o barco, como posso. [...] Não sou desiludido, é que não há, não há perspectiva” e a funcionária Bianca observa: “é a cabeça deles, tem uns que acham que não tem mais o que fazer na vida”. Em relação à estas falas, a falta de novidades também foi um ponto que apareceu, como comenta Dona Noely: “agora nem tem mais nada, porque eu não tenho nada...a não ser a minha vida. Se fosse em Santa Maria, daí ah...eu saía, passeava por aí, sempre tinha novidade, agora aqui...não tenho novidade. É remédio, é remédio, é remédio...”

Dona Eloy fala como percebe as outras idosas que dividem o asilo com ela: “porque essas mulher, mulher que pode sair...que pode fazer alguma coisa, não se preocupa em nada, não fazem nada...não...só tão socada...almoça e “jupt” na cama. Come e “jupt” na cama”. Este acomodamento é observado na fala da funcionária Bianca também: “ainda tem alguns que ficam sentados aí o dia todo, não gostam de caminhar. De pegar um sol, eles só pensam nas refeições. Fazem as refeições já vão deitar e ficam sentados no corredor”.



Tanto a percepção que o idoso faz de si, quanto a das pessoas que com eles convivem na comunidade investigada acaba por ser um sentimento de esquecimento, abandono e transparência perante a sociedade. Alguns consideram que o asilo é uma sociedade dentro da outra, nas palavras de Waldemar, um dos profissionais da casa: “por se encontrar dentro de uma instituição que é específica pra eles e a sociedade também acaba excluindo eles, por eles não estarem íntegros na sociedade, não estarem inseridos na sociedade. Então aqui dentro na verdade, é uma sociedade dentro de outra”.

Muitas vezes, a estagnação acaba levando ao afastamento do idoso, que se isola e vive em seu mundo à parte dos outros, como contam duas idosas, Dona Eloy: “o quê que eu faço? Fico aqui, só no meu cantinho” e a Rose: “meu mundo é à parte. Eu fico na minha. Eu olho minha novela, tomo meu chimarrão, converso com poucas pessoas aqui. Só com as funcionárias, com as enfermeiras. Com as que convivem, que vivem aqui mesmo, eu não falo com ninguém”.

A perda da família com os anos é um dos fatores que podem levar à esta realidade. Em outros casos, desavenças na família fazem com que o idoso se sinta protegido ao morar no asilo. No entanto, a falta de perspectiva na vida e a idade avançada fazem com que o idoso se resigne a esperar a vida passar. A perda dos entes queridos, com o passar dos anos, é uma provação na vida dos de mais idade, como conta Noely:

tive uma vida de casada maravilhosa. Sempre compreendi ele, ele me compreendeu. Foi muito bom, mas Deus levou né. Tu vê bem guria, a família dele foi toda...a sogra, nem era sogra, era uma mãe que eu tinha. A família dele foi toda, a minha foi toda. Por quê que ficou só eu? Isso é que eu quero saber...não restou ninguém, encarreirou.

Mesmo ela tendo esta realidade triste, é uma das idosas que mais conversa e se dispõe a fazer até acupuntura! Para Simone de Beauvoir (1990, p. 452) “um velho é alguém que tem muitos mortos por trás de si [...] a morte de um parente, de um amigo, não nos priva apenas de uma presença, mas de toda aquela parte de nossa vida que estava ligada a eles. É o nosso próprio passado que as pessoas mais idosas que nós levam consigo”.

Uma das profissionais no asilo, Neca, fala do sentimento de abandono que percebe nos idosos: “falando um pouco aqui da casa, a gente percebe um pouco, né... os nossos idosos um pouco abandonados [...] eles precisam de atenção”. E Seu Walter, o

voluntário idoso, relata o quanto vê os demais idosos no esquecimento: “as visitas não são permanentes, nem de voluntários. Alguns que vem aí, até tratam com muito carinho, mas muito pouco, o idoso infelizmente é uma pessoa esquecida” e é complementado neste pensamento pela voluntária Renata: “na sociedade eu tenho percebido como se ele fosse transparente. Ninguém consegue enxergá-lo direito. Que motivo ele ta aqui, alguma coisa ou se é útil se não é. Se tá atrapalhando, todo mundo finge que não vê”. Assim, o preconceito com o idoso aparece em forma de discriminação, como fala Seu Walter:

um pouco discriminado, porque muitas vezes trazem o idoso aqui para o asilo e muitas vezes a gente tem que implorar que o familiar ou o responsável por ele venha conversar com ele, porque muitas vezes eles entram até em depressão, porque querem falar com aquela pessoa e aquela pessoa não vem. Eu tenho isso como uma discriminação, ele não é respeitado como deveria ser.

Rodrigues (1992, p. 26) escreve um poema direcionado à vida institucionalizada no hospício e que pode ser adaptado à vida no asilo, dizendo assim:

Aqui nunca vem visita  
Deve ser porque pensam  
Que a loucura está guardada aqui dentro.

Na falta de aceite e na exclusão, Neca percebe: “que não tem espaço pra eles, eles ficam sem estímulo, a auto-estima muito baixa. Isso falando dos que estão aqui morando” e Waldemar complementa: “o idoso, na minha percepção, acredita que ele tá excluído da sociedade”. Bianca enfatiza esta visão, dizendo que: “eu acho que a sociedade está vendo o idoso como uma pessoa, inclusive excluída da sociedade, ele não está sendo aceito na sociedade”.

O desrespeito apareceu relatado por Jéssica da maneira sempre positiva de encarar a vida: “eu acho que as pessoas que pensam que os idosos só servem pra incomodar, eu acho que elas estão perdendo, porque é uma troca tão fantástica”.

com um breve passar do tempo, a ‘ferrugem’ toma conta não só de suas articulações do corpo como, também, das articulações da mente e do espírito, tornando-o um prisioneiro de seus equívocos e dos equívocos dos outros, de uma cultura familiar e social impregnada de preconceitos (SOUZA, MASSAIA & MARQUES, 2003, p. 116).

Neste sentido, a funcionária Bianca dá sua opinião em relação à forma de percepção do idoso em nossa cultura: “Eu acho que a sociedade está vendo o idoso como uma pessoa, inclusive excluída da sociedade”, o que por sua vez é confirmado na fala do idoso Maga: “eu tô fora da sociedade, eu penso, se eu não vou a nada, eu só participo da Academia Rio-grandina de Letras. O resto eu não frequento nada. Primeiro, por falta de companhia que eu não posso ir sozinho e segundo, porque essa dificuldade de visão” e complementa, sempre com bom humor, que não sabe como a sociedade o vê: “ha... não sei... eu não tenho a mínima idéia..., aliás, eu gostaria que a sociedade não se preocupasse comigo (risos)”.

Em relação à percepção da sua vida, quando Dona Eloy é questionada sobre como se percebe, ela fala: “isso aí eu não sei responder...”. Contrariando sua primeira resposta, a idosa de 92 anos ao ser indagada sobre como se percebe na vida demonstra como segue sua viagem imaginária: “ué, eu acho que a pessoa, só porque é idosa deve de continuar”. Neste sentido “é normal, uma vez que em nós é o outro que é velho, que a revelação de nossa idade venha dos outros” (BEAUVOIR, 1990, p. 353).

Quanto à sua percepção de como se sente perante a sociedade, Noely responde que: “bem... me sinto bem. Até gosto muito” enquanto Rose brinca: “pra mim tá bom, eu não tenho nada contra a sociedade (risos)”.

Já o tema da diversidade do ser humano na velhice aparece nos diferentes tipos de idosos que dividem a casa, como conta Josi:

uns sempre continuaram participando da atividade e outros que se isolam muito. Tu vê, a Cleusa mesmo né. Ela aí fora ela diz que gosta de festa e participa com os amigos, tudo. No final de semana, ela sempre sai né. Vai a Pelotas tudo, mas aqui dentro ela não participa das festinhas, daí eu não entendo muito por quê né. [...] tudo é relativo, tem gente que não sabe muito bem onde tá. Cada caso é um caso. Tem gente que apesar da idade eles continuam vivendo como antes de vir pra cá. Levam a vida como levavam antes.

A voluntária Renata fala da diferença de um idoso para o outro, a partir de sua experiência de voluntariado com os idosos, em diferentes estados brasileiros: “o idoso que é da terceira idade, que tem um lugar ativo, de dança e tal, ele se vê num jeito prazeroso, que tá aposentado, que quer dançar, papear”.

Sobre a aparência física dos velhos as voluntárias relataram como algo que importa na cultura em que vivemos, como explica Renata: “as pessoas hoje se

incomodam muito com a aparência” e é complementada por Jéssica, que fala sobre os idosos acabarem por deixar de lado os cuidados com seu corpo, ficando para trás das atualidades estéticas: “ainda mais hoje em dia, a gente vê assim que todo mundo tem essa coisa de estética, de vaidade e bastante atividade, pra lá e prá cá e eles ficam meio que pra trás disso aí. Alguns não, alguns seguem o ritmo, mulheres principalmente, vão lá e se cuidam”.

Assim, a relação da dificuldade do ser em aceitar sua velhice física é expressa por Bachelard (2008, p. 28), quando ele escreve sobre o ser no tempo:

por vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo; que no próprio passado, quando sai em busca do tempo perdido, quer “suspender” o vôo do tempo.

A respeito das visitas, duas idosas comentam como gostam de serem visitadas, Dona Eloy fala como gosta de “tratar com as pessoas, de visitas, de conversar. Isso eu gostava” e Dona Nely diz que “em seguida que eu chego perto de uma pessoa já fico conversando, não é muito difícil. [...] tu tem o nosso endereço, o que precisar...”.

Maga, com voz suave, cita uma atriz, ao contar sobre o desejo do velho na cultura em que vivemos: “uma vez eu vi o filme da Greta Garbo, uma atriz e ela era muito estranha...ela era sueca. E todo mundo gozando e ela assim: *‘I want to be alone...’* e é!...e é...”.

Duas idosas entrevistadas falam sobre a incapacidade de realizar sonhos, quando pergunto e explico que a pesquisa é sobre os sonhos, como produzir mais sonhos, como realizar os seus sonhos: Eloy “(risos)...pois é...já não dá mais pra realizar...” e fala qual seu sonho: “Nenhum.”

O prazer fica dificultado pela pouca saúde do corpo, que se mostra “um corpo de 80 em uma cabeça de 40” como costumava dizer Maga, ele mesmo explica sempre com bom humor: “é muito difícil, eu acho Flavia, tu vê uma coisa, a minha alternativa pra situação em que eu me encontro, é me torturar um pouco, porque eu não consigo fazer o que eu quero, embora a cabeça queira. [...] Tu sabes, eu estou impedido de ler e de acompanhar muita coisa”.

Assim, é constatado que mesmo o idoso se sentindo bem com seu corpo, acaba em alguns casos, por procurar auxílio para sua saúde, como um refúgio para a carência afetiva, como explica o profissional Waldemar, da área de fisioterapia do asilo:

o próprio caso do seu Maga, tu vê, é uma pessoa que não tem assim uma alteração, tem assim, uma sensibilidade ali na região de tornozelo e pé, mas não tem uma doença grave, como tem essa senhora e só um pouco de diálogo, um pouco de atenção pra ele já é suficiente pra que ele sinta prazer. Teve momentos nessa senhora, que eu achei que ela estava em depressão, porque ela se queixava de dores em todo o corpo, daí no caso, quando eu tocava nela, me aproximava dela, doía, mas em outros momentos eu já vi ela caminhando normalmente. Então essa dor dela, é um tanto de psicológico né.

Posto isto, Waldemar explica sobre o prazer para os velhos do asilo: “pra eles é muito relativo. Por exemplo, para algumas pessoas como pra essa senhora que eu tô atendendo agora, o prazer pra ela seria eu tirar a dor dela né. Agora para outros, o prazer... uma simples conversa já é um momento prazeroso pra eles.”

Maga fala sobre um exemplo de vida, que admira no pensionato: “tem uma que é Dona Norma, que é cega. Eu admiro essa mulher. Ela não incomoda ninguém. Ela não tem assistente. Ela toma banho, vem arrumadinha e vai no super mercado sozinha.” Ele cita outra mulher que admira e que foi uma exceção da atuação do idoso na relação com o trabalho, Magdalena Tagliaferro, pianista brasileira de renome internacional. Maga conta então uma história desta pianista:

Uma vez... havia uma pianista famosa, Magdalena Tagliaferro, ela foi reconhecida mundialmente, e ela tava em Brasília, aos 91 anos, que ela viajava o mundo todo. Um repórter perguntou pra ela: ‘Madalena, quais são seus planos para o futuro?’ Ele pensou que ela ia se abater, algo assim, e ela: ‘olha, eu tenho vários recitais pra fazer na Europa’, e foi e vez e morreu com 93-96 anos.

As experiências de vida aqui estudadas apresentam espantos imaginários, como nos conta Maga: “eu não gosto de olhar para o passado. Mas a minha cabeça, às vezes, independe da minha vontade. Por exemplo, de repente tu fala comigo e diz um nome assim: Coelho. E a minha cabeça... mas Nelson Coelho de Castro, nunca mais vi, então são coisas inesperadas”. Este espanto apresentado por Maga, lhe leva a criar imagens poéticas dinâmicas, onde segundo Bachelard (2008, p. 13) “a imagem poética está sob o signo de um novo ser. Esse novo ser é o homem feliz.”

Assim, ao dissertar sobre o sonho, Rodrigues (1999, p. 82) traz sua potencialidade para melhorar a saúde e força:

o homem que se recusa a sonhar, porque quer manter-se lúcido, está agarrado à doença de sua aparente lucidez, alimentando-se do desencanto e da sensação de impotência diante do seu mundo, enquanto se nega a perceber o quanto de saúde e de força o sonho lhe proporciona.

### 3.1.3 O despertar do devaneio poético

Através do devaneio poético podemos estudar o maravilhamento que é a velhice, em suas diferentes formas de ser vivida e sonhada. Beauvoir (1990, p. 253) escreveu sobre a velhice nestas diferentes formas e em numa delas trouxe a velhice altamente exaltada na obra do escritor francês Victor Hugo que:

segundo ele, há comunicação espiritual entre a criança, que ainda está aquém da condição humana, e o velho, que se eleva acima dela. A moral e a razão mesquinha dos adultos não lhes convêm; por sua ingenuidade, por sua sabedoria, os dois estão próximos dos mistérios do mundo, próximos de Deus.

Pela sabedoria adquirida em uma vida de experiências, os velhos podem nos ensinar a devanear, inclusive sobre a poética da matéria após a morte, como nos descreve Maga: “Não vou a enterro, velório, nada, porque eu rezo pela pessoa. Matéria, o Carlos Drumond de Andrade dizia assim: *Quem sabe o mistério das coisas, quando a matéria se aborrece?* Coisa linda! Quer dizer: é quando a matéria vai embora. Acaba.”

Neste sentido Rodrigues (1999, p. 121) escreve que “o sonho antecipa originalmente a vida natural e a cultura, refazendo suas dimensões e ressaltando suas potencialidades oníricas”. Para o autor, o conceito de imagens poéticas passa pelas “condições necessárias de entrada no universo imaginário, como espaço onírico experimental da virtualidade, como puro jogo de possibilidades” (RODRIGUES, 1999, p. 91).

Assim, Rose uma das moradoras do asilo nos conta como faz para viver suas possibilidades no dia-a-dia: “eu gosto de olhar novela, tomar meu chimarrão, gosto de

dançar, de ir à baile. Que eu vou aos domingos. [...] O “Chão de Estrela”, que é baile da Terceira idade. Vou às cinco horas, sete horas tô de volta, fico duas horas lá”. Observando este modo de vida e dos demais moradores da casa, Bianca em sua experiência como funcionária nos explica: “aquela que desanima, que não tem mais objetivo nenhum, ela fica doente muito cedo”. Desta forma, procuro apresentar neste sub-capítulo sobre devaneio poético, pequenas histórias que tragam imagens dinâmicas, criadoras e com potencial para despertar sonhos.

Dona Eloy é um exemplo de vida e de saber como vivê-la. Ela foi miss muitas vezes ao longo dos anos e como tal se veste e se porta até hoje. Sempre muito delicada, vestindo roupas finas e bem cuidadas, maquiada e com acessórios que dão seu toque pessoal ao figurino. É ela que nos seus 92 anos de vida nos confessa: “Agora eu vinha assim meio tonta e dizendo: ‘Meu Deus do Céu, que Deus me ajude’, porque a vida é tão boa da gente viver, não é?” Dona Eloy já passou dos 90 anos e vive sua vida dentro do possível autônoma e sem perder sua identidade. Sendo assim, “para um homem que está satisfeito consigo mesmo e com sua condição, e que tem boas relações com os que o cercam, a idade permanece abstrata” (BEAUVOIR, 1990, p. 360).

Algumas se descreveram como que vivendo uma vida tranqüila, onde gostam de todo mundo e mantêm uma relação boa com as funcionárias que cuidam delas. Noely diz que: “eu me sinto muito bem. Nunca tive atrito com as gurias, com o chefe...nunca, nunca, graças a Deus.”; Lya nos conta: “eu sou uma pessoa que eu gosto de todo mundo, trato bem todo mundo, não gosto de maldade com ninguém, eu gosto de amizade. Eu não tenho rivalidade com ninguém com a idade que eu tô. Nunca, nunca tive inimigo, e se Deus quiser eu não vou ter”.

Neste tocante, Maga complementa: “eu me sinto bem comigo mesmo, compreende? Procuro não fazer mal a ninguém, se faço é inconsciente. [...] Então é isso, procuro levar a vida tranqüila. Se possível não incomodar ninguém, se possível, que não me incomodem. Mas me incomodam (risos)”. Estabelecendo relações destas falas, com a teoria, Born (2005, p. 408) escreve que a vida do idoso no asilo precisa ser muito especial:

cada momento da sua vida não é qualquer momento, e como tal deve ser considerado. Cada dia deve ser marcado por atividades estimulantes, o amanhecer ser diferente do anoitecer, uma semana distinta da outra. O suceder das estações deve ser lembrado com frutas da ocasião, flores, eventos, datas festivas, os dias que se tornam mais longos, as mudanças da temperatura.

Ao contar um pouco de suas trajetórias ao longo da vida, os moradores do asilo disseram que gostavam de suas lidas domésticas e de cuidados de suas famílias e conhecidos, como Lya que ajudava aos outros, mesmo nas madrugadas:

eu fui costureira, eu fui tricoteira, mas...fui um monte de coisa, fui enfermeira, monte de coisa que eu fui...agora entreguei os pontos por causa da idade...(risos), mas eu fui tudo. Eu fazia injeção, trabalhei de enfermeira e a hora que eu ia pra casa, nem dormia de noite, porque iam me chamar pra medi febre, pra fazer injeção e as vezes a mãe ficava braba comigo.

A partir desta fala, lembramos que a questão do trabalho pode estar dentro do devaneio poético também, o trabalho onírico, o prazer de trabalhar. Porque quando olhamos o trabalho através de Bachelard, percebemos o trabalho como um encontro do sujeito consigo mesmo. Onde os idosos se constituíram através do trabalho que executaram para construírem a si mesmos e suas relações, seja ao longo da vida ou na velhice.

Assim, a vontade de trabalhar, não abandonou as idosas que moram no asilo, a lida doméstica e de cuidado com a família é uma das coisas que gostavam, como Noely conta: “eu me levantava às seis horas da manhã, ali pelas sete levantava o marido e as crianças e às sete tava com o café na mesa. Isso eu acho muita falta.”

Muitas continuam a cuidar de suas coisas, como se estivessem em casa. Dona Eloy nos descreve como faz: “A minha roupa eu lavo, como essas blusinhas, já separei, que eu mesma deixo aí de molho, no Omo, e no outro dia eu lavo, pra deixar bem branquinha”. Dona Eloy lava e passa suas roupas no asilo, e traz em suas falas seu modo de ver o trabalho como sonhadora: “e sempre trabalhando, porque fui criada com meu pai, com venda, padaria, um tudo”. Dentro deste contexto Bachelard (1988, p. 52) escreve sobre a consciência de um sonhador e seu trabalho: “uma consciência tranquila é, para mim [...] uma consciência ocupada, nunca vazia, a consciência de um homem que permanece no trabalho até o último suspiro”.

Assim como a vontade de trabalhar que permanece nos sentimentos de outra idosa, Dona Noely que tem um forte reumatismo nas pernas e desabafa sobre sua vontade de se distrair ou trabalhar: “se eu tivesse saúde, eu procurava um trabalho, uma coisa eu procurava pra me distrair, mas não tem, se não fosse isso aqui, eu já tava



lavando e ajeitando, ajudando as gurias. Eu sinto muita falta, mas não dá, agora o meu ideal é esse, não tenho outra coisa”.

Voluntários como Renata, atuantes em asilos, contam como é realizar um trabalho com prazer: “eu já trabalhei com idoso em três lugares, São Paulo, Paraná e agora aqui em Rio Grande” e ela fala sobre o prazer de realizar um trabalho de dedicação:

pra mim, o trabalho voluntário não é você vir aqui, trazer bolo, comer, beber e ir embora. Não. É eles verem que eu to fazendo alguma coisa que é pra eles, virem aqui, ver como que a flor nasce. E começou com a sementinha, depois aquilo começa a brotar e sai uma flor e aí eles vão te dando o retorno e te cumprimentam. Então é gratificante.

Jéssica também descreve como se sente após realizar uma atividade voluntária no asilo: “é muito gratificante, ver os olhinhos deles brilhando, sorrindo. É muito bom mesmo poder saber que podemos causar bem estar nas pessoas, que podemos ajudar. Enfim foi muito linda a festinha e assim como essa muitas outras faremos.” Sobre as atividades que os voluntários realizam, Renata lembrou de como pequenas mudanças nos objetos do asilo fazem diferença para os idosos: “a gente realizar pequenas coisas, que é assim, essencial pra nossa vida. Um banco, uma espuma num banco, que idoso senta num banco duro, né.”

Renata fala do sonho que o voluntário realiza ao voluntariar no asilo e de críticas feitas à ele como: “ah...eu vou estar fazendo um trabalho voluntário, mas vou estar lá fingindo de boba, cantando. Eu acho que não. Eu acho que o sonho é isso, porque as vezes as pessoas sonham com tantas outras coisas, carro, coisas materiais, que talvez uma coisinha, sabe”. A mesma voluntária comenta sobre sua atitude perante um voluntário idoso:

a gente tava falando do natal daí o Walter falou que quando ele era criança, ele punha o chinelo na janela, e é uma pessoa idosa, que trabalha no asilo, que todo mundo julga e fala que ele é muito sério, que ele é sistemático e tal. E quando eu cheguei aqui, eu já mexi com ele, tenho certeza, nessa parte amorosa dele de dar um abraço, de amigo, de sentir né.

Neca lembra do quanto o idoso gosta de ensinar o que sabe aos outros e de como se sente bem ao passar suas experiências para os mais jovens: “eles adoram assim, ensinar, passar a experiência, contar. Que a gente escute, que as pessoas vão escutar e tirar um pouquinho daquilo ali, para sua própria experiência de vida, enfim”. Neste

sentido, a Educação Ambiental voltada para a velhice é ressaltada por Porciuncula & Teixeira (2005, p. 16), porque “nota-se a importância de uma prática interdisciplinar em nossos jovens, que com certeza, tornar-se-ão os novos idosos de amanhã”.

Ganhar na loteria para ajudar a família foi um dos sonhos descritos que os idosos se propõem, como conta Josi, uma das funcionárias da casa: “a maioria que eu notava, essa gente que joga, que era pra ajudar os filhos, mesmo estando aqui dentro. Já tiveram tudo. Já passaram por tudo”; bem como o de sair do asilo, narrado pela moradora Rose: “quero sair daqui (risos), meu filho se separou e disse que vai arrumar a vida dele e vai me tirar daqui, eu estou esperando”.

O sonho de voltar para o ceio da família também aparece na voz da moradora Eloy: “Se eu pudesse realizar...era ter os filhos, porque os filhos são muito amigo, era ter os filho tudo junto comigo, ter uma casa como era tudo”. Dentro desta perspectiva, trago mais um poema de Rodrigues (1992, p. 79), para contextualizar os sonhos:

Perguntei para o meu coração  
Onde andaria meu sonho  
Será que morreu com a primeira decepção?

Será que ficou guardado  
Tão bem enclausurado  
E dentro de mim escondido  
Meu sonho ficou perdido?

Será que foi só imagem  
Num instante de insensatez  
Já que minha lucidez  
Não lhe dá mais hospedagem?

Será que foi herança  
Decepção de meus pais  
Vendo em mim última esperança  
Dos sonhos que não têm mais?

Será que se espalhou  
Pela cotidiana vida  
Pelos que ainda sonham  
Minha ilusão perdida?

Ou será que ainda existe dele  
Uma pequena chispa  
Que me faz perguntar por ele  
Para não perdê-lo de vista?  
(Sobre a obra de Machado de Assis)

Neste sentido, Dona Lya conta que já realizou sonhos e que gostaria de realizar mais se não fosse a idade, mostrando o quanto o próprio idoso tem preconceito com a velhice, achando e aceitando que não é mais capaz de ser sonhador: “olha eu gostaria de realizar muitos sonhos, que eu realizei tanto, mas agora eu tô com muita idade, tô muito esquecida, já não sô mais a mesma que eu era, né”. E Dona Nely sua colega de quarto, em relação aos sonhos, conta que gostaria de ser dinâmica como era antes:

ah...voltar a ser dinâmica, como eu era. Trabalhar...trabalhava em dois serviço. Agora que os trabalhos são mais fáceis, não são tão difíceis. Isso aí eu gostaria...assim de estar trabalhando e me comunicar com as pessoas, entende? Lidar com as pessoas, conversar contigo...me sentir bem com as pessoas, era isso..., mas eu já

consegui... pelo menos eu não tô como eu tava antes. Tive muito ruim, sabe? Daí voltei a ser um pouco do que eu era. É, é isso aí. Não vou exaltar, porque não tem mesmo. Pode ir perguntando se tem mais alguma coisa...

A saúde foi lembrada como que necessária para o idoso sonhar bem, e acrescentamos que não só a saúde do corpo, mas como a da alma e é esta saúde que buscamos neste estudo. Sobre os sonhos, Jéferson, um dos profissionais da saúde na casa responde:

como realizar sonhos na velhice? Dando uma melhor qualidade de vida pra eles. Na minha visão é isso. Porque não tem como tu sonhar ou esperar alguma coisa se tu não tem saúde. Seja socialmente, física ou psíquica, tu pode confortar elas de uma outra maneira. Eu acredito que seja desta forma. E aquelas pessoas que tem tratamento, buscar o tratamento adequado pra elas, pra tentar fazer isso, que elas tenham saúde, para poderem sonhar.

Neste sentido, a funcionária Bianca dá sua opinião: “Eu acho que o sonho faz a pessoa viver”. Complementada pela voluntária Jéssica: “Eu acredito que quando a gente pára de sonhar a gente pára de viver”. Assim, a busca por realizar os sonhos na velhice pode se dar a partir de conversas com os idosos, a fim de se conhecer o que eles almejam, bem como a realização de atividades com imagens de pessoas queridas, músicas e filmes.

Pequenas coisas que dão prazer foram apontadas como sendo de fácil realização no asilo e tomadas de forte retorno emocional, como o prazer em ajudar ao outro e de se sentir útil, como nas palavras de uma voluntária, a Jéssica: “Eu acho que eles ficam bem felizes assim, quando eles sentem que são úteis, que podem ajudar em alguma coisa”.

Desta forma, uma das voluntárias, a Renata fala sobre a importância dos sonhos simples e como são fáceis de realizar quando se tem vontade: “Então eu acho que isso é uma coisa que é o mais fácil de se realizar. Sonhos, que é coisa simples. [...] Então eu acho que quando a gente quer, é facinho de se realizar, principalmente essas coisas que é a base do sonho.” Falando sobre os sonhos, Renata lembra de um filme:

como aquele filme do Patch Adams lá do hospital, que eles põe uma piscina de macarrão. Esses dias eu tava falando pros vós: ‘nós vamos ter que por uma piscina aqui, ficar o dia inteiro na água’. São pequenas coisas que a gente acha que eles não pensam mais e não tem vontade de realizar e tem.

As festas foram lembradas como um ponto fundamental na casa, com histórias de uma idosa que se mudou e acabou voltando para o asilo por causa das festas, no relato da funcionária Josi: “Muitos gostam, por exemplo a Vera, mudou para o Madre Batista (Asilo para Idosos) e voltou, que disse que aqui tem festinha, tem carnaval e lá não tem. Muitos gostam de participar”.

Neca, uma das profissionais conta como procura insentivar os sonhos nos idosos: “Proporcionar, conversar com eles, ver o que mais eles buscam assim, o que eles pensam, coisas do passado [...] Pesquisar entre eles, conversar e até nas conversas que a gente tem, anotar itens, idéias que eles trazem”. Neste tocante, Renata fala sobre a importância de incentivar os sentidos nos velhos, como o paladar:

Eu acho que quando a gente conversa com o idoso, que tá assim num lugar, na cadeira de rodas, na cama, que tem tantas pequenas coisas, que esses dias eu tava falando com elas, que tem muitas lúcidas. Falando sensação, como eu estudo na gastronomia, gosto, sensações e cheiro, a gente tava falando da comida. Aí elas tavam falando uma vó, do doce de Pelotas né. Eu falei, meu deus é um lugar tão perto, é complicado levar eles até lá, mas a gente trazer né, um doce quando a gente vai. E hoje comem, mas comem coisas simples, né. Que as vezes eles já passaram por etapas na vida que já comeram coisas caríssimas, coisas que você não esquece o gosto. Então é impressionante esse negócio do tato, do cheiro, de estar realizando uma coisa que é simples. Um sagu que a pessoa imagina, eu tava até pensando um livro de receitas, falei: meu deus essas vós falam de cada comida que hoje nem se fazem mais né. E são pequenas coisas que você realiza um sonho, porque o paladar é uma coisa que te marca né.

O reconhecimento da voluntária Jéssica perante o aprendizado que tem a cada vez que vai no asilo é descrito por ela. Quando vai visitar os idosos e eles agradecem, ela os responde: “Eu digo não, mas a gente que saiu daqui e aprendeu que agradece por ter ficado um pouco com vocês e ter conversado”.

Simone de Beauvoir (1990, p. 348). escreve que “em mim, é o outro que é idoso, isto é, aquele que sou para os outros: e esse outro sou eu. Geralmente, nosso ser para outrem é múltiplo como o próprio outrem”. Neste contexto, a voluntária Jéssica, fala sobre a idade, em um sentido de viagem imaginária:

Eu acredito...então acho que não tem idade pra gente sonhar e na terceira idade, eu acho que a terceira idade seria mais experiência, mais... tudo mais! [...] Eu acho que é nessa idade que tem que sonhar mesmo. Tem que seguir planejando e tentando fazer alguma coisa e se remanejando. Se encaixando, se inserindo.

A participação ativa na vida e o sentimento de bem estar, juntamente com as relações com os outros são fatores a serem potencializados pelo devaneio poético, que faz com que o corpo seja velho, mas a alma permaneça jovem. Idosos e seus sonhos, a saúde para sonhar e viver e a busca de como realizar os sonhos dos idosos, nos levam a pequenas coisas que dão prazer, como as festas e o despertar dos sentidos, através das OFCS, bem como a percepção da beleza da cidade de Rio Grande.

A metodologia de Oficinas de Criação de Sonhadores foi desenvolvida em quatro momentos, sendo eles: OFCS de visita na Praia do Cassino e piquenique na Praça Didio Duá, OFCS da Ceia de Natal com aniversário de criança no salão de refeitório do asilo, OFCS de imagens da velhice e OFCS de cinema comédia com pipoca no salão de entrada no asilo.

Descrevo a partir deste momento, os sonhos despertados pelas OFCS nas atividades realizadas no Asylo de Pobres. Alguns destes são semelhantes e outros diferentes dos que eu havia conhecido durante os anos que acompanhei minha avó nos residenciais de terceira idade. Uns sonhos que potencialmente estavam adormecidos, e outros, que foram criados coletivamente.

### **3.2. Experiências Oníricas junto aos Sonhadores do Asylo de Pobres: Intervenções de Educação Ambiental Estética Onírica através das Oficinas de Criação de Sonhadores**

As imagens despertadas pelas Oficinas de Criação de Sonhadores (OFCS), durante o desenvolvimento desta pesquisa no Asylo de Pobres e registradas no instante de seu surgimento, descrevem a consciência sonhadora desperta dos sujeitos participantes. Desta forma, Bachelard (2008, p. 16) diz que “a vida da imagem está toda em sua fulgurância, no fato de que a imagem é uma superação de todos os dados da sensibilidade.”

Neste sentido, Bachelard (2008, p. 19) escreve que “incessantemente a imaginação imagina e se enriquece com novas imagens. É essa riqueza do ser imaginado que gostaríamos de explorar”. Assim, buscou-se com as OFCS a riqueza das

imagens produzidas durante as atividades propostas, que são expressas aqui através de registros fotográficos, entrevistas e relatos.

Rodrigues (1999, p. 07) escreve que “Bachelard vai descobrindo que educar é alimentar sonhos”, neste sentido, procurando escrever sobre a Educação Ambiental voltada para a velhice, trouxemos neste o estudo o despertar para o sonho em nossa última etapa vital. Assim:

Passamos a infância nos preparando para a adolescência, da adolescência para a vida adulta, da vida adulta para uma melhor idade. Mas, questiona-se aqui se há uma preparação para essa melhor idade, que é a terceira idade. Como conviver harmoniosamente com uma nova fase da vida sem conflitos, se não nos é ensinado como fazê-lo? Como pensar em perspectiva na terceira idade quando os próprios familiares e idosos conceituam que envelhecer é morrer a cada dia? Esses questionamentos fazem parte da rotina na vida de vários idosos que vivem na instituição. Pensar que a velhice é o fim gera depressões e conseqüentemente baixa auto-estima. A culpa desses sentimentos negativos, não é só do asilo e nem sempre dos funcionários. A responsabilidade é também da própria sociedade que falha ao não trabalhar a identidade de cada indivíduo (Porciuncula & Teixeira, 2005, p. 14).

No dia 18 de setembro de 2008, na fase de preparação para as OFCS fui ao asilo realizar uma sondagem através de entrevistas para perguntar qual atividade eles se interessariam em realizar. Conversei com os idosos que estavam sentados na sala e nos corredores e fui perguntando se gostariam de jogar cartas, tricotar ou pintar. Para minha surpresa, ninguém se interessou pelas propostas. Quando Neca, a Assistente Social, me sugeriu que perguntasse sobre uma visita para ver o mar, foi quando a maioria dos idosos gostou da idéia.

Assim, a visita na Praia do Cassino foi a escolhida para ser feita no asilo, mas faltava que eu conversasse com meu orientador sobre o que ele achava. Perguntei para Victor Hugo então, se apenas uma visita para ver o mar era suficiente, para iniciarmos as atividades e ele disse que não era “só isso”, que ver o mar era algo muito especial, além de que a idéia de fazer a viagem era muito boa!

Neste sentido, Porciuncula & Teixeira (2005, p. 12) trazem o autor Zimmerman que expõe a sua opinião quando trata da necessidade de estimular o idoso, de forma que:

Muitas famílias e instituições não atendem a importância de estimular o velho deixando-o parado, inerte, sem se dedicar a nenhuma atividade que o ocupe e ajude a manter suas capacidades ativas. Isso

pode ocorrer tanto por descaso quanto por excesso de zelo, já que é comum a idéia de que o velho tem que ficar quieto no seu canto para não se machucar, não adoecer, não se preocupar. O resultado é a negação ao velho de oportunidades de ser útil a si mesmo e aos outros, de se divertir, aproveitar a vida, enfim viver (ZIMERMAN, 2000, p. 47).

Buscamos assim, com as OFCS, justamente quebrar os clichês sobre a velhice e mostrar um mundo de imagens dinâmicas nesta etapa da vida. Consideramos aqui que clichês são imagens paralisantes, como as idéias de que os velhos não servem mais pra nada, não sonham mais, não gostam de novidades, de sorrir, de dançar, não podem mais trabalhar entre outros tantos clichês sobre a velhice. Para Rodrigues (1999, p. 301) “as experiências materiais dão uma dimensão concreta para a imaginação”, porque criam possibilidade de tornar o singular universal e transformar o humano em cósmico. Dentro desta visão de mundo, Nietzsche (2005, p. 37) escreve sobre o profeta Zaratustra:

quanto a mim, gosto da vida, parece-me que aqueles que melhor se entendem com a felicidade, são as borboletas e as bolas de sabão, e tudo o que entre os homens se assemelhe. Ver essas almas aladas e loucas, graciosas e movediças, dando voltas é o que causa a Zaratustra vontade de chorar e de cantar. Eu só podia acreditar num Deus que soubesse dançar.

Após a realização da primeira OFCS, quando o Victor Hugo me pediu para colhesse os relatos dos participantes, não acreditei que conseguiria, porque muitos idosos não conseguem enxergar e estão sem escrever há anos. Pedi a colaboração de Neca, que me indicou os idosos que haviam participado de seu projeto de trocas de cartas com a escola. Para meu espanto, consegui juntar preciosas palavras sobre as atividades realizadas, as quais apresento a seguir.

### **3.2.1 OFCS 1: Visita à Praia do Cassino com piquenique na Praça Didio Duhá**

Esta atividade foi possível a partir de conversas feitas entre a Assistente Social do asilo e os idosos, onde esta anotou a vontade que eles teriam de visitar o mar e a Praia do Cassino novamente. Considerando-se este desejo, Victor Hugo me explicou que o imaginário das pessoas que estão no asilo paira nas lembranças de que mais da

metade do século XX, dois programas eram os favoritos dos rio-grandinos: ir ao Cassino e lá fazer um piquenique.

Nos anos 60, conta Victor Hugo, a estrada era bem diferente, se levava até três horas para ir da cidade ao Cassino. As famílias iam parando na beira e fazendo os lanches e almoços. No fim dos anos 60 começaram os ônibus e as filas eram enormes. Quem tinha carro, na volta do passeio parava no Arroio Bolaxa para lavar o seu veículo e tirar a maresia.

A Primeira OFCS realizada nesta pesquisa foi uma visita à Praia do Cassino, com piquenique na Praça Didio Duhá, no dia 20 de novembro de 2008. Fomos com o micro-ônibus da FURG e participaram 27 pessoas, comigo, o Victor Hugo, a Neca, idosos moradores do Asylo de Pobres, voluntários e acompanhantes.

Como combinado, o micro-ônibus da FURG chegou no início da tarde no asilo e os idosos, a Assistente Social, acompanhantes, voluntárias e o Victor Hugo já estavam a espera no portão. A ansiedade era grande, todos queriam entrar no micro-ônibus para partir logo e chegar na praia. Quando todos estavam acomodados e o motorista ligou o motor, foi aquela salva de palmas! Durante o deslocamento, coloquei protetor solar nas mãos de cada um e pedi que esfregassem e passassem no rosto também. Alguns tiveram dificuldades, mas no final todo mundo ficou protegido dos raios de sol. A Neca comentou “é boa essa experiência deles próprios se passarem o creme e muito importante também, é uma maneira de se tocarem e se sentirem”.



**Figura 12 - Assistente Social e a pesquisadora Flavia no micro-ônibus da FURG, com os idosos, voluntários e acompanhantes à caminho da Praia do Cassino**

Ao passarmos no Trevo, o Victor Hugo explicou para que lado ficava o Super Porto e Pelotas e os idosos olhavam com atenção. Ao chegarmos no Cassino outra salva



de palmas e muito entusiasmo em ver a avenida principal do bairro. Seguimos até a estátua de Iemanjá, onde paramos, porque alguns gostariam de orar à Ela. Uma senhora, cega pela diabete, inclusive levantou os braços e agradeceu. Dona Suely no relato desta oficina lembrou: “Nós rezemo né”.

Ao chegarmos na passarela de madeira sobre as dunas, um projeto do NEMA, todos estavam muito felizes e queriam descer logo para ver o mar. Os idosos pareciam crianças que nunca tinham visto o mar e seguiram com suas bengalas e cadeiras-de-rodas, com muita pressa sobre a passarela. Tive que pedir para alguns esperarem o grupo descer do micro, o que levava algum tempo. Ao chegar na areia da praia, as cadeiras-de-rodas chegaram a atolar e com a ajuda das voluntárias, continuamos a nos direcionar até a beira do mar. Dona Suely descreve este momento: “Foi bem, graças a deus. Tinha aquela ponte ali, cheia de areia. Precisa endireitar... endireitar né, hehehehe, mas nós passemos”.

Alguns não quiseram ir até a beira do mar, porque o vento estava muito forte e ficaram esperando na passarela. A festa foi grande ao chegarmos na água, com muitas fotos e Walgenor foi logo catar conchinhas, revivendo momentos de infância, onde juntar conchas fazia parte das brincadeiras na praia. Uma das acompanhantes tirou os sapatos e refrescou seus pés na água do mar, que estava bem gelada.

Foi assim que fizemos uma viagem em direção ao mar, uma viagem imaginária, criando um ambiente de viajante. Como os Argonautas Gregos, que fazem uma viagem impossível para encontrar algo impossível, nós fizemos o mesmo, em direção ao Atlântico Sul, demonstrando como a viagem imaginária é mítica também.



**Figura 13 - Praia do Cassino, os argonautas na velhice rumo ao Atlântico Sul, entre eles Victor Hugo e Dona Suely.**

Na volta ao micro-ônibus, o elevador da cadeira de rodas fez o maior sucesso e todos queriam utilizá-lo para subir de volta, até os que não precisavam. Paramos na Praça Dídio Duhá, atrás do Hotel Atlântico, na Rua Rio de Janeiro, para fazermos um lanche e foi muito gostoso. Todos estavam com um ar de realização. Dona Suely lembra que: “depois o lanche na praça, tinha gasosa”. E um dos voluntários comentou: “Que passeio maravilhoso, vocês tinham que ver a felicidade daqueles idosos”.

Tivemos com esta OFCS o objetivo de sair das imagens paralisantes para a produção de imagens dinâmicas e assim formar uma constelação de imagens, como pode ser observado na foto em que nos reunimos para um piquenique na praça. Acredito que este objetivo foi alcançado, na medida em que saímos da rotina diária do asilo e foi vivido um dia para ser recordado com muito carinho.



**Figura 14 - Piquenique na praça Dídio Duhá.**

Rose, uma das idosas que foi ao passeio o descreve: “O passeio no Cassino foi muito bom, olhamos o mar, que estava muito bonito, com a água azul e com ondas. Demos uma volta no Cassino para dar um passeio e fizemos um piquenique numa pracinha”.

**3.2.2 OFCS 2: Ceia de Natal e Festa de Aniversário de criança no refeitório do asilo.**

A Oficina de Criação de Sonhadores realizada no dia 10 de dezembro, de 2008. No Asylo de Pobres foi a Ceia de Natal e uma Festa de Aniversário de Criança pensados especialmente para os idosos no asilo. Para seu preparo, Victor Hugo me pediu que fizesse uma lista dos desejos de quais guloseimas os idosos gostariam de comer na festa.

A Oficina de Criação de Sonhadores de aniversário de criança foi criada e é realizada por Victor Hugo nos mais diversos ambientes como na sala de aula, cursos para enfermeiras e funcionários de banco. Nela se realiza para adultos uma festa de aniversário com temas infantis, com balões, chapeuzinho, língua de sogra, apito, docinhos, salgadinhos, um grande bolo com velinhas e o balão surpresa! E foi exatamente assim que realizamos no asilo, com a ajuda dos funcionários e de muitos voluntários como os do curso de Psicologia e do Johrei. Somamos os esforços de todos. Como era o mês de dezembro, unimos a celebração da Ceia de Natal à esta OFCS, com a chegada do Papai Noel em meio à distribuição de muitos presentes. A Assistente Social do asilo contatou um voluntário músico, que fez a festa esquentar, ao ritmo de suas melodias, dançamos e confraternizamos no salão do refeitório, todo enfeitado para a festa (foto abaixo).

Os idosos pegaram os salgadinhos e doces para guardar pra mais tarde, enchendo os bolsos de doces e frutas. Um dos moradores, o Walgenor, estava de aniversário e se emocionou nas quatro vezes que cantamos parabéns para ele.



**Figura 15 - Salão de refeições do asilo, preparado para a Ceia de Natal com Festa de Criança.**

A direção do asilo havia me feito recomendações para cuidar o alimento dos diabéticos, por isso, preparei uma mesa com frutas para que eles pudessem comer sem problemas. No entanto, fiquei preocupadíssima com o fato de que as frutas não tinham sido tocadas e perguntei ao Victor Hugo o que aconteceria se os idosos começassem doces demais, porque os diabéticos estavam comendo os quindins. Quando o Victor Hugo exclamou sorrindo: “o pior que pode acontecer é que agora eles vão morrer sorrindo, com a barriga cheia de doces, bombas e empadinhas!”

Em meio a este banquete, Bachelard (1988, p. 94) escreve que “toda a nossa infância está por ser reimaginada” e que “sonhamos enquanto nos lembramos. Lembramo-nos enquanto sonhamos” (BACHELARD, 1988, p. 96). Nesta festa todos nós devaneamos em nossas lembranças de infância.

Na introdução de *A Poética do Espaço*, Bachelard (2008, p. 7) escreve que “as ressonâncias dispersam-se nos diferentes planos da nossa vida no mundo; a repercussão convida-nos a um aprofundamento na nossa própria existência”. As imagens que vivi no asilo repercutem em mim a cada dia, como estas na festa de criança, mas onde não haviam crianças e sim adultos e velhos com almas de crianças!

Nós estouramos o balão surpresa e alguns idosos se atiraram no chão para pegar os carrinhos, com a vontade de uma criança, garantindo suas lembranças da festa. Rose nos conta que “a ceia de natal esteve bonita e muito animada, com Papai Noel e salgadinhos e guaraná”.



**Figura 16 - Chegada do Papai Noel na festa.**

Jéssica lembra que “alguns dançaram, pois também estávamos comemorando o aniversário do Walgenor, um dos idosos do asilo” e esta voluntária descreve como foi na entrada do Papai Noel na festa: “quando o Papai Noel entrou, ficaram que pareciam crianças, bem agitados, esperando o presente”. Assim como na hora de ver o mar, a visão do Papai Noel despertou e criou imagens dinâmicas em todos que estavam participando desta atividade no asilo.

### 3.2.3 OFCS 3: Imagens da velhice

Com o objetivo de despertar sonhos adormecidos através da escolha de imagens do livro da autora americana Artmann, *A Idade de Ouro: envelhecendo com sabedoria* (2002), desenvolvemos no dia 17 de novembro de 2009 esta OFCS no asilo. Neste sentido, Bachelard (2008, p. 06) escreve que:

Em nossa opinião, alma e espírito são indispensáveis para estudarmos os fenômenos da imagem poética em suas diversas nuances, para que possamos seguir sobretudo a evolução das imagens poéticas desde o devaneio até a sua execução. [...] Por si só, o devaneio é uma instância psíquica que muitas vezes se confunde com o sonho. Mas quando se trata de um devaneio poético, de um devaneio que frui não somente de si próprio, mas que prepara gozos poéticos para outras almas, sabemos que não estamos mais no caminho fácil das sonolências.

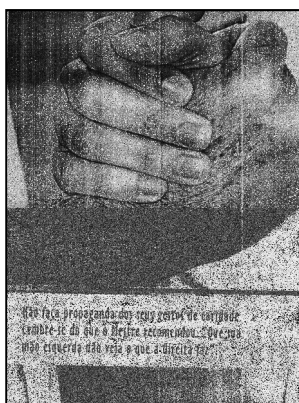
A partir deste aporte teórico, a prática desta oficina resultou em dinâmicos relatos sobre as imagens e dizeres do livro trabalhado. Uma das profissionais da casa, a Neca escolheu a página 97 do livro para falar sobre o tema da convivência, esta página dizia o seguinte: “*É muito importante, ao longo da vida, evitar desavenças ou mágoas não resolvidas, para que, na velhice, não se arrependa por não mais poder pedir desculpas.*” Neca escreveu a partir deste contexto o que segue: “considero importante uma convivência com harmonia, amizade e respeito [...] Pedir desculpas e dizer Te amo para um amigo, familiar, no momento em que podemos, deve ser feito, pois não sabemos quando vamos ter novamente essa oportunidade.”



**Figura 17 - Imagem escolhida por Neca.**

Nesta OFCS, Jenifer, uma voluntária da casa escolheu o seguinte dizer da página 25: “*Não faça propaganda dos seus gestos de caridade. Lembre-se do que o Mestre recomendou: “Que sua mão esquerda não veja o que a direita faz”*”, justificando sua escolha da seguinte forma:

escolhi esta mensagem, pois é exatamente o que enxergo hoje no mundo. A maioria das pessoas faz caridade, ajudam as pessoas (com dinheiro, com comida, com roupa e etc.) não porque elas pensam no próximo e querem ver o bem dele; isso também... mas principalmente, ajudam porque querem suprir para si próprio algo... ou seja, querem se sentir úteis e importantes. Nesse caso, acho que não teria problema nenhum seu “gesto de caridade”, o problema é que hoje além disso as pessoas estão preocupadas em mostrar aos outros, o que ela está fazendo, como uma forma de ‘status.



**Figura 18 - Imagem escolhida por Jenifer.**

A participação de uma idosa, dona Lya, nesta oficina foi com a escolha da página 95, que dizia a seguinte frase: “*Desenvolva a alegria de viver, transformando os objetivos fascinantes que brilham à sua frente, e que estão constantemente convidando-*

o à luta!”. A imagem nesta página é a de uma alegre senhora se alongando na ginástica e a explicação de Lya para sua escolha foi a de que: “Achei boa todas essas, mas no fim peguei essa.”



**Figura 19 - Imagem escolhida por Lya.**

A funcionária Josi recorda do aprendizado que teve com sua avó, ao escolher a página 21, que diz o seguinte: “*Quando estiver conversando com alguém, olhe nos olhos*”. Josi explica que: “sempre escutei da minha avó que quando uma pessoa fala contigo e não olha nos teus olhos, não está sendo sincera, ou não quer que a conheça no mais profundo da sua alma. Os olhos são o espelho da alma, é onde se revelam os nossos mais íntimos sentimentos.” Neste sentido, Rodrigues (1993, p. 33) escreve em poema que precisamos aprender a ler o mundo das mais diversas formas, buscando o espanto imaginário:

- 2.223 Aprender a ler o mundo  
Com os olhos de criança.  
2.224 Aprender a ler o mundo  
Com os olhos de um cego.  
2.225 Aprender a ler o mundo com espanto.

Após a leitura deste poema, fica mais clara a busca que faz Bachelard (2008, p. 07) de si mesmo, no sentido da aprendizagem através dos sonhos, quando estes ressoam e repercutem em nossas vidas:

As ressonâncias dispersam-se nos diferentes planos da nossa vida no mundo; a repercussão convida-nos a um aprofundamento da nossa própria existência [...] A exuberância e a profundidade de um poema são sempre fenômenos do par ressonância- repercussão. É como se, com sua exuberância, o poema reanimasse profundezas em nosso ser.

Lya com espiritualidade fala em Deus: “Eu digo: não, tudo “percisa”, um ato de “percisão” Deus ajuda a gente, a gente vai servir os outros, Deus ajuda. Eu sempre

penso assim.” Sobre a fé em Deus, Bianca lembra “a pessoa que se ocupa em alguma coisa, eu vejo pelos idosos aqui no asilo, ainda tem objetivos na vida, ela está bem”.

Perto de completar seus 50 anos, Bianca nos fala de como trabalha sua espiritualidade, a partir da escolha da página 39 do livro, que diz o seguinte: “*Cultive em sua casa, um jardim, uma floreira ou qualquer tipo de planta e cuide delas todos os dias. Fará muito bem para sua alma.*” Sobre sua escolha, Bianca escreve que esta frase

é uma grande verdade! Eu tenho um lindo jardim na minha casa, olho todos os dias a perfeição das pétalas das rosas, uma folhinha nova que está nascendo, bem verdinha, aí eu vejo como Deus criou tudo com a maior perfeição, enfim é um Presente de Deus. Se rezarmos, todos os dias e agradecermos a Deus por tudo, nossa vida se transformará igual a um jardim bem florido, muito bela.

### **3.2.4 OFCS 4: Sessão de Cinema Comédia**

A OFCS onde criamos um ambiente para uma sessão de cinema de comédia no asilo, se realizou no dia 21 de janeiro de 2010. Ela foi imaginada por Victor Hugo, que vinha desenvolvendo esta experiência em suas aulas na FURG. Por uma linda coincidência, quando perguntei durante as entrevistas para Bianca o que ela achava que poderia ser realizado no asilo, ela sugeriu que: “vendo um filme, onde eles podem lembrar alguma coisa da vida deles”. Ao expressar esta idéia, Bianca até se emocionou e seus olhos encheram de lágrimas. Assim, a Oficina de Criação de Sonhadores com Sessão de Cinema Comédia na sala de estar do asilo foi idealizada, sonhada e realizada.

O Victor Hugo preparou todo o material de áudio visual e saímos para almoçar. Quando voltamos para o asilo, nos perguntamos se a platéia seria pequena, mas qual não foi nosso espanto ao entrarmos e encontrar a sala cheia de idosos, aguardando para assistir a sessão de cinema, levados pela Assistente Social e pela Supervisora da instituição.

A quarta OFCS foi um sucesso, com a sala cheia e pipoca para acompanhar, as risadas tímidas se propagaram ao final, quando houve o pedido de se repetir o filme dos “Três Patetas”. Os desejos e os sonhos foram ativados pelas imagens do filme, que era uma comédia do cinema de época, que eles viveram na juventude.



Bianca diz que o cinema faz bem para todos, em suas palavras: “eu acho assim que eles estão sem objetivos na vida e eu acho que o cinema faz bem, como faz bem pra todos, todas as idades. Acho que a pessoa idosa, que está sem nada, sem divertimento, acho que uma coisa a mais, acho que faz bem nesse sentido”. Assim, Gaston Bachelard (2008, p. 23) escreve que “a imaginação aumenta os valores da realidade”.

Quando Bianca fala sobre o cinema ela diz que “acho que é uma cultura, acho que o cinema faz muito bem, é uma coisa muito boa, para todas as idades, ainda mais para a pessoa idosa assim”. Sobre o DVD dos “Três Patetas” ela comenta:

até eu fui um pouquinho, fui dois minutinhos e gostei, imagina uma pessoa idosa, que faz tempo que não vê um filme e tal. Ela lembra do passado, dos bichinhos da sua casa e tal. Quem tem um bichinho em casa, um gato, um cachorro, então poxa vida, acho que dá uma vida na pessoa, dá ânimo, a pessoa se anima mais eu acho.



**Figura 20 - Sala de estar, com o material de áudio-visual instalado e projetando o vídeo.**

Após assistir aos filmes, Dona Noely disse: “eu gostei de tudo. Eu gosto dessas coisas. Desse último eu gostei” e Lya concorda com a amiga “eu achei que tava bom, eu gostei”. Dona Nely diz que “eu gostei, dos tempos antigos né, muito bom recordar”.

Também participaram nesta OFCS idosos que não foram entrevistados durante a pesquisa, e por isto não serão identificados aqui, mas suas falas foram gravadas no grande grupo e sua descrição relata as imagens que eles viveram.

Eles gostaram dos filmes apresentados achando que eram bem alegres e divertidos e que deu pra rir. Acharam o filme do gato e do cachorro o mais engraçado, onde eles pensavam que ele tava matando o pobre do bichinho e não era e pediram pra

repetir. Gostaram também das piadas, principalmente do filme do noivo e não sentiram vontade de reclamar de nada, estava tudo muito bom, inclusive a pipoca. Pediram que Deus nos abençoasse e saíram para o café querendo voltar mais tarde para a próxima sessão.

Como resultado desta atividade no asilo, Neca e Renata estão planejando um Ciclo de Cinema para ser realizado no Asylo de Pobres, em parceria com a FURG. As OFCS tinham o objetivo inicial de serem levadas para os idosos, mas acabaram contaminando todos os envolvidos, como os voluntários, funcionários e profissionais da casa.



**Figura 21 - A pipoca passando pelos idosos, enquanto assistiam o filme.**

#### 4. PALAVRAS FINAIS, PREPARANDO A PRÓXIMA VIAGEM

Ninguém sonha em ir viver em um asilo, mas estando em um, é preciso continuar a sonhar. Um caminho feliz para os sonhadores em um asilo surge assim nas viagens imaginárias de imagens dinâmicas e felizes. Para encontrar as viagens imaginárias no *Asylo de Pobres* foi preciso se percorrer o caminho mais árduo e mais difícil para percebê-las, por isso as deixei para o final da dissertação, para que sigam ressoando nas imagens do leitor. Neste sentido, Zumthor (2000, p. 63) escreve que “o texto vibra; o leitor o estabiliza, integrando-o àquilo que é ele próprio. Então é ele que vibra, de corpo e alma”.

Em junho de 2008, convidei Victor Hugo para ir comigo ao asilo e chegando lá, o apresentei para a Assistente Social, que estava cuidando da Festa de São João, no salão de refeições. Conversamos um pouco com ela sobre as futuras oficinas com muito entusiasmo e seguimos para os outros locais da casa.

O levei a percorrer os corredores, assim como a Assistente Social fez comigo, na primeira vez que me apresentou o asilo. Ao subirmos as escadas em direção ao pensionato nos deparamos com um senhor bem arrumado, sentado em frente à porta de seu quarto era Maga. Perguntei por quê ele não estava na festa. Sua resposta foi porque ele não gostava, pois já havia feito muito isso em sua vida e agora queria só ficar quieto.

Conversamos por alguns minutos e ele nos perguntou se estávamos indo morar lá, a esse respeito, Beauvoir escreve (1990, p. 312) que “melhor ainda, seria desejável criar, no interior de conjuntos imobiliários habitados por pessoas de todas as idades, grupos de habitações-lares destinadas aos velhos, que seriam independentes, mas que comportariam certos serviços comuns”.

Este senhor perguntou também o que estávamos fazendo lá e lhe expliquei que éramos da FURG e que eu estava a estudo, junto de meu orientador. Durante este primeiro encontro, ele se contradizia muitas vezes, pois ao mesmo tempo que reclamava dizendo que não tinha ninguém para conversar, dizia que não queria fazer nada, só comer, dormir e tomar banho. Contou também que morava no pensionato há quatro anos e no início saía muito, pegava ônibus, mas que agora não queria mais.

Ele contou que estava curioso em descobrir quem foi a musa de Sartre, que perguntou a seu sobrinho, mas não havia recebido resposta ainda. Sugerimos que

poderia ser sua mulher, Simone de Beauvoir, mas ele ressaltou que não, que ela era a mulher, ele queria saber a musa inspiradora. Sua intrigante pergunta permanece.

Pedi então que nos mostrasse seu cômodo, que parecia muito bem decorado e iluminado, com uma sala de estar e o quarto ao fundo, com banheiro. Ele disse que ficássemos a vontade, mas não se mexeu um centímetro da cadeira. Entrei rapidamente, curiosa em ver seus quadros, enquanto que o Victor Hugo adentrou calmamente e em pouco tempo estava a olhar os livros na estante e me perguntou se eu conhecia um certo livro, que cuidadosamente puxou com a ponta dos dedos, era seu *Poemas ao Vento*, dado por Victor Hugo anos atrás à Maga que havia sido um grande ator rio-grandino.

Maga não parava de falar, muito entusiasmado com nossa visita e falava inclusive de seu pensamento sobre não acreditar na matéria e sim no espírito. Ao nos despedirmos ele fez o convite para que voltássemos o que me emocionou. Em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis (1994, p. 01), encontramos descrições do personagem parecidas com a pessoa de Maga, as quais apresento a seguir:

Casmurro não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. Dom veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo [...] O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência [...] Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior, é outra coisa a certos respeito, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. Em verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras.

No dia 18 de setembro de 2008, subi no primeiro andar e encontrei Maga, que gentilmente aceitou o convite para uma entrevista. Conversamos sobre diversos assuntos por mais de vinte minutos e ele finalizou a entrevista brilhantemente recitando alguns versos: “é... a vida não é fácil...o Manoel Bandeira que diz assim: ‘Os anjos cantavam que um menino’ que era o Jesus Cristo né, ‘viera para redimir o homem, essa absurda imagem de Deus’ e é ...e é...”.

As imagens que vivi na convivência com Maga repercutem em mim a cada dia, como esta outra fala sua: “o Fernando Pessoa, aquele poeta português diz assim ‘Estou farto de semi-deuses, onde é que há gente no mundo?’ hehehehehe. É que eu declamo também sabe, muito...”.

No mês de novembro de 2008, fui convidar o Maga para participar da visita na praia do cassino e ele me respondeu que não lhe interessava, mas gentilmente me recitou um poema de Fernando Pessoa, sobre a lamparina que se apaga.

Todas as vezes em que eu ia ao asilo, subia no segundo andar para visitar Maga no pencionato e lá estava ele, sentado na poltrona em frente às escadas e ao lado da porta de seu quarto. Eu o imaginava um homem grande e alto, porque sempre o encontrava sentado. No dia em que o vi caminhando em direção à sala de fisioterapia, no corredor do primeiro andar, pude admirar sua leveza e postura ao caminhar e como ele era *mignon*.

Dia 04 de janeiro de 2010 Maga faleceu. E eu chorei sua morte, como a de um ente querido e ainda choro, ao escrever estas palavras, mas recordo que são lágrimas de emoção feliz, de quem valoriza os aprendizados que teve com este idoso durante a pesquisa. Ele me foi especial, um dos protagonistas desta história e como tal, atuava neste papel, cada vez que eu lhe visitava e estava sempre pronto para as entrevistas. Na troca do ano de 2008 para 2009, perguntei se Maga lembrava da última entrevista, no que ele me respondeu: “vamos fazer outra, ano passado já morreu, nunca é a última, é sempre a penúltima”.

Na internet seu falecimento foi noticiado em blogs de teatro e televisão, como no <http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp>, acessado em 10 de janeiro 2010, e que trazia o seguinte dizer:

"Maga", como era carinhosamente chamado pelos colegas de trabalho, faleceu segunda-feira em Rio Grande (RS), na cidade onde nasceu há 88 anos. Luiz Carlos de Magalhães, começou no radioteatro das rádios Gaúchas e Farroupilha, foi um dos pioneiros da televisão no Rio Grande do Sul, atuou nos teleteatros da TV Piratini. Recebeu vários prêmios pelas atuações em teatro e cinema. Com talento e eterno bom-humor, Magalhães gostava de poesia e tinha no seu repertório um espetáculo com a obra de Mario Quintana. Aqui no Núcleo de Especiais, ele teve muitas participações. Talvez a interpretação mais popular tenha sido o "Padre" de "O Dia em Que Jesus Falou Português", de Aristides Carvalho e Gina O'Donnell. Maga, adeus!

Ele me ajudou a reconhecer o homem do século XX, com o espírito de um camelo e a alma de uma criança, na contradição de ao mesmo tempo que diz querer morrer, recitar poemas com a voz firme e o olhar ao longe.

Quando o trabalho da escrita estava sendo finalizado, Victor Hugo me contou sobre sua primeira professora de filosofia, agora com 80 anos e que virou sua amiga. Ela lhe apresentou na época em que foi sua professora uma das peças que mais lhe marcou na vida e um dos maiores sucessos de Maga, a peça “Máscaras”, onde ele representava esplendidamente o Pierrot, de Menotti Del Picchia (1981, p. 61), recitando:

É tão doce sonhar!... A vida, nesta terra, vale apenas, talvez, pelo sonho que encerra. Ver vaga e espiritual, das cismas nos refolhos, toda uma vida arder na tristeza de uns olhos; não tocar a que se ama e deixar intangida aquela que resume a nossa própria vida, eis o amor, Arlequim, misticismo tristonho, que transforma a mulher na incerteza de um sonho [...] Para que beijar? Para que ver, tristonho, no tédio do meu lábio o vácuo do meu sonho... Beijo dado, Arlequim, tem amargos ressábios... Sempre o beijo melhor é o que fica nos lábios, esse beijo que morre assim como um gemido, sem ter a sensação brutal de ser colhido [...] Ela olhou-me. Olhei... E vi que, comovida, sentiu que, nesse olhar, eu punha a minha vida...

A Educação Ambiental como uma contribuição política, filosófica, estética e epistemológica para a construção do conhecimento foi vivida por mim como pesquisadora no Asylo de Pobres a partir das imagens que foram criadas nas atividades lá realizadas. Quando temos noção das relações, temos um maior coeficiente de transversalidade, podendo ter maiores opções de escolha. “De maneira muito especial, meus saberes anteriores se configuram agora outros. A isso chamamos de aprendizagem” (MARQUES, 2000, p. 26).

Uma dissertação pode terminar como começou dentro de um sonho de infância, assim como em Zaratustra, no caminho no livro de Zaratustra que fala sobre o eterno retorno. A velhice é uma reinvenção do tempo, uma outra imagem de futuro, do futuro no agora. Assim, trazendo mais uma vez a poesia de Rodrigues, nos permitimos devanear em “Asilo de Velhos” aos velhos abandonados (1995, p. 41):

Asilo  
Exílio  
Velhice  
Velhos! Doidice!  
Ah! Quem me disse  
Antes que partisse para uma melhor  
Que a vida é uma tolice  
Pois como todos somos

Quando é dos outros a velhice.  
 Velhice é sempre tardia  
 Quando ela chega já é noite  
 Foi-se o dia  
 Velhice negada dos jovens  
 É covardia  
 Batalha vencida  
 Batalha perdida  
 De quem já perdeu tudo na vida  
 Até perdeu a alegria.

Com esse poema triste e contemporâneo, iniciei o caminhar desta dissertação no projeto de qualificação, em busca de uma micro-intervenção no Asylo de Pobres, descobrindo um pouco da alegria que estava perdida, no fundo dos olhos de cada um que participou das “Oficinas de Criação de Sonhadores”. Trago ele para finalizar esta caminhada, como uma despedida à “Velhice negada” e uma boas vindas para a *Educação voltada à Velhice*.

Segundo Longaker (1998, p. 76): “A vida já é um caminho, uma jornada rumo ao destino supremo da morte. Podemos nos dedicar a fazer dessa jornada um caminho espiritual”. Desta forma, o sentimento de impotência que vivi diante da morte de minha avó, pode ser resgatado ao longo desta dissertação, bem como o preparo para se chegar com espanto imaginário na etapa vital da velhice.

Ao me despedir das pessoas que conheci no asilo, não posso deixar de descrever o local de nosso encontro: no portão da rua, a arquitetura do prédio de 1880, com suas estátuas no alto da fachada e detalhes em ferro no portão, nos remetem à época de sua fundação. O prédio imenso, podendo ser comparado a um labirinto, acomoda os velhos e seus sonhos. Os idosos no banco da entrada demonstram a calma e passividade do local. As lajotas antigas, desgastadas e quebradas, mostram quantos pés já passaram por ali e como os olhos já não percebem que é necessário conservar um espaço tão importante para a história de Rio Grande e sua cultura.

A televisão é uma fonte de informações muito utilizada no asilo, principalmente no quarto das senhoras acamadas. Elas se atualizam pelas notícias que recebem pela televisão. Cada vez que eu fazia as visitas, a TV criava os assuntos para o dia, como o caso de acusação de corrupção da governadora Yeda Crusius, onde muitos davam sua opinião. No dia do velório do cantor Michel Jackson, em todos os quartos em que visitei e na sala de estar, as telas estavam ligadas no mesmo canal. Nesta ocasião, ao serem questionados, o comentário sobre o assunto era geral, que ele havia morrido muito cedo.

Dona Celanira, uma senhora cadeirante, devaneou sobre tomar chimarrão e andar de balanço embaixo da árvore, enquanto me agradecia por encher sua garrafinha de água. Para Bachelard (2008, p. 29):

todos os espaços das nossas solidões passadas, os espaços em que sofremos a solidão, desfrutamos a solidão, desejamos a solidão, comprometemos a solidão, são indelévels em nós. E é precisamente o ser que não deseja apagá-los. Sabe por instinto que esses espaços de sua solidão são constitutivos. Mesmo quando eles estão para sempre riscados do presente, doravante estranhos a todas as promessas de futuro, [...] no próprio devaneio diurno, a lembrança das solidões estreitas, simples, comprimidas, são para nós experiências do espaço reconfortante, de um espaço que não deseja estender-se, mas gostaria sobretudo de ser possuído mais uma vez.

Alternativa positiva esta que encontrei em meus estudos no Asylo de Pobres, onde percebi que nos cômodos grandes e antigos do prédio, novas famílias são constituídas, sem laços de sangue, mas com muita cumplicidade, paciência e solidariedade. Os idosos recebem visitas constantes de pessoas da comunidade e familiares, além de atendimento semanal da Assistente Social, do Fisioterapeuta, da Massagista, das Enfermeiras e de outros profissionais especializados. Profissionais estes que não medem esforços para atender aos idosos com carinho e sensibilidade.

O diálogo apareceu como um aliado na busca do sonho na velhice, pelas palavras da funcionária Bianca “um meio, acho que é uma questão de diálogo, de conversar com eles. Que eles possam voltar a sonhar novamente” e de como eles falam coisas importantes durante as conversas: Neca, uma parceira constante na pesquisa e na realização das oficinas comenta:

Tem momentos assim, que eles falam coisas muito importantes, bem diferenciado dos outros dias. Então pegar e né, ó, ta pensando, ta com saudades. Do mar... do mar, eu peguei na época disso aí, conversando eles falaram do mar e eu peguei esse passeio no Cassino que nós fizemos. Eu acho que é assim, pra realizar o sonho deles e fazer com que eles falem.

Escrevi aqui, com o sentimento de Gaston Bachelard, que desenvolveu a teoria estudada, depois de seus 80 anos, por volta 1957. Desta forma, aprendi a ver em cada idoso o potencial de um sonhador de mundo, onde “o homem do devaneio banha-se na felicidade de sonhar o mundo, banha-se no bem estar de um mundo feliz. O sonhador é dupla consciência do seu bem-estar e do mundo feliz” (BACHELARD, 1988. P. 152).



Procurando por gente, encontrei em cada velho do asilo, um sonhador de mundos, onde “numa exaltação da felicidade de ver a beleza do mundo, o sonhador acredita que entre ele e o mundo há uma troca de olhares, como no duplo olhar do amado e da amada” (BACHELARD, 1988. P. 178). Sonhador é “criador de mundo” (MARQUES, 2000, p. 89) “O que faz a escrita não são simples sinais gravados num suporte físico, mas é a significância que eles adquirem ao se inscreverem na ordem simbólica pela qual os homens se entendem criando seus mundos.”

Desta forma, a dissertação procura transparecer a dimensão afirmativa do idoso, não para que o leitor sinta pena dele, mas o reconheça como uma pessoa digna, que está envelhecendo dentro de suas limitações. Assim, Herédia, Cortelletti & Casara (2004, p. 65) escrevem que “o papel da memória, aliado à lembrança no processo de envelhecimento, tem um lugar privilegiado na construção da identidade do ser velho, visto que a identidade do indivíduo é um *continuum* de representações do seu *estar sendo* no mundo”. Beauvoir apresenta este estar sendo no mundo brilhantemente nas palavras de Confúcio, que explicam da proximidade entre ser criança e velho:

Confúcio justificava moralmente a autoridade, associando a velhice à posse de sabedoria: ‘Aos 15 anos, eu me aplicava ao estudo da sabedoria; aos 30, consolidei-o; aos 40, não tinha mais dúvidas; aos 60, não havia mais nada no mundo que me pudesse chocar; aos 70, podia seguir os desejos do meu coração sem transgredir a lei moral (1990, p. 113).

Para Feltes (2004, p. 9) “a reeducação para a cidadania envolve, pois, um projeto multidisciplinar [...], orientado pela formulação da problemática do envelhecimento como um fenômeno a ser compreendido sobretudo no plano cultural, naquilo que implica nas visões pessoais e sociais sobre o envelhecer”. Assim, Gravinis (2009, p. 38) escreve que “a velhice caracterizada com aspectos positivos, e por vezes negativamente, constitui reflexo dos diferentes saberes, conquistas, frustrações, vivências e experiências, onde não pode ser enxergada como etapa terminal, mas base para novos olhares”.

Ao transcrever as entrevistas, escuto o tom das vozes gravadas, cada emoção escutada, cada palavra suspirada, me pergunto como poderia explicá-las em palavras escritas. O resultado mais lindo foi sentar junto a eles, olhar em seus olhos e ouvir o que tinham a dizer. Cada voz, cada gesto, gravados e sentidos. Se a cada um eu remetia à

minha amada avó? Talvez, o leitor acostumado a ouvir e olhar seus avós e aos outros velhos compreenderá o que digo.

Os velhos narraram suas histórias, remetendo à sua solidariedade com sua juventude. Neste sentido, Beauvoir (1990, p. 446) escreve:

Eles recusam o tempo porque não querem decair, definem seu antigo eu como aquele que continuam a ser: afirmam a sua solidariedade com sua juventude. Mesmo que tenham superado a crise de identificação e tenham aceitado uma nova imagem deles mesmos (a boa avó, o aposentado, o velho escritor) cada um conserva intimamente a convicção de ter permanecido imutável: evocando lembranças, eles justificam essa segurança. Às degradações da senescência opõem uma imutável essência e narram incansavelmente para si mesmos aquele ser que foram e que sobrevive neles.

Para Beauvoir (1990, p. 495) “nós mudamos: mas sem perder nossa identidade. Nossas raízes, nosso passado, nosso ancoradouro no mundo permanecem imutáveis: é por aí que se definem os objetivos que nos esperam, no futuro, as coisas a fazer, as coisas a dizer.”

Concluindo por hora, para que os sonhos nunca se terminem, e como aprendiz de um filósofo, ao findar esta viagem imaginária que foi o mestrado, já me vejo criando novas experiências oníricas! Ao findar também a viagem da escrita, me preparo para a próxima, com uma bagagem de aprendizagens e vontade de continuar no caminho da construção de conhecimentos e sonhos.

De certo modo, o tema desta pesquisa trouxe a marca de um reencontro: com minha avó, com os meus devaneios voltados à infância, com os idosos e com os devaneios voltados à infância deles. É justamente este devaneio voltado à infância que ativa a minha memória, recria e torna viva a imaginação criadora do meu ser sonhador, fazendo com que eu volte a observar o habitual, o supérfluo, como um espetáculo sempre novo da vida. Ou seja, encontrar com idosos traz para mim a marca da renovação de meus sonhos, e me faz querer pesquisar, investigar e ir além em minha formação como Educadora Ambiental. Um asilo sonha, assim como as palavras, que ressoam em nós, pesquisadores, velhos e leitores, sempre prontos a nos tornarmos aprendizes de espanto imaginário.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ALVES, Rubem *Entre a Ciência e a sapiência*. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

ARTMANN, E. *A Idade de Ouro: envelhecendo com sabedoria*. Editora Butterfly, 2002

ASSIS, Machado de *Contos Seleccionados*. VOL. II, Rio de Janeiro: Prazo-livro Ltda.,

\_\_\_\_\_, M. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, Biblioteca digital MEC Brasil, 1994.

BACHELARD, G. *A poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_, G. *A Água e os Sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_, G. *A poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BAUMGARTEN, L. *Asilo de Pobres da cidade do Rio Grande, RS*. [http://www.gostodeler.com.br/materia/349/Asilo\\_de\\_Pobres.html](http://www.gostodeler.com.br/materia/349/Asilo_de_Pobres.html), 2008.

BAYER, Raymond *História da Estética*. Lisboa: Editora Estampa, 1979.

BEAUVOIR, Simone de *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BORN, Tomiko *Cuidado ao Idoso em Instituição*. In: PAPALÉO Netto, Matheus *Gerontologia – A Velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada*. São Paulo: Editora Atheneu, 2005.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL, Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999.

\_\_\_\_\_, *Estatuto do Idoso*, Parecer Nº 1301, DE 2003.

BRONFENBRENNER, U., & MORRIS, P. *The ecology of developmental processes*. Em R. M. Lerner & W. Damon (Org.), *Handbook of child psychology* (Vol. 1. pp. 993–1027). New York: John Wiley & Sons, 1998.

BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996 (Original publicado em 1979).

BÜCHNER, Georg. *Woyzeck*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

BUORO, Anamelia Bueno *Olhos que pintam, a leitura da imagem e o ensino da arte*. São Paulo: EDUC/ FAPESP/ CORTEZ, 2002.

CASTRO, Manuel Antônio de. *Ecologia: a cultura como habitação*. In: SOARES, Angélica (org.). *Ecologia e literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

CHIPP, Herschel Browning. *Teorias da arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CRUZ, Manoel Luís *Lazer e Política Pública em Rio Grande*. Rio Grande: FURG, 2008.

DACOSTA, Lamartine P. *O olhar e o pensar ambientalista*. In: *Ecologia e literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

DIAS, G. F. *Educação Ambiental: princípios e práticas*. 8. ed. São Paulo: Gaia, 2003.

DUPLESSIS, Yves. *O Surrealismo*. São Paulo: Difusão européia do livro, 1956.

ÉSTEVEZ, Pablo René *O Belo Rta*: Ed. Grafica, 2000.

\_\_\_\_\_, Pablo René *A Educação Estética, experiências da escola cubana*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003.

\_\_\_\_\_. Pablo René *A Alternativa Estética na Educação*. Rio Grande: Ed. Da FURG, 2009.

FACIOLI, Valentim. *Modernismo, vanguardas e surrealismo no Brasil*. In: \_\_\_\_ (org.). *Surrealismo e novo mundo*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes (prefácio) In: CORTELLETTI; CASARA & HERÉDIA, (Org.) *Idoso asilado, um estudo gerontológico*, Caxias do Sul, RS: Educs/Edipucrs, 2004.

FERNANDES, F. B. M. *A notícia do achamento do mundo*. Rev. Bras. EA/Rede Bras. EA, n.2, Brasília: Rede Brasileira de Educação Ambiental, 2007.

FREZZATTI JUNIOR, Wilson Antônio *A Fisiologia de Nietzsche: a superação da dualidade cultura/biologia*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2006.

GALIAZZI, M. C. *Educar pela Pesquisa - ambiente de formação de professores de ciências*. Ijuí: ed. Unijuí, 2003.

\_\_\_\_\_. & FREITAS, J. V. (org.). *Metodologias emergentes de pesquisa em Educação Ambiental*. – 2.ed. Ijuí: ed. Unijuí, 2007.

GEERTZ, Clifford *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

GRAVANIS, Claudete Rodrigues Teixeira *(Re)construindo um novo pensar: proposta transformadora de idosos participantes do NUTI, alicerçada nos fundamentos da Educação Ambiental*. Dissertação de mestrado. Rio Grande: FURG, 2009.

GUATTARI, F. *As Três Ecologias*. 15.ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Maneirismo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

HERÉDIA, V. B.M.; CORTELLETTI, I. A & CASARA, M.B. *Institucionalização do idoso: identidade e realidade*. In: CORTELLETTI; CASARA & HERÉDIA, (Org.) *Idoso asilado, um estudo gerontológico*, Caxias do Sul, RS: Educs/Edipucrs, 2004.

HERÉDIA, V. B.M.; CORTELLETTI, I. A & CASARA, M.B. *O asilamento sob o olhar de histórias de vida*. In: CORTELLETTI; CASARA & HERÉDIA, (Org.) *Idoso asilado, um estudo gerontológico*, Caxias do Sul, RS: Educs/Edipucrs, 2004.

HILL, Telênia. As manifestações artísticas. In: SAMUEL, Rogel (org.). *Manual de teoria literária*. Petrópolis: Vozes, 1985.

KAGAN, M. *Lecciones de Estética Marx-Leninistas*. 1984.

KOLLER, S. H. *Conversando com Bronfenbrenner*. In: Koller, S. H. (org.). *Ecologia do Desenvolvimento Humano. Pesquisa e Intervenção no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p.43-51.

KOZULIN, A. *La Psicología de Vygotsky*. Madrid: Alianza, 1994.

LAFIN, Silvio Henrique Filippozzi *Asilos: algumas reflexões*. In: CORTELLETTI; CASARA & HERÉDIA (Org.) *Idoso asilado, um estudo gerontológico*, Caxias do Sul, RS: Educs/Edipucrs, 2004.

LARROSA, J. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, 280p.

LEVY, Pierre *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Sérgio. *A aventura surrealista*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

LONGAKER, C. *Esperança diante da morte: preparando espiritualmente a partida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LORCA, Federico García. *Bodas de sangue*. Trad. de Cecília Meireles. Rio de Janeiro: Aguillar, 1975.

MACHADO, Roberto *Arte e Filosofia no “Zaratustra” de Nietzsche*. In.: NOVAES, Aduino (Org.) *Artepensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MALINOWSKI, Bronislaw *Argonautas do Pacífico Ocidental, um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1976.

MARQUES, Mario Osorio *Escrever é preciso – o princípio da pesquisa*. Editora Unijuí. 2000.

MINAYO, M. C. de S. (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOLON, S. I. *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Subjetividade, sujeito e atividade criadora: questões para a formação continuada de educadores(as) na abordagem sócio-histórica*. In: Silvia Zanatta da Ros; Kátia Maheirie; Andréa Vieira Zanella. (Org.) *Relações Estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência*. 1ed. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2006, v.1, p. 95-114.

\_\_\_\_\_. *Constituição do sujeito volitivo e criativo: educação estética em Vygotsky*. In: Andréa Vieira Zanella; Kátia Maheirie; Silvia Zanatta da Ros; Fabíola Cirimbelli Búrigo; Lucilene Sander. (Org.) *Educação Estética e Constituição do Sujeito: reflexões em curso*. 1ed. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007, v.1, p.121-130.

MONTEIRO, Alice Gogaça *As Histórias que os Pescadores não contaram: construindo sonhos e narrativas através das vivências do grupo de artesãs da Barra* Dissertação de mestrado. Rio Grande: FURG, 2008.

MORAES, M. C. & TORRE, S. *SENTIPENSAR - Fundamentos e estratégias para reencantar a educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Pensamento Eco-sistêmico - Educação, aprendizagem e cidadania no século XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MORAES, R. & GALIAZZI, M. C. *Análise Textual Discursiva*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

\_\_\_\_\_, Roque *Mergulhos Discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos*. In: GALIAZZI, M.C.. & FREITAS, J. V. (org.). *Metodologias emergentes de pesquisa em Educação Ambiental*. – 2.ed. Ijuí: ed. Unijuí, 2007.

MORAGAS, R. M. *Gerontologia Social: envelhecimento e qualidade de vida*. São Paulo: Paulinas, 1997.

NIETZSCHE, F. W. *Assim falou Zaratustra*. 1.ed. (tradução de Heloisa da Graça Burati), São Paulo: Rideel, 2005.

NOGUEZ, J. A. *A Libertação da Alma Sonhadora: Experiências de Educação Ambiental vivenciadas com detentas da Penitenciária Estadual RG* Dissertação de mestrado. Rio Grande: FURG, 2006.

OLIVEIRA, Caroline Terra *Pescadores de Sonhos e Esperanças: experiências em Educação Ambiental com trabalhadores da Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel – Rio Grande/RS* Dissertação de mestrado. Rio Grande: FURG, 2008.

ORMEZZANO, G. *Debate sobre abordagens e perspectivas da educação estética*. Em Aberto, Brasília, v. 21, n.77, 2007, p. 15-38.

PESSOA, Fernando *O Eu profundo e os outros eus: seleção poética*. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1976.

PICCHIA, Menotti Del *Poemas*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1981.

PINO, A. *A produção imaginária e a formação do sentido estético. Reflexões úteis para uma educação humana*. Pró-Posições, v. 17, n. 2 (50), 2006, p. 47-69.

PINO, A. *Imaginário e produção Imaginária: Reflexões em educação*. In: Silvia Zanatta da Ros; Kátia Maheirie; Andréa Vieira Zanella. (Org.) *Relações Estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência*. 1ed. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2006, v.1, p. 49-75.



PONGE, Robert. Surrealismo e viagens. In: \_\_\_\_ (org.). *Surrealismo e novo mundo*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

PORCIUNCULA, A. S. & TEIXEIRA, V. V. L. *Asilo de Pobres: uma interferência interdisciplinar*. Monografia. Rio Grande: FURG, 2005.

PORTO, I. & KOLLER, S. *Violência na família contra pessoas idosas*. Interações, v. XII, nº 22, p. 105-142, Jul./Dez. 2006

PORTO, I. & KOLLER, S. *Violência contra idosos institucionalizados*. PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora, v. 9, nº 1, p. 1-9, Jan./Jun., 2008.

REBOITA, M. S. *Motivos que levaram os idosos a residir no Asilo de Pobres de Rio Grande*. Monografia. Rio Grande: FURG, 1998.

REBOUÇAS, Marilda de Vasconcellos. *Surrealismo*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1986.

RODRIGUES, V.H.G. *Boa...Noite...Solidão...* São Paulo: João Scortecci Editora, 1992.

\_\_\_\_\_ *Plano-Piloto*. São Paulo: João Scortecci Editora, 1992.

\_\_\_\_\_ *Primeiros Vôos*. São Paulo: João Scortecci Editora, 1992.

\_\_\_\_\_ *Poemas ao Vento*. São Paulo: João Scortecci Editora, 1992.

\_\_\_\_\_ *Tractatus Silentium*. São Paulo: João Scortecci Editora, 1993.

\_\_\_\_\_ *Forte Jesus-Maria-José*. São Paulo: EDICON, 1995.

\_\_\_\_\_ *Por uma Filosofia do Espanto Imaginário - Uma tentativa de reconstrução, através das imagens poéticas, da formação do filósofo-sonhador numa perspectiva bachelardiana*. Tese de Doutorado USP. São Paulo: 1999.

\_\_\_\_\_ *Filosofia Onírica de Gaston Bachelard em mundos desencantados e tempos sombrios*. AMBIENTE & EDUCAÇÃO, vol. 13, 2008.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In.: HECKTHEUER, Luiz Felipe Alcântara [et al.] *Políticas públicas de esporte e lazer na cidade do Rio Grande*. Rio Grande: [s.n.], 2009.

RUSCHENSKY, A. (org.). *Educação Ambiental: abordagens múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SAMUEL, Rogel. *Arte e sociedade*. In: \_\_\_\_ (org.). *Manual de teoria literária*. Petrópolis: Vozes, 1985.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, A. *Convite à estética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

SANTOS, B. S. *Um Discurso Sobre as Ciências*. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, S.S.C. *Asylo de Pobres: na busca da melhoria da qualidade de vida de seus idosos residentes*. <http://www.portaldoenvelhecimento.net/modos/modos35.htm>, 2008.

SATO, M. *Apassionadamente Pesquisadora em Educação Ambiental*. *EDUCAÇÃO: Teoria e Prática* - vol. 9, nº 16, jan.-jun.-2001 e nº 17, jul.-dez - 2001, p. 24-35.

\_\_\_\_\_. *Educação Ambiental*. Editor: Santos, J.E. - São Carlos: RIMA, 2002.

SAWAIA, B. B. *Introduzindo a afetividade na reflexão sobre estética, imaginação e constituição do sujeito*. In: Silvia Zanatta da Ros; Kátia Maheirie; Andréa Vieira Zanella. (Org.) *Relações Estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência*. 1ed. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2006, v.1, p. 85-94.

SOUZA, V.B.; MASSAIA, E. & MARQUES, C. *A importância de uma 'alfabetização' sobre o envelhecimento* In: DORNELLES, B. & COSTA, G. J.C. (Orgs.) *Investindo no Envelhecer Saudável*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SHAKESPEARE, William. *Macbeth*. Trad. de Manuel Bandeira. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Lisboa: Inquérito, 1986.

THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa-ação*. 11. Ed., São Paulo: Cortez, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais - A Pesquisa Qualitativa em Educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

URRUTIGARAY, Maria Cristina *Arteterapia: a transformação pessoal pelas imagens*. Rio de Janeiro: WAK, 2003.

VELASCO, S.L. *Ética Argumentativa da Libertação e Epistemologia da Educação Ambiental Problematizadora*. Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambiental. Rio Grande: FURG, ISSN 1517-1256, v. 13, p. 64-91, jan/jun. de 2004.

\_\_\_\_\_. *Alias Roberto - Diário ideológico de una generación*. Montevideo, Uruguay: Ed. Baltgrafica, 2007.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Educação Ambiental Ecomunitarista*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2008.

\_\_\_\_\_. *A Educação Ambiental Ecomunitarista e a Síntese de Freire e Saviani*. Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambiental. Rio Grande: FURG, ISSN 1517-1256, v. 20, p. 468-476, jan/jun. de 2008.

VYGOTSKY, L. S. *La imaginación y el arte en la infancia: ensayo psicológico*. Madrid: Ediciones AKAL S.A., 1990.128p.

\_\_\_\_\_. *Obras Escogidas III: problemas Del desarrollo de la psique*. Madrid: Visor Distribuciones S. A., 1995.

\_\_\_\_\_. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Psicología pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WITCZAK, Marcus Vinícius Castro *Envelhecer ao aposentar-se: discutindo a aposentadoria masculina, o envelhecer e o subjetivar*. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Psicologia, 2001.

YUNES, M. A. & SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. *Resiliência e Educação*, no prelo.

YUNES, M. A. & JULIANO, M. C. C. A Bioecologia do Desenvolvimento Humano e suas Interfaces com a Educação Ambiental. *Cadernos de Educação da UFPEL*, no prelo.

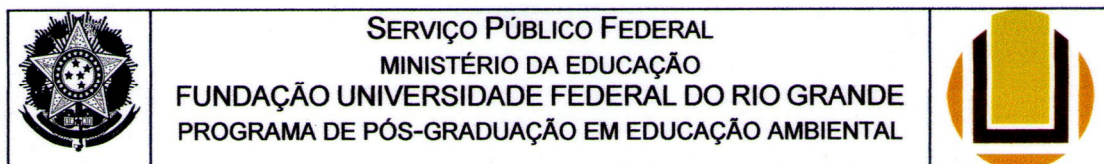
ZANELLA, A. V. “*Pode até ser flor se flor parece a quem o diga*”: reflexões sobre Educação Estética e o processo de constituição do sujeito. In: Silvia Zanatta da Ros; Kátia Maheirie; Andréa Vieira Zanella. (Org.) *Relações Estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência*. 1ed. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2006, v.1, p. 33-47.

ZUMTHOR, Paul *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: EDUC, 2000.

<http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer.getBlog&uf=1&local=1&template=3948.dwt&section=Blogs&post=261364&blog=140&coldir=1&topo=4286.dwt> – Acessado em 10/01/2010

[http://www.casamenotti.com.br/poesias\\_texto.htm](http://www.casamenotti.com.br/poesias_texto.htm) - acessado em 21/04/2010

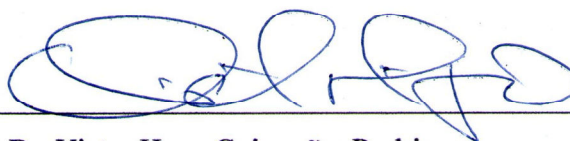
## ANEXOS




### CARTA DE APRESENTAÇÃO

Venho através desta, apresentar a mestranda Flávia Luce Maisonnave, do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental e do NUPEEO (Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação Estética Onírica), para realizar um projeto de pesquisa nesta instituição, denominado “Educação Ambiental no Asylo de Pobres através da Educação Estética Onírica”, sob a orientação do professor Victor Hugo Guimarães Rodrigues, sem nenhum ônus para esta instituição.

Rio Grande, 20 de maio de 2008.



Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues  
Coordenador do NUPEEO

  
PROCURADOR  
21/05/08

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL – PPGEA  
E-mail: msa@furg.br – Fone: 51 36615 -

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a).

#### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

**Título do Projeto:** DE IMAGENS A SONHOS, UMA MICRO-INTERVENÇÃO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL ESTÉTICA ONÍRICA NO ASILO DE POBRES, RIO GRANDE, RS.

**Pesquisador Responsável:** Flávia Luce Marangoni

**Orientador:** Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues

**Telefone para contato da pesquisadora:** (51) 96957497

#### JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar a questão da pesquisa “Como os diferentes sujeitos, inseridos ou não na rotina de um asilo, se relacionam e produzem seus devaneios individuais e coletivos, possibilitando a criação de imagens sonhadoras?” é o quanto a sociedade moderna precisa resignificar seu olhar sobre esta fase da vida, a velhice, pela qual todos iremos passar. A pesquisa se justifica pela crescente associação da Educação Estética à Educação Ambiental, procurando estudar as singularidades existenciais entre os sujeitos, potencializando os processos de criação onírica. O objetivo desse projeto é investigar as relações e possibilidades de Educação Ambiental no Asilo de Pobres de Rio Grande, através da Educação Estética Onírica, através do estudo das singularidades existenciais entre os sujeitos das relações em um asilo e potencializar os processos de criação estética onírica. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: ocorrerão durante o ano de 2008 e 2009, com propostas de oficinas de cunho estético-onírico no asilo, bem como atividades na unidade de Rio Grande, entrevistas

gravadas, coleta de relatos, fotos e observações, que ocorrerão no período de visitação da Instituição e em datas marcadas com antecedência.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

**DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A)  
PARTICIPANTE**

Eu, Lúcia Both Griebler, abaixo assinado, concordo em participar do estudo DE IMAGENS A SONHOS, UMA MICRO-INTERVENÇÃO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, ESTÉTICA ONÍRICA NO ASILO DE POBRES, RIO GRANDE, RS. Foi informado(a) pela pesquisadora Flávia Luce Maisonave dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo ( ) Não autorizo ( ) a publicação de eventuais fotografias que a pesquisadora necessitar obter de mim, de minha família ou do meu recinto para o uso específico em sua dissertação.

Local e data: Rio Grande 17/12/2009

Nome: Lúcia Both Griebler

Assinatura do sujeito ou Responsável: Lúcia Both Griebler

Assinatura da pesquisadora: Flávia Luce Maisonave

gravadas, coleta de relatos, fotos e observações, que ocorrerão no período de visitação da Instituição e em datas marcadas com antecedência.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

**DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A)  
PARTICIPANTE:**

Eu, CARLOS GELCI AVILA, abaixo assinado, concordo em participar do estudo DE IMAGENS A SONHOS, UMA MICRO-INTERVENÇÃO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL ESTÉTICA CONHECIDA NO ASILO DE FOMRES, RIO GRANDE, RS. Foi informado pela pesquisadora Elvira. Logo após a leitura dos objetivos da pesquisa aceitei de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo ( ) Não autorizo  a publicação de eventuais fotografias que a pesquisadora necessitar obter de mim, de minha família ou do meu recinto para o uso específico em sua dissertação.

Local e data: Rio Grande 10/10/2007

Nome: Carlos Gelci Avila

Assinatura do sujeito ou Responsável: [Assinatura]

Assinatura da pesquisadora: [Assinatura]



gravadas, coleta de relatos, fotos e observações, que ocorrerão no período de visitação da Instituição e em datas marcadas com antecedência.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

**DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A)  
PARTICIPANTE:**

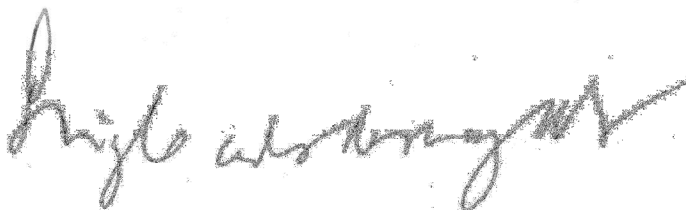
Eu LUIZ CARLOS DE MOURA, abaixo assinado, concordo em participar do estudo **DE IMAGENS A SONHOS, UMA MICRO-INTERVENÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL, ESTÉTICA ONÍRICA NO ASILO DE POBRES, RIO GRANDE, RS.** Foi informado(a) pela pesquisadora Flávia Luiza Moura dos objetivos da pesquisa, da natureza ética e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo  Não autorizo  a publicação de eventuais fotografias que a pesquisadora necessitar obter de mim, de minha família ou do meu recinto para o uso específico em sua dissertação.

Local e data: RIO GRANDE 11/08/2009

Nome: LUIZ CARLOS DE MOURA

Assinatura do sujeito ou Responsável: \_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora: Flávia Luiza Moura



gravadas, coleta de relatos, fotos e observações, que ocorrerão no período de visitaçã da Instituição e em datas marcadas com antecedência.

A participação no estudo não acarretará ônus para você e não será disponibil nenhuma compensação financeira adicional.

**DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A) PARTICIPANTE:**

Eu, SONIA MARY C. NUNES, abaixo assinado, concordo em participar do estudo DE IMAGENS A SONHOS, UMA MICRO-INTERVENÇÃO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL ESTÉTICA, ONÉRICA NO ANILO DE POBRES, RIO GRANDE, RS. Foi informado(a) pela pesquisadora Flavia Luce Maironmar dos objetivos de pesquisa assim de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo  Não autorizo  a publicação de eventuais fotografias que a pesquisadora necessitar obter de mim, de minha família ou do meu recinto para o uso específico em sua dissertação.

Local e data: Rio Grande 17/12/09.

Nome: SONIA MARY C. NUNES

Assinatura do sujeito ou Responsável: Sonia Mary C. Nunes

Assinatura da pesquisadora: Flavia Luce Maironmar

gravadas, coleta de relatos, fotos e observações, que ocorrerão no período de visitação da Institui o e em datas marcadas com antecedência.

A participa o no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensa o financeira adicional.

**DECLARA O DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A)  
PARTICIPANTE**

Eu, LINO CLAUDETE PEREIRA, abaixo assinado, concordo em participar do estudo DE IMAGENS A SONHOS, UMA MICRO-INTERVEN O DE EDUCA O AMBIENTAL ESTÉTICA ONÍRICA NO ASILO DE POBRES, RIO GRANDE, RS. Foi informado(a) pela pesquisadora Flavia Luce Maizennave dos objetivos da pesquisa sendo de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo  Não autorizo  a publica o de eventuais fotografias que a pesquisadora necessitar fazer de mim, de minha família ou de meus bens para a sua pesquisa em sua disciplina.

Local e data: RIO GRANDE 20/01/2010

Nome: LINO CLAUDETE PEREIRA

Assinatura do sujeito ou Responsável: [Assinatura]

Assinatura da pesquisadora: Flavia Luce Maizennave

gravadas, coleta de relatos, fotos e observações, que ocorrerão no período de visitação da Instituição e em datas marcadas com antecedência.

A participação no estudo não implicará em qualquer remuneração ou qualquer outra forma de nenhuma compensação financeira adicional.

**DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A) PARTICIPANTE**

Eu, ROBERTA, abaixo assinado, concordo em participar do estudo **DE IMAGENS A SONHOS, UMA MICRO-INTERVENÇÃO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL ESTÉTICA OPERICA NO ASILO DE POBRETE RIO GRANDE, RS**. Foi informado(a) pela pesquisadora Flávia Lúcia Malmgren dos objetivos de pesquisa sobre de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo  não autorizo  a publicação de resultados integrais que a pesquisadora necessitar obter do nome de minha família ou do meu círculo para a uso específico em sua dissertação.

Local e data: Rio Grande 21/01/2010

Nome: ROBERTA

Assinatura do sujeito ou Responsável: Roberto

Assinatura da pesquisadora: Flávia Lúcia Malmgren

gravadas, coleta de relatos, fotos e observações, que ocorrerão no período de visitação da Instituição e em datas marcadas com antecedência.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A)  
PARTICIPANTE:

Eu, MARIA SONILDA RIEFEL, abaixo assinado, concordo em participar do estudo DE IMAGENS A SONHOS, UMA MICRO-INTERVENÇÃO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL ESTÉTICA ONÍRICA NO ASILO DE POBRES, RIO GRANDE, RS. Foi informado(a) pela pesquisadora Flávia Luce Maitennave dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo  Não autorizo  a publicação de eventuais fotografias que a pesquisadora necessitar obter de mim, de minha família ou do meu recinto para o uso específico em sua dissertação.

Lugar e data: RIO GRANDE 20/01/2010

Nome: MARIA SONILDA RIEFEL

Assinatura do sujeito ou Responsável:

Assinatura da pesquisadora:

Maria Sonilda Riefel  
Flávia Luce Maitennave

gravadas, coleta de relatos, fotos e observações, que ocorrerão no período de visitação da Instituição e em datas marcadas com antecedência.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A)  
PARTICIPANTE:

Eu, DORALINA LOPES, abaixo assinado, concordo em participar do estudo DE IMAGENS A SONHOS, UMA MICRO-INTERVENÇÃO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL ESTÉTICA ONÍRICA NO ASILO DE POBRES, RIO GRANDE, RS. Fui informado(a) pela pesquisadora Flávia Luce Maisonnave dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo  Não autorizo  a publicação de eventuais fotografias que a pesquisadora necessitar obter de mim, de minha família ou do meu recinto para o uso específico em sua dissertação.

Local e data: RIO GRANDE - 20/01/2010

Nome: DORALINA LOPES

Assinatura do sujeito ou Responsável: DORALINA LOPES

Assinatura da pesquisadora: Flávia Luce Maisonnave

gravadas, coleta de relatos, fotos e observações, que ocorrerão no período de visitação da Instituição e em datas marcadas com antecedência.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

**DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A) PARTICIPANTE:**

Eu, MARISA HELENA SOUZA, abaixo assinado, concordo em participar do estudo **DE IMAGENS A SONHOS, UMA MICRO-INTERVENÇÃO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL ESTÉTICA ONÍRICA NO ASILO DE POBRES, RIO GRANDE, RS.** Foi informada pela pesquisadora Flávia Luce Malinowicz dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo  Não autorizo ( ) a publicação das eventuais fotografias que a pesquisadora necessitar obter de mim, de minha família ou de meu recinto para o uso específico em sua dissertação.

Local e data: RIO GRANDE 2010/01/18/10

Nome: MARISA HELENA SOUZA

Assinatura do sujeito ou Responsável: MARISA HELENA SOUZA

Assinatura da pesquisadora: Flávia Luce Malinowicz

gravadas, coleta de relatos, fotos e observações, que ocorrerão no período de visitação da Instituição e em datas marcadas com antecedência.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

**DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DE SEU RESPONSÁVEL (ELCVA)**  
**PARTICIPANTE**

Eu, VITÓRIA, abaixo assinado, concordo em participar do estudo DE IMAGENS A SONHOS, UMA MICRO-INTERVENÇÃO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL ESTÉTICA ONÍRICA NO ASILO DE POBRES, RIO GRANDE, RS. Fui informado(a) pela pesquisadora Flávia Luce Maisonnave dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo  Não autorizo  a publicação de eventuais fotografias que a pesquisadora necessitar obter de mim, de minha família ou de meu trabalho para o uso científico em sua dissertação.

Assinatura do(a) participante ou responsável: \_\_\_\_\_

Assinatura do sujeito ou Responsável: \*

Assinatura da pesquisadora: Flávia Luce Maisonnave



gravadas, coleta de relatos, fotos e observações, que ocorrerão no período de visitaçao da Instituição e em datas marcadas com antecedência.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

**DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO SUJEITO RESPONSÁVEL PELO(A)  
PARTICIPANTE**

Eu, MARA LEISA, abaixo assinado, concordo em participar do estudo **DE IMAGENS A SONHOS, UMA MICRO-INTERVENÇÃO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL ESTÉTICA ONÍRICA NO ASILO DE POBRES, RIO GRANDE, RS.** Foi informado(a) pela pesquisadora Flavia Luce-Maisonave dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo  Não autorizo  a publicação de resultados parciais que a pesquisadora necessitar utilizar em seus trabalhos científicos em de meu nome para o qual assumo uma total responsabilidade.

Local e data: Rio Grande 21/01/2010

Nome: MARA LEISA

Assinatura do sujeito ou Responsável: [Assinatura]

Assinatura da pesquisadora: [Assinatura]

gravadas, coleta de relatos, fotos e observações, que ocorrerão no período de visitação da Instituição e em datas marcadas com antecedência.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

**DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A)  
PARTICIPANTE:**

Eu, Leni da Silveira Pereira, abaixo assinado, concordo em participar do estudo **DE IMAGENS A SONHOS. UMA MICRO-INTERVENÇÃO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL ESTÉTICA ONÍRICA NO ASILO DE POBRES, RIO GRANDE, RS.** Foi informado(a) pela pesquisadora Flavia Luce Maisonnave dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo ( ) Não autorizo ( ) a publicação da pesquisa, incluindo fotos e registros em qualquer mídia, em minha nomeação ou de meu responsável para a mesma finalidade que esta pesquisa.

Local e data: RIO GRANDE 21/01/2010.

Nome: LENI DA SILVEIRA PEREIRA

Assinatura do sujeito ou Responsável: Leni

Assinatura da pesquisadora: Flavia Luce Maisonnave